



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

LUCAS LUSTOSA DE BRITO

RESISTÊNCIA, MÍDIA E CIDADANIA:
NARRATIVAS NEGRAS NO PROGRAMA ESPELHO DO CANAL BRASIL

GOIÂNIA

2020

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

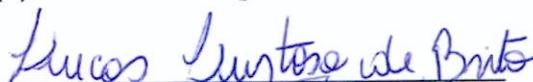
Nome completo do autor: Lucas Lustosa de Brito

Título do trabalho: Resistência, Mídia e Cidadania: narrativas negras no Programa Espelho do Canal Brasil

3. Informações de acesso ao documento:

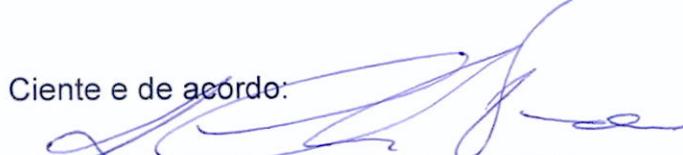
Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 04 / 02 / 2020

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

LUCAS LUSTOSA DE BRITO

RESISTÊNCIA, MÍDIA E CIDADANIA:
NARRATIVAS NEGRAS NO PROGRAMA ESPELHO DO CANAL BRASIL

Trabalho apresentado à Banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, nível mestrado, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, como requisito para Defesa de Dissertação.

Área de Concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania.

Linha de Pesquisa: Mídia e Cidadania

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

GOIÂNIA

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Brito, Lucas Lustosa de
Resistência, mídia e cidadania [manuscrito] : narrativas negras no Programa Espelho do Canal Brasil / Lucas Lustosa de Brito. - 2020.
120 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós
Graduação em Comunicação, Goiânia, 2020.
Bibliografia. Anexos.
Inclui lista de figuras.

1. Raça – pessoa negra. 2. Cidadania da pessoa negra. 3. Narrativas televisivas. 4. Programa Espelho. I. Temer, Ana Carolina Rocha Pessoa , orient. II. Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **04/2020** da sessão de Defesa de Dissertação de **Lucas Lustosa de Brito**, que confere o título de Mestre(a) em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania**.

Aos **trinta e um dias de janeiro de dois mil e vinte**, a partir das catorze horas, na Sala de Webconferência do CIAR, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“RESISTÊNCIA, MÍDIA E CIDADANIA: NARRATIVAS NEGRAS NO PROGRAMA ESPELHO DO CANAL BRASIL”**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professora Doutora **Ana Carolina Rocha Pessoa Temer [FIC/UFG]** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Rosângela Malachias [PPGEduc/UFRRJ], membro titular externo; **cuja participação ocorreu através de videoconferência**, Professora Doutora Luciana de Oliveira Dias [PPGIDH/UFG], membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Ana Carolina Rocha Pessoa Temer**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **trinta e um dias de janeiro de dois mil e vinte**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, Coordenador de Pós-graduação**, em 04/02/2020, às 13:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROSANGELA MALACHIAS, Usuário Externo**, em 04/02/2020, às 13:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana De Oliveira Dias, Professora do Magistério Superior**, em 04/02/2020, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1138669** e o código CRC **F5BB9E4F**.

AGRADECIMENTOS

Dois anos.

Dois anos de pesquisa, imersão em leitura e construção de uma dissertação de mestrado. Por vezes esses dois anos me pareceram uma longa e cansativa jornada, cheia de ameaças ao ensino gratuito e de qualidade oferecido pelas universidades federais do Brasil, e perda de direitos para a comunidade acadêmica.

Por outro lado, o período se fez edificante e agregador para mim enquanto homem, negro, gay e pesquisador no Brasil, acionando lentes que me possibilitaram lançar olhares mais conscientes e críticos, quando necessário. A pesquisa é, de fato, transformadora.

Agradeço ao meu pai João, por ser um homem incrível, tolerante, sábio e uma constante inspiração pelo olhar afetuoso e encorajador sobre mim. À minha mãe Antonia, por ser a minha maior confidente. Pelo amor constante, inspiração política, pela mulher forte e inteligente que é. Amo vocês, pai e mãe!

À minha irmã Camilla e meu irmão João Vitor, por serem grandes companheiros. Somos um forte tripé, e nada nos abala!

Ao meu bem, João Lúcio Mariano, pelo amor partilhado, pelas construções juntos, pelas incontáveis indicações de leitura e claro pelo olhar atencioso sobre a minha escrita. Eu quero partilhar a vida boa com você! Te amo.

À minha orientadora Ana Carolina Temer, pelas orientações compartilhadas, por estar sempre presente, gratidão! À amiga e Professora Luciene Dias, pelas trocas e pela idealização e coordenação do Grupo de Pesquisa Pindoba. Aqui se fez um Pindobeira!

À Juara Castro, minha amiga/irmã, companheira dentro e fora da academia. Agradeço pelo auxílio, dicas e por aguentar minhas nóias durante o mestrado. À Zanza, pela afroafetuosidade, e por ser minha inspiração acadêmica. Ao amigo, Professor Erinaldo, por ser um docente inspirador e *sheila* quando necessário.

À Amanda, Denise, Érica e Karen por serem amigas de turma, e por construir uma corrente de apoio e suporte que é para além do mestrado. Agradeço ao Joca pelo humor leve e pela autenticidade! À Samara, pela antiga e sólida amizade. À Brenna, Mari Magre, Yasmin e Bruna pela generosidade e por refrescaram a nossa trajetória de amizade com muito amor e humor. Ao Israel e à Camila que me fortalecem e acolhem, mesmo há milhares de quilômetros de distância. À Magali por ser minha Frenous amada, aclamada e amiga além de “prima postiça”.

À CAPES por financiar esta pesquisa.

À Luciana Dias, Ângela Teixeira e Rosangela Malachias pelos comentários e contribuições.

*É uma perda de tempo odiar um espelho
ou seu reflexo
em vez de interromper a mão
que constrói o vidro de distorções
discretas o suficiente para passarem
despercebidas
até que um dia você examina
seu rosto
sob uma luz alva impiedosa
e o defeito em um espelho te atinge
se tornando
o que você acredita
ser o formato da sua falha
e se eu estiver junto desse seu "eu"
você me destrói
ou se você conseguir ver
que o espelho mente
você estilhaça o vidro
escolhendo outra cegueira
e mãos cortadas e indefesas.*

*Porque ao mesmo tempo
descendo a rua
um fazedor de espelhos sorri
criando e transformando novos espelhos que
mentem
vendendo-nos
novos palhaços
com desconto.*

Audre Lorde, Bons Espelhos não são baratos, 1997

RESUMO

Este trabalho evoca narrativas televisivas protagonizadas por pessoas negras sobre suas próprias trajetórias na busca de compreender o potencial de produções simbólicas enquanto importantes ferramentas contraculturais de construção cidadã. O objeto de análise é o Programa Espelho, do Canal Brasil, no qual o apresentador Lázaro Ramos realiza entrevistas em que o recorte racial se destaca. O corpus de análise parte de três episódios em que as pessoas entrevistadas guardam diferenças de idade, classe, gênero e sexualidade, mas mantém o marcador racial em comum. O objetivo principal é pensar possibilidades de diferentes discursos na resignificação dos sentidos sociais sobre pessoas negras e se estes discursos atuam como agenciadores da autoestima negra. O trabalho justifica-se na medida em que a escassez de vozes de pessoas negras protagonistas na mídia de referência é um elemento de continuidade do silenciamento histórico desta população no Brasil. A Análise de Discurso de Orlandi (2009) guia as proposições analíticas, reconhecendo percepções acerca da experiência e da subjetividade de Brah (2006) para o entendimento do discurso da pessoa negra diante da sua trajetória e seu potencial de agência. Como resultados encontram-se aspectos de resistência e um estímulo ao auto-olhar do telespectador como um espelho de dignidade.

Palavras-chave: Raça – pessoa negra. Cidadania da pessoa negra. Narrativas televisivas. Programa Espelho. Análise do Discurso.

ABSTRACT

This study evokes television narratives starred by black people about their own trajectories in an attempt to understand the potential of symbolic productions as important countercultural tools of citizen construction. The object analyzed is Programa Espelho, from Canal Brasil, in which the presenter Lázaro Ramos conducts interviews which the racial profile stands out. As *corpus* of analysis we selected three episodes whereupon the interviewed people keep differences of age, class, gender and sexuality, but keep the racial marker in common. The main objective is to think about the possibilities of different discourses in the resignification of social meanings about black people and if these discourses act as black self-esteem agents. The study is justified as the scarcity of voices of black people protagonists in the reference media is an element of continuity of the historical silence of this population in Brazil. Orlandi's Discourse Analysis (2009) guides the analytical propositions, recognizing Brah's (2006) perceptions about experience and subjectivity for the understanding of black people's discourse in face of their trajectory and agency potential. As a result we find aspects of resistance and a stimulus to the viewer's self-look as a mirror of dignity.

Key words: Race – Black People. Citizenship of the black people. Television Narratives. Programa Espelho. Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Percentual de pessoas negras com diploma de ensino superior antes e após o sistema de cotas.	25
Figura 2 - Escrava Anastácia	35
Figura 3 - Preta Rara	36
Figura 4 - Manchete 1	42
Figura 5 - Manchete 2	43
Figura 6 - Categorias, Gêneros e Formatos.	47
Figura 7 - Categorias e Gêneros dos programas na TV brasileira.	48
Figura 8 - Programação Dia da Consciência Negra.....	51
Figura 9 - Entrevista com Luiza Bairros	65
Figura 10 - Entrevista com Rico Dalasam	69
Figura 11 - Entrevista com Diva Guimarães	73
Figura 12 - Trecho de Diva Guimarães na FLIP	73

SUMÁRIO

1 PONTO DE PARTIDA	11
2 PESSOAS NEGRAS NO BRASIL: UM CONTEXTO HISTÓRICO E SÓCIO-POLÍTICO	16
3 DIFERENÇAS, DESIGUALDADES E CIDADANIA DA PESSOA NEGRA NO BRASIL	26
3.1 CIDADANIA DA PESSOA NEGRA NO BRASIL.....	26
3.2 DIFERENÇA E DESIGUALDADE: DISCURSOS CONTRA-HEGEMÔNICOS	30
4 O ESPELHO	39
4.1 O NEGRO NA TELEVISÃO BRASILEIRA: UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA.	39
4.2 CANAL BRASIL E ESPELHO.....	45
5 METODOLOGIA	57
5.1 EXPERIÊNCIAS E SUBJETIVIDADES NOS DISCURSOS	57
5.2 DISPOSITIVOS ANALÍTICOS.....	61
6 ENTRE REFLEXÕES E REFRAÇÕES	64
6.1 O REFLEXO DAS PESSOAS NEGRAS NO ESPELHO.....	65
6.1.1 Luiza Bairros.....	65
6.1.2 Rico Dalasam.....	68
6.1.3 Diva Guimarães.....	72
6.2 O PROGRAMA E SUAS REFRAÇÕES.....	77
6.2.1 Luiza Bairros.....	77
6.2.2 Rico Dalasam.....	81
6.2.3 Diva Guimarães.....	84
7 CONSIDERAÇÕES	87
REFERÊNCIAS	90
ANEXO A - Grade de programação dia 18 de janeiro de 2019	95
ANEXO B - Grade de programação dia 19 de janeiro de 2019	95
ANEXO C - Grade de programação dia 20 de janeiro de 2019.....	95
ANEXO D - Grade de programação dia 21 de janeiro de 2019.....	95
ANEXO E - Grade de programação dia 22 de janeiro de 2019.....	95
ANEXO F - Grade de programação dia 23 de janeiro de 2019	100
ANEXO G - Grade de programação dia 24 de janeiro de 2019	101

ANEXO H - Transcrição da Entrevista 1.....	102
ANEXO I - Transcrição da Entrevista 2	109
ANEXO J - Transcrição da Entrevista 3.....	115

1 PONTO DE PARTIDA

A temática desta pesquisa é o protagonismo da pessoa negra na televisão brasileira como um estímulo para a construção da sua cidadania. Para tanto, a busca por programas televisivos que tragam em seus discursos pautas contra-hegemônicas, em específico, discursos que valorizam e exaltam a existência da pessoa negra no contexto social brasileiro, sinaliza possibilidades de agência no processo de construção da cidadania.

Realizou-se inicialmente uma pesquisa exploratória do campo midiático televisivo do Brasil, em busca de programações televisivas que apresentem subsídios possíveis para o processo de desestigmatização da população negra enquanto subalterna. Chega-se ao *Programa Espelho* do Canal Brasil.

O *Espelho* é um programa televisivo de entrevistas, da categoria entretenimento, pertencente ao Canal Brasil - uma rede de canal por assinatura nacional. O programa existe desde o ano de 2005 e atualmente é dirigido e apresentado por Lázaro Ramos, um ator/apresentador negro que estrelou novelas e filmes com grande audiência no cenário nacional. O programa está em sua décima terceira temporada, em que seus episódios vão ao ar segundas-feiras às 20h30. A plataforma *Canal Brasil Play* também disponibiliza todos os episódios a partir da edição do ano de 2013, possibilitando ao acesso das sete últimas temporadas.

Apesar de exibir episódios com pessoas entrevistadas de diversas raças, a proposta do programa surge com o intuito central de estimular a autoestima negra no Brasil, promovendo entrevistas com pessoas negras de diferentes segmentos sociais. A importância de uma plataforma para a voz de pessoas negras, que desbravam barreiras cotidianas contra o racismo, reflete uma ação de mudança contra o desnível histórico da população negra no Brasil em séculos de desigualdades e preconceito.

Relatos que afirmam e visibilizam a existência da pessoa negra atuam como instrumentos de resistência em meio aos discursos racistas ainda presentes na sociedade e na televisão brasileira. Ramos (2018, p. 143), em seu livro *Na minha pele*¹ reforça dizendo que “Nas entrevistas que fiz para o *Espelho*, há uma palavra que invariavelmente é dita pelos entrevistados: resistência”.

¹ Livro escrito por Lázaro Ramos, “compartilhando experiências pessoais e pontos de vista, o ator, diretor e escritor Lázaro Ramos convida o leitor a vestir outra pele, num relato franco e comovente sobre tomada de consciência, respeito às diferenças e, sobretudo, afeto.” (OBJETIVA, 2017)

Por ser um programa considerado de um formato “não convencional”, o entrevistador se descola da função de apenas conduzir um questionário, e se torna parte constitutiva da entrevista, o que estimula uma intimidade não observável em programas da categoria informativa. Medina (1995, p. 6) reforça que a frustração de um receptor é observar uma entrevista que não é transpassada pelo entrevistador, o qual não se aventura a permear e ser permeado pelo discurso do entrevistado.

Neste processo de compreender os discursos das pessoas entrevistadas e de Lázaro Ramos dentro do Espelho, destaca-se nesta pesquisa uma pergunta central que irá guiar todos os questionamentos a serem expostos: como relatos antirracistas, contados por pessoas negras, contribuem para construções relacionadas à cidadania, partindo das falas apresentadas no Programa Espelho de janeiro de 2013 a dezembro de 2018?

Esta pesquisa se propõe a analisar os discursos de pessoas negras no Programa Espelho, entrevistadas no recorte de janeiro de 2013 a dezembro de 2018 para identificar em seus discursos, categorias com as quais pode-se observar relações entre antirracismo e cidadania. O objetivo central é compreender esses discursos enquanto construções simbólicas importantes para os sentidos sociais sobre corpos subalternizados, e importantes ferramentas para a construção da autoestima negra. Esse objetivo permitirá demonstrar o potencial de produções midiáticas como importante espaço de construção da cidadania e também o papel que podem desempenhar na valorização da imagem, cultura e protagonismo negro.

O percurso a ser trilhado nesta pesquisa passa pela compreensão do contexto sócio histórico de subalternização e marginalização da pessoa negra no Brasil. O historiador José Murilo de Carvalho (2001) reforça que, mesmo após a abolição da escravidão, era impensável cogitar em direitos que garantissem a cidadania da população ex-escravizada no país, pois a população negra não tinha, sequer, o direito à humanidade, no sentido de mesma dignidade.

Os discursos que compuseram o histórico de inferiorização da população negra reforçaram as desigualdades enxergadas atualmente no contexto social do Brasil. Esses discursos assumiram - inclusive no cotidiano contemporâneo - uma pretensa e falsa cordialidade enxergada como *Mito da Democracia Racial* para alguns autores. Lélia Gonzalez (1984) intelectual negra, membro do Movimento Negro Unificado (MNU) e Movimento de Mulheres Negras (MMN) no Brasil, reforça o caráter problemático e perigoso que o racismo

velado assume no Brasil, principalmente na construção de estereótipos problemáticos, em seu texto *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*².

Oracy Nogueira (2006 p. 289) ainda questiona o discurso de que o Brasil vive uma realidade na qual não se praticaria racismo, discurso este que comumente busca “respaldo” na comparação da “situação racial” entre Brasil e Estados Unidos.

A tendência do intelectual brasileiro - geralmente branco - a negar ou subestimar o preconceito, tal como ocorre no Brasil, e a incapacidade do observador norte-americano em percebê-lo estão em contradição com a impressão generalizada da própria população de cor do país (NOGUEIRA, 2006, p. 291)

A comparação do racismo praticado no Brasil do racismo norte-americano necessita levar em consideração aspectos que diferenciam o comportamento social e a construção social de sentidos vistas nas duas nações. Segundo Nogueira (2006, p.292) no Brasil é possível observar preconceito de *marca* agindo enquanto nos Estados Unidos atua o preconceito de *origem*.

Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é *de marca*; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de um certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é *de origem*. (NOGUEIRA, 2006, p. 292)

Esta percepção flutua no imaginário coletivo do século XXI, explicitando a necessidade de uma intervenção nos discursos que, em sua grande parte, a mídia televisiva dissemina. A formulação das percepções que subalternizam as pessoas negras na sociedade brasileira desde a diáspora africana as distancia da cidadania que, segundo Marshall (1996), presume a apreensão de direitos sociais, civis e políticos, observada no segundo capítulo desta pesquisa.

Para produzir enfrentamentos, resistir e construir novos sentidos acerca da existência negra no Brasil, os movimentos negros estabeleceram um processo de reivindicação da igualdade perante as diferenças raciais. Observando este processo desconstrução de uma reformulação discursiva frente aos vários anos de vilipêndio da condição cidadã da população

² Cf. GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Brasília, DF, p. 223-244, 1984.

negra no Brasil, Manzini-Covre (1991) propõe que a cidadania é um processo de construção, e que seria preciso educar a população para a cidadania.

Esta construção cidadã exige repensar os processos de desigualdades proporcionadas pelo fenótipo racial, e a dinâmica que resultou na percepção do *outro* como diferente e passível de exclusão. Esta percepção preconceituosa do outro, coloca a pessoa negra em uma posição subalternizada, pela qual sua existência como diferente é estigmatizada.

A pesquisa busca articular os conceitos de cidadania, diferença e discurso ao apresentar perspectivas acerca da subalternidade. Spivak (2012) aponta que o olhar hegemônico ignora os discursos de pessoas subalternas acerca de suas existências, o que ratifica a desigualdade e transforma este sujeito em transparente na tessitura social. As percepções de discurso hegemônico e contra-hegemônico encontram respaldo nos Estudos Culturais Latino-Americanos, nas percepções apontadas por Martín-Barbero (1987) acerca da cultura como espaço de hegemonia.

O objeto emerge em seguida, e se anuncia com a discussão sobre a trajetória negra na televisão brasileira. A televisão no Brasil assume um importante papel na construção do imaginário coletivo, e neste contexto quando a pessoa negra não é silenciada e invisibilizada, ela é representada de maneira preconceituosa e subalterna. Conteúdos televisivos que contestem as representações televisivas racistas se destacam como possíveis instrumentos de mudança social.

O objeto de pesquisa será melhor apresentado no capítulo três, revelando que o Programa Espelho assume um discurso contra-hegemônico. Para compreender melhor os contextos em que o programa se situa, a proposta de aprofundar os entendimentos acerca da programação e histórico do Canal Brasil possibilitará estabelecer pontos de convergência e conexões entre os conteúdos televisivos e o *Programa Espelho*.

Os diferentes discursos das pessoas entrevistadas no programa se desdobram em âmbitos ideológicos através da linguagem, proporcionando uma construção subjetiva acerca do conteúdo da entrevista. Portanto, a metodologia será apresentada no capítulo quatro para apontar quais as diretrizes analíticas necessárias para observar os discursos. A análise de discurso em Eni Orlandi (2009) propõe um estudo da linguagem em níveis de intra e interdiscurso, estimulando que o analista faça uma leitura cuidadosa da amostra reconhecendo que o discurso não é transparente (ORLANDI, 2009, p. 17).

A proposta aqui empreendida, é de delimitar uma amostra não-probabilística por julgamento (MALHOTRA, 2006, p. 327) a qual o pesquisador irá definir, após uma leitura de todo o material, a amostragem de acordo com o delineamento da investigação.

Como o objeto exalta em sua existência a importância da trajetória, subjetividade e experiência na composição do *corpus* analítico, Avtar Brah (2006) evoca as perspectivas da experiência e subjetividade como importantes no processo de reconhecimento identitário e reafirmação política e social.

Desta forma, o dispositivo analítico se desenha, conduzindo uma análise que se inicia com os entendimentos acerca da subjetividade e experiência das pessoas entrevistadas na narrativa biográfica e seu papel de agência para pessoas que se reconhecem por *especificidades contingentes*. Este primeiro momento da análise será o “reflexo da pessoa negra no espelho”.

Em um segundo momento, a análise leva em consideração os traços discursivos que apresentam uma crítica ou discussão de uma realidade social totalizante. Aqui, ela se afasta do discurso autobiográfico, e se aproxima de percepções de mundo e críticas sociais. Neste processo da análise, intitulado “O Programa e suas refrações”, apresenta-se que estes discursos em âmbito interdiscursivo afetam as perspectiva do telespectador.

Por fim, a análise dos episódios procura percorrer as coordenadas delimitadas pelo dispositivo analítico, dentro do *corpus* selecionado. Para a defesa desta dissertação definem-se três episódios para serem analisados. As Considerações sinalizam as pistas encontradas dentro dos discursos dos entrevistados, além de respostas esperadas para a solucionar a questão problema da pesquisa

2 PESSOAS NEGRAS NO BRASIL: UM CONTEXTO HISTÓRICO E SÓCIO-POLÍTICO

Se aproximar dos processos de construção da cidadania na sociedade brasileira é essencial para compreender o histórico da luta por direitos civis, sociais e políticos travada pelos movimentos negros no país, que se origina ainda no contexto de Brasil Colônia. Este período no Brasil se torna um infeliz marco histórico, iniciado nos processos que levaram à escravização de milhões de pessoas africanas, e à exploração continuada da mão de obra de seus descendentes, em todos os âmbitos sociais. José Murilo de Carvalho (2001, p. 26) ressalta que "A escravidão penetrava em todas as classes, em todos os lugares, em todos os desvãos da sociedade: a sociedade colonial era escravista de alto abaixo".

Este contexto sócio histórico projetou a posição a ser ocupada por pessoas negras na sociedade brasileira, um lugar construído não apenas pelo impedimento à cidadania, mas também pelo questionamento da humanidade, de serem tratadas em igual dignidade³. Carvalho (2001, p. 27) reforça que "Os escravos não eram cidadãos, não tinham os direitos civis básicos à integridade física (podiam ser espancados), à liberdade e, em casos extremos, à própria vida, já que a lei os considerava propriedade do senhor, equiparando-os a animais".

O pensamento determinista em relação às pessoas negras no Brasil se estende no período pós abolição. As características racistas e escravistas da sociedade brasileira perduraram de maneira evidente, subjugando e marginalizando todos aqueles que nascessem com o fenótipo negro, o que transformava a Lei Áurea⁴ não em um passaporte para a liberdade, mas um passaporte para uma intensa trajetória de sobrevivência, marcada por resistência.

Nos primeiros anos do século XX, desponta a política de branqueamento da população brasileira, face às milhões de pessoas africanas ex-escravizadas da diáspora africana para o Brasil e seus descendentes. Este "projeto" de nação surgiu com o objetivo de liquidar os traços negros da nação de acordo com o tempo, assim, o incentivo à imigração europeia para

³ Henrique Dussel estimula o reconhecimento do outro entendendo que lhe é devida uma igual dignidade, ao dizer que "(...) temos todavia que aceitar que a obrigação *moral* de argumentar se funda como dissemos, no reconhecimento do outro sujeito argumentante como um sujeito autônomo e de *igual* dignidade. O critério procedimental da argumentação se transforma no princípio moral de validade, quando se reconhecem os outros e a si mesmo como sujeitos morais iguais, e se permite que participem na argumentação co-solidariamente enquanto afetados éticos em suas necessidades." (DUSSEL, 2000, p. 215).

⁴ A Lei Imperial n.º 3.353, foi sancionada em 13 de maio de 1888, que põe fim à validade legal da escravidão no Brasil. O Brasil foi o último país das Américas a abolir oficialmente a escravidão. Disponível em: http://pfdc.pgr.mpf.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/legislacao/trabalho-escravo/lei_3353_1888.pdf. Acesso em 20 de out. 2018.

o país se inicia em grandes proporções, o que possibilitaria mais a frente uma caracterização homogênea de uma população de pele mais clara. Essa política tomou forma a partir da ótica do antropólogo carioca Jean Baptiste Lacerda, quando apresenta sua teoria em um artigo para o Congresso Mundial das Raças em 1911, apontando que:

A população mista do Brasil deverá ter pois, no intervalo de um século, um aspecto bem diferente do atual. As correntes de imigração europeia, aumentando a cada dia mais o elemento branco desta população, acabarão, depois de certo tempo, por sufocar os elementos nos quais poderia persistir ainda alguns traços do negro. (LACERDA, 1911, p. 7)

Pensar o branqueamento da nação como uma estratégia para melhorar e "homogeneizar" o Brasil carrega em seu juízo uma noção de não reconhecimento da pessoa negra como legitimamente brasileira. O pensamento colonial e eurocêntrico mesmo após a proclamação de uma república, há muito independente, se perpetuou/perpetua tomando por base a cultura europeia, marginalizando a cultura de matriz africana no Brasil. Apesar do reconhecimento subalternizante da pessoa negra na nação brasileira, formas de resistência se articulam, dentro do cenário nacional do século XX e XXI, perpetuando religião, costumes, entre outros aspectos culturais de forma contra-hegemônica.

130 anos após a conjuntura de Brasil escravista, encontramos de maneira latente na sociedade a desigualdade racial, sendo, no entanto, encoberta pela pátina da equidade racial pregada em alguns recortes da sociedade. Isso se perpetua a partir de meados da década de 1930 do século XX, em que os discursos que encabeçavam os ideais intelectuais no país procuraram erradicar as falas que colocavam as questões raciais em pauta, o que não atingiu efetivamente as relações sociais e, muito menos, desqualificaram o racismo.

As raças foram, pelo menos até recentemente, no período que vai dos anos 1930 aos anos 1970, abolidas do discurso erudito e popular (sancionadas, inclusive, por interdições, rituais e etiqueta bastante sofisticada), mas, ao mesmo tempo, cresceram as desigualdades e as queixas de discriminação atribuídas à cor. Essas vozes eram abafadas. Para obterem reconhecimento, viram-se forçadas a recrudescer o discurso identitário, que resvalou para a construção étnica e cultural" (GUIMARÃES, 2012, p. 51).

O mito da democracia racial é um discurso que surge no Brasil em meio a um contexto de negação dos processos histórico-sociais de uma sociedade excludente que, ainda nos dias atuais, acoberta o racismo, de forma a atribuir a condição de paraíso racial⁵ ao Brasil. Paraíso

⁵ Para Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2006, p. 270), segundo as perspectivas de alguns historiadores, o paraíso racial era um conjunto de crenças na ausência do preconceito racial no Brasil, "[...] que pode ser

este que, diferente de outros países com grande diversidade racial, se destacaria por promover uma convivência cordial e livre de preconceitos entre pessoas de diferentes raças, uma vez que grande parte da população é fruto de miscigenação.

O pensamento acerca da democracia racial foi invalidado e superado há várias décadas, ganhando status de mito pelo sociólogo Florestan Fernandes⁶ e de farsa pelo expoente pesquisador Abdias Nascimento⁷, como aponta Guimarães (2016, p. 96). Este autor reitera que a crença deste mito tomou bases sólidas, sendo o Brasil reconhecido por sua ideal democracia racial:

A ideia de que o Brasil era uma sociedade sem "linha de cor", ou seja, uma sociedade sem barreiras legais que impedissem a ascensão social de pessoas de cor a cargos oficiais ou a posições de riqueza ou prestígio, era já uma ideia bastante difundida no mundo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, bem antes do nascimento da sociologia. Tal ideia, no Brasil moderno, deu lugar à construção mítica de uma sociedade sem preconceitos e discriminações raciais. (GUIMARÃES, 2012, p. 142)

Esse discurso racista e míope ainda resvala fortemente no imaginário coletivo, sendo reproduzido como um legado que assume, segundo Costa (2002, p. 251), uma sistematização e *status* científico. O pensamento da existência de um Brasil "sem linha de cor" é instituído literariamente em Gilberto Freyre (1933) com a publicação de *Casa Grande e Senzala* e com *Sobrados e mucambos* em 1936, sugerindo a existência de um paraíso racial no Brasil. Lélia Gonzalez (1984), de maneira irônica, critica tudo aquilo que o discurso da democracia racial carrega em seu farto bojo.

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um

retraçado ao Império, do mesmo conjunto de crenças que reivindicava para o Brasil não a imagem de paraíso, mas de democracia.”

⁶ Para Maria Arminda Arruda (1996, p. 198) “Florestan trabalha com a noção de mito no sentido diverso da tradição antropológica, ou seja, enquanto universo de representações exclusivas. De outro lado, a discussão do mito da democracia racial permite-lhe ultrapassar certas visões dominantes”(1996, p. 198).

⁷ O dicionário biográfico brasileiro pós 1930 aponta que “Abdias esteve à frente do Teatro Experimental do Negro até 1968, quando, em decorrência do endurecimento do regime militar implantado no país em abril de 1964 e da inclusão do seu nome em vários inquéritos policiais militares, exilou-se nos Estados Unidos, onde trabalhou como professor universitário. Co-fundador do Movimento Negro Unificado em 1978, em maio de 1980, foi, juntamente com Leonel Brizola – de quem se tornara amigo no exílio – um dos fundadores do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Escolhido vice-presidente do partido em 1981, nesse mesmo ano fundou o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 1982, retornou definitivamente ao Brasil.” (2001)

que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas...
Nem parece preto. (GONZALEZ, 1983, p. 226, *grifo do autor*)

A partir das insatisfações acumuladas ao longo do trajeto de silêncio compulsório da população negra no Brasil, as frentes e movimentos emergem em meio a opressão homogeneizante eurocêntrica. Neste sentido, as críticas surgem, refutando desde as epistemologias racistas, até seus desdobramentos nos âmbitos políticos, civis e sociais.

Guimarães (2012, p. 56) diz também que os movimentos antirracistas ainda encontram resistência por parte da opinião pública brasileira, visto que existia um consenso científico que reafirmava a não existência do racismo na sociedade brasileira. Entretanto as organizações negras se posicionavam fortemente pela desmistificação da crença pela democracia racial, reforçando que o racismo está entremeado na sociedade, ocultado por uma falsa cordialidade das relações raciais.

Os movimentos de resistência negra iniciais surgem na primeira metade do século XX. É neste contexto que surgem a imprensa negra paulista⁸ e a Frente Negra Brasileira⁹ aspirando agir contra as desigualdades sociais fortemente vinculadas ao racismo e visando o trânsito em lugares nunca antes ocupados por pessoas negras.

No início do século XX temos as primeiras edições de jornais escritos e editados por intelectuais negros, para pessoas negras. Segundo Sérgio Costa, estes periódicos:

Buscavam, em primeiro lugar, elevar a autoestima dos negros no seio da sociedade racista e, ainda, mostrar a participação dos negros em atividades sociais diversas, como casamentos, festas, etc. O objetivo aqui era superar o estranhamento com que a sociedade encarava os negros. (COSTA, 2006, p. 142).

Algumas críticas emergiram a respeito do caráter político da Frente Negra Brasileira. Sérgio Costa (2006) reforça que eram anticomunistas, declaravam apoio ao governo autoritário de Getúlio Vargas e criticavam as políticas de imigração. Já as críticas sobre imprensa negra recaiam por ser conhecida como uma imprensa que alcançava a classe média negra e não a população negra em sua totalidade. As críticas surgem em circunstâncias de resistência que não se dissociam do cenário de frustração da população negra frente a uma nação que não a queria.

⁸ A imprensa negra paulista surge em 1911 estimulada pela “necessidade de um movimento de identidade étnica, e enfrentando as barreiras de uma imprensa branca (grande imprensa) impermeável aos anseios e às reivindicações da comunidade”. (MOURA, 1989, p. 69).

⁹ Frente Negra Brasileira (FNB) surge em 1931 em São Paulo, e era uma frente que liderava campanhas de alfabetização, assistência médica, jurídica à população negra. (COSTA, 2006, p. 142).

Abdias Nascimento e Elisa Larkin Nascimento (2000) citam que o jornal impresso *Clarim D'alvorada*¹⁰ em 1924 já despontava no horizonte o prenúncio do protesto que se materializara em 1931 com a criação da Frente Negra Brasileira (FNB), como relatam:

A Frente, um movimento de massas, protestava contra a discriminação racial que alijava o negro da economia industrializada, espalhando-se para vários cantos do território nacional. A segregação nos cinemas, teatros, barbearias, hotéis, restaurantes, enfim, em todo o elenco de espaços brasileiro em que o negro não entrava, constituía o alvo prioritário da Frente, maior expressão da consciência afro-brasileira da época. (NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2000, p. 204)

A FNB perdurou até os anos de 1937, período ditatorial varguista, na conjuntura em que o Estado Novo repreendia os movimentos, tornando ilegais todos e quaisquer atos políticos. O surgimento desses movimentos em meados do século XX revela o processo de construção de uma identidade da população negra no Brasil. Tomaz Tadeu da Silva (2014) ressalta que a percepção e autoafirmação identitária, quando confrontada com as diferenças, revela o desnivelamento das relações de poder e acesso aos bens sociais "A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes." (SILVA, 2014, p. 81).

A população negra sentia na pele, e através dela, as diferentes relações de poder que o marcador da raça proporcionava. Para alguns, assumir a identidade negra no Brasil estava diretamente associada a subalternidade, que, de fato, eram sentidas por aqueles que a carregavam. Sueli Carneiro (2014) ressalta o não reconhecimento da identidade negra no Brasil quando diz que:

Nos Estados Unidos, onde, ao contrário do que se pensa, a escravidão também produziu uma significativa população miscigenada, definiu-se que 1/8 de sangue negro fazia do indivíduo um negro, a despeito da clareza de sua cor de pele. Aqui também definimos que 1/8 de sangue branco deveria ser um passaporte para a brancura. (CARNEIRO, 2014, p. 64)

Entretanto, para outros, o reconhecimento e reforço da identidade refletiam nos movimentos embrionários de levante que começaram a surgir no Brasil. Costa (2006, p. 143) relata que a criação do Teatro Experimental do Negro em 1944, por Abdias Nascimento, foi

¹⁰ O *Clarim D'alvorada* foi um jornal feito por pessoas negras para a comunidade negra, publicado entre os anos de 1924 até meados de 1950. José Correia Leite era o diretor responsável, sendo ele um membro importante do Movimento Negro Unificado (MNU) e um dos fundadores da FNB, segundo o IPEAFRO (2009).

base para a formação organização de oficinas para jovens artistas negros, articulando a mobilização de intelectuais na criação de frentes de militância negra, partindo do reconhecimento do legado africano e da formação da personalidade afro-brasileira. Nascimento & Nascimento (2000) ratificam que o TEN:

Assumia e trabalhava a sua identidade específica, exigindo que a diferença deixasse de ser transformada em desigualdade. Esta nova dimensão da luta expressava-se, na época, no lema da "negritude". Tratava não apenas de uma referência ao movimento poético dos africanos de língua francesa, mas também de toda uma identificação com a origem africana no contexto brasileiro. (NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2000, p. 207).

Em 1978, firma-se a fundação do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial como um movimento que tinha o principal objetivo de apresentar as demandas acerca de sua posição social e trazer voz à população negra do Brasil, apontando os contextos racistas em meio à grande opressão da ditadura militar.

O MNU, contribui desde então para grandes marcos sociais e institucionais para a sociedade brasileira que se somam com o tempo desde a sua fundação. O MNU - assim como os diversos outros movimentos que compuseram o histórico de luta do povo negro no Brasil - contribuiu no enfrentamento ao racismo na sociedade brasileira, trazendo para a sociedade dos dias de hoje propostas de preservação da identidade do povo negro brasileiro.

No interior do Movimento Negro Unificado houveram levantes de atuação partidária e sindical nas quais o movimento se articulou fortemente com a esquerda, desenvolvendo uma frente antirracista institucional. Porém, neste contexto contemporâneo da militância negra em que a luta antirracista era a principal pauta do MNU, existia uma certa oposição das esquerdas em entenderem a legitimidade das diferentes demandas das pessoas negras diante as suas lutas específicas, como destaca Nascimento & Nascimento.

Em geral, essa fase da luta afro-brasileira se caracterizava por certo atrelamento a expectativas da esquerda, e com isso uma impossibilidade de recorrer, se embasar ou dar continuidade às histórias e conquistas materializadas nos períodos anteriores. Naquela circunstância, tutelado pelas esquerdas, o movimento negro se reorganizava como uma subtopia, já que a vitória da revolução mais ampla automaticamente resolveria os problemas da exclusão racial. (NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2000, p. 219-220)

Neste contexto de mobilizações das frentes de lutas antirracistas durante os anos 1970 e 1980, é preciso ressaltar a importância do movimento de mulheres negras que apresentavam demandas multiplamente marcadas por discriminação e marginalização.

O movimento das mulheres negras no Brasil apresentou subsídios para pensar a discriminação por diferentes hierarquizações articulando raça, classe e também gênero, apesar de ter sido um movimento que encontrou obstáculos por não conseguir espaço e discussão nos movimentos negros, quanto nos movimentos feministas. Autoras e militantes negras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Alzira Rufino, Conceição Evaristo e Beatriz do Nascimento são nomes importantes na criação e no percurso do Movimento de Mulheres Negras (MMN). Edna Roland (2000) reforça a importância do reconhecimento do MMN frente as diversas hierarquias subsumidas em suas existências:

Reivindico a autodeterminação das mulheres negras porque acredito que esta categoria política é constituída por duas dimensões hierárquicas essenciais da nossa sociedade e por mais que desejemos contar com a solidariedade dos nossos companheiros negros e das nossas companheiras brancas, eles se beneficiam dessas hierarquias! Portanto, as nossas relações serão provavelmente sempre permeadas por contradições. (2000, p. 252)

Os reflexos dos movimentos negros atuantes durante o século XX no Brasil são reconhecidos atualmente, e impactam no reconhecimento da cultura negra como parte constitutiva importante na história da nação. Um dos marcos mais importantes do MNU foi a instituição do dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra, data esta que é conhecida por ser o aniversário da morte de Zumbi dos Palmares¹¹, ou mesmo a Lei 10.639/03¹² que aponta a obrigatoriedade da inclusão da História da África e da Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar das escolas públicas e particulares de educação básica.

Porém, mesmo com os avanços alcançados ao longo da trajetória de luta da pessoa negra no Brasil, existe um grande abismo social, econômico e político que é determinado por processos históricos de exclusão por origem racial. Munanga ainda revela que:

O abismo racial brasileiro existe, de fato, e são as pesquisas e estatísticas que comprovam as condições de vida, emprego, escolaridade entre negros e brancos que comprovam a existência da grande desigualdade racial em nosso país. Essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada à exclusão social e à desigualdade socioeconômica, que atinge toda a população brasileira e, de modo particular, aos negros. (MUNANGA, 2010, p. 172)

¹¹ “Zumbi nasceu em Palmares, Alagoas, livre, no ano de 1655, mas foi capturado e entregue a um missionário português quando tinha aproximadamente seis anos. Batizado ‘Francisco’, Zumbi recebeu os sacramentos, aprendeu português e latim, e ajudava diariamente na celebração da missa. Apesar destas tentativas de aculturá-lo, Zumbi escapou em 1670 e, com quinze anos, retornou ao seu local de origem. Zumbi se tornou conhecido pela sua destreza e astúcia na luta e já era um estrategista militar respeitável quando chegou aos vinte e poucos anos.” Disponível em: <https://www.geledes.org.br/zumbi-dos-palmares/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

¹² A Lei nº 10.639/03. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 20 dez. 2018.

Os dois casos supracitados de conquistas dos movimentos, por exemplo, são atravessados pela percepção racista de uma sociedade que estruturalmente estimula a desigualdade. As críticas à existência de um dia em respeito à consciência negra no Brasil vêm sendo replicadas por um pensamento simpático ao de Freyre e que, nos dias de hoje, se perpetuam sendo fruto de uma sociedade que negligencia a aplicação da Lei 10.639/03 dentro das escolas. Aplicação esta que possibilitaria repensar narrativas educacionais sobre os processos históricos e culturais de uma África que também construiu nossa história e repensar as críticas à respeito da importância do dia 20 de novembro.

Outra importante conquista do secular processo de resistência da população negra no Brasil foi a instituição do sistema de Cotas para o ingresso nas universidades federais do país. O sistema de Cotas surge na agenda política no ano de 1995, a partir das percepções desiguais de sociedade pautadas pelas diferenças de raça e classe, partindo do entendimento de aplicação de ações afirmativas para iniciar uma agenda de cidadania impedida por processos históricos de marginalização, como aponta Sueli Carneiro ao apresentar a política de ações afirmativas aplicadas em outras nações.

Além dos Estados Unidos, há exemplos na Inglaterra, no Canadá (indígenas, mulheres e negros), na Índia (desde a Constituição de 1948 foram previstas medidas especiais de promoção dos *dalits*, os intocáveis), Colômbia (indígenas), Austrália, Nova Zelândia, Malásia (o grupo étnico majoritário, bumiputra), União Soviética (4% das vagas da Universidade de Moscou para habitantes da Sibéria), Israel (falashas, judeus de origem etíope), Alemanha (mulheres), Nigéria (mulheres), Sri Lanka, África do Sul, Noruega, Bélgica (imigrantes), Líbano (participação política das diferentes seitas religiosas), China e Peru. (CARNEIRO, 2011, p. 27)

Porém, desde o surgimento da discussão acerca do sistema de cotas para as universidades federais até a sua efetiva aprovação constitucional em 2012, houve um processo longo e de difícil implementação. A sanção da Lei de Cotas Raciais foi debatida durante 16 anos de tramitação, por pensamentos que acreditam que as medidas devem assumir um aspecto que universalize as demandas da população, o que é uma perspectiva que remonta segundo Guimarães (2016, p. 96) à herança do pensamento da democracia racial.

O discurso que evoca perspectivas de negação do racismo no Brasil ainda reforça o pensamento de que todas as pessoas no Brasil têm, por herança genética, traços africanos ou indígenas e, portanto, seria impossível distinguir negros e indígenas do resto da população brasileira. Luciana Dias (2015), determina três pressupostos determinantes para a importância

da implementação das cotas raciais no Brasil, o segundo pressuposto estabelece que é possível saber quem é negro no Brasil.

Ora, os agentes do racismo sabem quem é negro. Nesse sentido, a polícia, por exemplo, sabe quem é negro. Os agentes repressores do Estado a mobilizações indígenas que acontecem em Brasília, por exemplo, sabem exatamente quem é indígena. Então, se abirmos mão de uma hipocrisia diante da necessidade de classificação, acabamos entendendo a possibilidade de identificação desses sujeitos. Assim sendo, o segundo pressuposto é o de que podemos sim identificar os sujeitos alvo, as vítimas, de situações de racismo, de preconceito e de discriminação étnico-racial. (DIAS, 2015, p. 3-4)

Algumas Universidades Federais do país, durante o processo de implementação desta ação afirmativa, já haviam incluído os sistemas de cotas em suas resoluções acerca do ingresso dos estudantes. A Universidade de Brasília foi uma das pioneiras¹³ a ser reconhecida constitucionalmente pelo Supremo Tribunal Federal, desde então o sistema de cotas foi sendo instituído por Universidades do território nacional, até o ano de 2012 em que o sistema de cotas se torna uma realidade;

Os números levantados pela Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (PNAD) educação do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística acerca do quantitativo de jovens negros que ingressam em universidades federais no país apontam que, no ano de 2000 o percentual de pessoas negras graduadas no Brasil era de 2,2%. Esse mesmo levantamento em 2017 mostra que o percentual aumentou para 9,3% após o período de implementação das cotas nas universidades, como aponta o indicador disponibilizado pela Agência Brasil em maio de 2018.

¹³ Aprovação das cotas raciais na UnB completa 15 anos. Disponível em: <https://noticias.unb.br/76-institucional/2319-aprovacao-das-cotas-raciais-na-unb-completa-15-anos>. Acesso em: 25 dez. 2018.

Figura 1 - Percentual de pessoas negras com diploma de ensino superior antes e após o sistema de cotas.



Fonte: Agência Brasil, 2018.

Mesmo os dados apontando a importância no acesso menos desigual às universidades federais no que diz respeito à raça e da implementação da Lei de Cotas aprovada, o entendimento desta ação afirmativa é tida como privilégio por parcela da população, o que denota uma falta de conscientização acerca do histórico de impossibilidades de acesso por parte da população negra aos bens e serviços públicos e privados.

A partir de dados, como esses do IBGE, é perceptível uma assimetria no acesso aos direitos sociais da população negra em relação a população branca. Apesar disso, as políticas públicas e iniciativas que surgem no cenário nacional com o objetivo de diminuir as desigualdades entre pessoas negras e brancas são alvejadas e questionadas.

A trajetória da pessoa negra no Brasil carrega em si, marcos históricos de luta e resistência como tentativas de construir uma sociedade menos desigual. Por meio do enfrentamento ao racismo, estes movimentos procuram combater as sequelas dos processos históricos que subjugarão a existência da população negra e a colocaram em uma posição social desfavorável nos dias de hoje.

Sendo o Brasil o país com a maior população negra fora do continente africano¹⁴, há urgência da discussão sobre o protagonismo negro na conjuntura histórica nacional, no cenário atual e posterior, que possibilite uma real mudança na representação social do negro, e não uma pretensa ilusão de que o país se encontra em um oásis do preconceito racial.

¹⁴ Segundo a pesquisadora Dulce Maria Pereira (2001) “O Brasil tem a maior população negra fora da África e a segunda maior do planeta. A Nigéria, com uma população estimada de oitenta e cinco milhões, é o único país do mundo com uma população negra maior que a brasileira.” Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/conteudos-digitais/conteudo/exibir/id/2773> Acesso em: 22 dez. 2018

3 DIFERENÇAS, DESIGUALDADES E CIDADANIA DA PESSOA NEGRA NO BRASIL

Os processos para alcançar a cidadania encontram barreiras nos processos históricos de desigualdade pautados pela questão da diferença. Este capítulo aborda as discussões sobre a falta de cidadania que a pessoa negra encontra no Brasil, apresentando as perspectivas históricas de desigualdade e racismo que flutuam no imaginário coletivo até os dias de hoje.

Em um primeiro momento serão apresentados subsídios históricos que perpassam desde o processo de inserção do ex-escravizado enquanto um ator social, até os dias de hoje. Será possível reconhecer que a possibilidade de cidadania é afastada da pessoa negra, estimulando os movimentos de resistência a tomarem frente no processo de construção da cidadania.

Em seguida a discussão trazida estimula uma percepção mais aprofundada sobre diferenças e desigualdades, nas perspectivas de raça e racismo, para entender os processos de silenciamento de uma identidade considerada subalterna, diante dos discursos hegemônicos.

3.1 Cidadania da pessoa negra no Brasil

A compreensão de cidadania postulada por Marshall (1996) assume, segundo Carvalho (2001), um percurso cronológico invertido no Brasil, o que acarreta em uma desordem de caráter social. A apreensão de direitos sociais, civis e políticos que caracteriza o que se tem por cidadania, se coloca distante de corpos subalternizados por uma questão histórica que navega desde o Brasil Escravocrata, perpassando por períodos ditatoriais até chegar na situação atual.

Guimarães (2012) apresenta perspectivas atuais sobre o mito da democracia racial, que são reflexos de uma sociedade racista; Carneiro (2011) contribui, apontando a perspectiva de um Brasil no qual o racismo é silenciado historicamente; Joel Zito Araújo (2004) complementa, citando o percurso problemático da visibilidade das pessoas negras na televisão.

O fator mais negativo para a cidadania no Brasil segundo Carvalho (2001, p. 25) foi a escravidão, pois para que, de fato, haja cidadania em um contexto social, o princípio da igualdade entre cidadãos deve existir possibilitando o exercício dos direitos e deveres pautados dentro da nação. Portanto, o entendimento da cidadania não pairava em nenhum âmbito social, nem para os senhores muito menos para as pessoas escravizadas.

A possibilidade da existência de cidadania no contexto de Brasil Colônia era limitada. Nos quinhões de terras nos quais não existiam percepções acerca de coesão social, política ou civil, os senhores dispunham de um poder de decisão acerca dos direitos e deveres a serem seguidos dentro de sua propriedade. "A escravidão ou a grande propriedade não constituíam ambiente favorável à formação de futuros cidadãos" (CARVALHO, 2001, p. 27)

A percepção de uma sociedade agrícola perdurou do período colonial até meados do século XX, se distanciando de aspectos sociais urbanos que pudessem pautar uma noção de cidadania entre a população. Mesmo no contexto de Brasil república pós-escravista, a realidade do grande proprietário de terra deliberando a respeito dos direitos de quem vivia nas suas extensões territoriais, perdurava. Carvalho aponta traços dessa sociedade ruralizada ao dizer que:

No Nordeste e nas áreas recém-colonizadas do Norte e Centro-Oeste, o grande proprietário e coronel político ainda age como se estivesse acima da lei e mantém controle rígido sobre seus trabalhadores. Até 1930, o Brasil ainda era um país predominantemente agrícola. Segundo o censo de 1920, apenas 16,6% da população vivia em cidades de 20 mil habitantes ou mais (não houve censo em 1930), e 70% se ocupava em atividades agrícolas. (CARVALHO, 2001, p. 59).

Outro aspecto observável no processo da construção de uma suposta cidadania para a população negra ocorreu no período abolicionista, contexto este em que os estigmas e percepções da nova posição da pessoa ex-escravizada na sociedade assumiram um caráter passível de questionamentos. Em um contexto de promulgação da Lei Áurea, em que as novas perspectivas para a população negra eram altamente desfavoráveis, o caráter de cidadania deveria ser atribuído a este "novo ser social" de qualquer maneira. Amauri Mendes Pereira ilustra este cenário.

[...] o escravo era (gerava) valor; com a nova legislação, ou se tornava cidadão, ou... Ter-se-ia que dar um jeito. Foi, então, "transformado" em negro (estigma recheado de negatividade, capaz de minar a assunção plena da sua cidadania), representando o exato oposto do futuro desejado pelas elites. (PEREIRA, 1999, p. 06).

Tendo os recortes acima, é possível observar que aspectos da construção da cidadania no Brasil para estratos subalternizados da sociedade reverberam até os dias atuais. As perspectivas coronelistas ainda flutuam no imaginário coletivo, ou na construção identitária subordinada da pessoa negra desde o século passado. A apreensão desta cidadania se dá de maneira irregular perante os diferentes recortes marcados pela diferença, promovendo

desigualdades na tessitura social. Os corpos marcados pelo fenótipo negro se descolam de maneira instantânea do entendimento de cidadania, como aponta Manzini-Covre ao dizer que:

Os direitos civis dizem respeito basicamente ao direito de se dispor do próprio corpo, locomoção, segurança etc. Parece óbvio que somos donos do nosso próprio corpo. Afinal, não nos movimentamos por ele, dormimos e andamos nele? Mas na realidade esse direito é muito pouco respeitado para a maior parte da população mundial, inclusive a do Brasil (MANZINI-COVRE, 1991, p. 12).

O trânsito de corpos negros em diferentes lugares, é atravessado por olhares que os inferioriza e os repele, obliterando a sua cidadania, não só em âmbito físico e material, mas também em uma esfera imaterial, ideológica e política. As percepções generalistas e inferiorizantes acerca da pessoa negra, as colocam em um lugar de subcidadão, como aponta Jessé de Souza (2018) acerca da configuração social brasileira, que classifica e desqualifica socialmente certos grupos.

Souza (2018) parte dos estudos de Florestan Fernandes para falar da origem das desigualdades e "desclassificações" da pessoa negra no período pós abolição da escravidão. O momento que precedeu a abolição da escravidão foi um momento de inadaptação psicossocial da pessoa negra, devido ao abandono e falta de incentivo à socialização deste novo grupo social.

O dado essencial de todo o processo de desagregação da ordem servil e senhorial foi, como nota Florestan, o abandono do liberto à própria sorte (ou azar). [...] Neste contexto, acrescentando-se a isso o abandono dos libertos pelos antigos donos e pela sociedade como um todo, estava, de certo modo, prefigurado o destino da marginalidade social e da pobreza. (SOUZA, 2018, p. 223).

O contexto que calca algumas desigualdades contemporâneas tem origens históricas de hierarquização construídas a partir da diferença de origem étnica, que coloca a pessoa negra em um lugar subalterno na sociedade, legitimando uma realidade vista no Brasil e também em outras nações. Porém, o desenvolvimento de diferentes perspectivas culturais e identitárias dentro de uma sociedade possibilita uma nova configuração social, a qual a falta de direitos por uma parcela subalterna da sociedade em detrimento do livre gozo dos direitos por um contingente hegemônico, pode gerar uma relação conflituosa, como aponta Muniz Sodré.

Num contexto multiculturalista, isto é, de aproximação de subculturas dentro de um Estado-nação, registram-se normalmente conflitos entre a cultura hegemônica e os grupos particularistas. Habermas admite a possibilidade de convivência do universalismo político com as particularidades culturais, ou seja, que não haja direitos coletivos para os particularismos. (SODRÉ, 1999, p. 20-21).

Os aspectos de cidadania - ou subcidadania - são reflexos de um processo de construção através destas relações conflituosas, que surgem por meio das percepções das diferentes formas de apreensão dos direitos. Os estratos subalternizados encontram dificuldades para exercer os direitos que, em tese, são universalizantes no contexto social. Manzini-Covre (1991) invoca o conceito de *cidadania em construção* para expor os aspectos sobre cidadania no Brasil.

Por último observa-se que a cidadania desenvolvida em nossos dias, extravasa o conceito clássico de cidadania dos direitos, de regras abstratas da democracia, ela vai além da cidadania atada ao Estado. Cabe distinguir esta cidadania, que está mais presente no âmbito do cotidiano: nas organizações formais e informais, nos baixos, nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais (ONGS), nos processos de orçamento participativo de determinados municípios etc., como uma forma ampliada e em processo, que se poderia nomear de uma cidadania em construção. Nesse sentido pode-se imaginar uma imensa rede de cidadania em construção, mesmo no Brasil. (MANZINI-COVRE, 1991, p. 17).

A rede de cidadania em construção leva em consideração aspectos de diferentes particularidades sociais, e perspectivas mais subjetivas de uma sociedade que deve articular a coletividade à diferença não reproduzindo desigualdades, impulsionando movimentos que atuem na construção da cidadania pela própria comunidade.

Manzini-Covre (1991, p.73) reforça a importância do indivíduo perceber-se no espaço e se tornar um *propiciador da revolução individual*, no qual o sujeito-cidadão deve reconhecer os aspectos de seu desejo para mover forças no sentido de construir a existência de sua cidadania, mas para isso, deve haver uma educação para a cidadania.

Para que os sujeitos mais marginalizados tenham a consciência da sua cidadania, e possam ser educados para pensar nela, é necessário a reivindicação de espaços onde se possam discutir aspectos que perpassam a sua existência, funcionando como uma plataforma para se perceber enquanto um ator político, civil, social e econômico, assim promovendo uma revolução dessas subculturas.

Essa revolução interna é traço essencial para a existência da cidadania. Todavia, sua construção depende também de outras dimensões. É preciso haver uma educação para a cidadania. A violência perpassa o cotidiano das pessoas de inúmeros segmentos, em especial da população mais carente: mulheres, presos, negros, crianças e idosos. Há um sofrimento que tem lugar no âmbito do privado e não vem a público, a não ser que essas pessoas tomem consciência de seus direitos como cidadãos e se organizem para lutar por eles. É preciso criar espaços para reivindicar os direitos, mas é preciso também estender o conhecimento a todos, para que saibam da possibilidade de reivindicar. (MANZINI-COVRE, 1991, p. 73-74).

Pensando nos meios de comunicação como plataforma para se pensar a cidadania, e a mídia como um espaço para reivindicar alguns direitos negados às pessoas negras, a necessidade de discussões que tragam aspectos que não recalque a identidade negra e que reforcem a existência e a urgência de construir a sua própria cidadania, é de extrema importância. Porém no Brasil, bem como em outros países, a reprodução do racismo midiático caminha no sentido oposto à uma nova e positiva imagem da pessoa negra.

Sodré (1999) apresenta perspectivas acerca do racismo midiático, baseadas no pensamento do especialista em discurso e racismo, Teún Van Dijk¹⁵, entendendo que o discurso atua em níveis micro e macro dentro de uma sociedade.

A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor de pele. (SODRÉ, 1999, p. 243).

A legitimação da desigualdade social partindo da diferença - a raça - surge em meio aos discursos elitistas hegemônicos, em uma estrutura social que há bastante tempo desqualifica e subalterniza a existência da pessoa negra no contexto social. Este discurso se desdobra na mídia, o que acaba por intensificar as desigualdades já existentes. É preciso compreender como discursos hegemônicos operam dentro da sociedade no sentido de diminuir as perspectivas das subculturas dentro e fora da mídia.

3.2 Diferença e desigualdade: discursos contra-hegemônicos

Em uma sociedade repleta de diferenças derivadas da multiplicidade étnica, cultural, de gênero, de classe, entre outras várias possíveis, compreender o potencial do discurso na

¹⁵ Teún Van Dijk, Teórico do campo da Linguística, em especial Análise Crítica do Discurso, que em seu texto *Discurso e Poder* traz perspectivas das potencialidades do discurso como possível reforço ao racismo.

legitimação das desigualdades é urgente. Observar a diferença é necessário para reconhecer as diferentes trajetórias que circundam corpos subalternizados pela sua raça, promovendo desigualdades - racismos.

O entendimento das diferenças diante de determinados contextos de sociedade varia, pois, as percepções que pautam a diferença e a identidade partem de um resultado de construções simbólicas e discursivas que julgam o diferente a partir de um olhar hegemônico, estabelecendo relações e hierarquias de poder, como define Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 81). As percepções acerca da diferença partem de pensamentos de teóricos pós-coloniais e diaspóricos¹⁶ que percebem uma dicotomização do mundo em *oriente* e *ocidente*, ou como Stuart Hall (1996a) aponta, a dicotomia *West/Rest*, a qual privilegia-se o olhar do ocidente civilizado, polido e desenvolvido, e o oriente atrasado, insignificante e passível de colonização.

A identificação, segundo Hall (2000) está sujeita ao que Jacques Derridá coloca como *différence*. O conceito de *différence* parte de uma perspectiva discursiva que pressupõe a existência de binarismos estabelecidos em um contexto ocidental de sociedade, e que, segundo Sérgio Costa (2006, p. 98) constituem a base das estruturas de dominação modernas, transformando as marcas identitárias em estanques e totalizantes.

Neste sentido, é necessário pensar o *ocidente* e *oriente* como lugares de enunciação, partindo da ideia de colonizador e do colonizado. Costa (2006) reforça dizendo que "O oriente do orientalismo, ainda que remeta vagamente, um lugar geográfico, expressa mais propriamente uma fronteira cultural entre um nós e um eles, numa relação que produz e reproduz o outro como inferior" (COSTA, 2006, p. 86). O outro, sempre será carregado de significações e estereótipos que o *eu* abomina e discrimina.

Edward Said (2007) demonstra em sua obra *Orientalismo* uma perspectiva bem definida do *oriente como invenção do ocidente* em que o sujeito ocidental delimita de maneira arbitrária o oriental como o "outro", o que o distancia da "realidade universal".

Em outras palavras, essa prática universal de designar mentalmente um lugar familiar, que é o "nosso", e um espaço não familiar além do "nosso", que é o

¹⁶ Neste sentido, entender os dois autores como investigadores que criticam o processo de colonização por serem imigrantes, assumem outra perspectiva acerca do estruturalismo científico cânone. Stuart Hall (2003, p. 31) em seu livro "A Diáspora", diz que "Nossos povos tem suas raízes nos — ou, mais precisamente, podem traçar suas rotas a partir dos — quatro cantos do globo, desde a Europa, África, Ásia; foram forçados a se juntar no quarto canto, na "cena primária" do Novo Mundo. Suas "rotas" são tudo, menos "puras". A grande maioria deles é de descendência "africana" — mas, como teria dito Shakespeare, "norte pelo noroeste". Sabemos que o termo "África" é, em todo caso, uma construção moderna, que se refere a uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas cujo principal ponto de origem comum situava-se no tráfico de escravos."

"deles", é um modo de fazer distinções geográficas que pode ser inteiramente arbitrário. Uso a palavra "arbitrário" neste ponto, porque a geografia imaginativa da variedade "nossa terra - terra bárbara" não requer que os bárbaros reconheçam a distinção. Basta que "nós" tracemos essas fronteiras em nossas mentes; "eles" se tornam "eles" de acordo com as demarcações, e tanto o seu território como a sua mentalidade são designados como diferentes dos "nossos". (SAID, 2007, p.91)

Andreas Hofbauer (2011) apresenta um entendimento de diferenças que colocam hierarquias de poder e perspectivas hegemônicas de modo dual, diante a possibilidade de atrelamento do conceito de desigualdade.

Quais diferenças são vistas como justas e quais como injustas frequentemente varia, porém, entre as sociedades. E existem, evidentemente, também disputas internas a respeito de tais avaliações. Geralmente há, no entanto, algumas concepções que se impõem como discursos hegemônicos e que buscam explicar e justificar certas diferenças como benignas para a coesão e a integridade do corpo social, bem como condenar outras como socialmente malignas ou imorais, que podem vir a ser identificadas e reprovadas como "desigualdade". (HOFBAUER, 2011, p. 71-72).

Entendendo estas construções discursivas que subjagam o *outro*, e promovem desigualdades no contexto social, é fundamental observar a raça como uma diferença e o racismo como uma forma de impulsionar as desigualdades no Brasil. A sociedade brasileira reafirma os aspectos de um paraíso racial em que as desigualdades são justificadas pelo olhar em que se valoriza o mérito individual ante as diferenças, Kabengele Munanga (2010) explicita o aspecto problemático deste cenário, dizendo que "A perpetuação do preconceito racial em nosso país revela a existência de um sistema social racista que possui mecanismos para produzir as desigualdades raciais dentro da sociedade." (MUNANGA, 2010, p. 182).

As práticas discursivas que ampliam a percepção social da pessoa negra como cidadã de segunda ordem, se desdobram no cotidiano de maneira velada e inconspícua e reverberam no imaginário popular sendo naturalizadas, e estabelecendo uma relação de manutenção perene ao racismo. Porém, a lente através da qual grande parte dos brasileiros enxergam discursos carregados de racismo, é a mesma lente ajustada à ótica *freyrriana* que atribui cordialidade racial e democracia social ao contexto de Brasil, filtro este que qualifica o racismo institucional e estrutural que orienta a sociedade.

Sueli Carneiro (2011) reforça ainda que pensar estes racismos que sucumbem ao discurso do dia-a-dia como inofensivos, acabam por colocar a pessoa negra como enfadonha e melindrosa, desqualificando o ato racista.

Em geral, esses atos são minimizados pela opinião pública como uma frase infeliz, sem intenção discriminatória, de acordo com a nossa tradição de mascarar o racismo e o preconceito presentes na sociedade. Mais recentemente, diz-se que os negros brasileiros estão ficando muito "melindrosos" e vendo racismo em tudo. Afinal sempre toleraram sem problemas "essas brincadeiras" que, no máximo podem ser consideradas de mal gosto, jamais racistas. Atribui-se também esse melindre à influência dos negros norte-americanos. Deve ser a globalização! Ou talvez seja simplesmente a consciência negra sobre as variadas manifestações de racismo que esteja aumentando no Brasil. (CARNEIRO, 2011, p. 125).

No Brasil, a identificação da população negra é reduzida a uma concepção discursiva que a subjuga. Quando surge a possibilidade de reafirmar o contrário, o discurso se volta para narrativas de representação social que recaem sobre o jogador de futebol - caso seja um homem negro - ou de uma sambista - caso seja uma mulher negra. Colocar a pessoa negra num contexto de *différence* que a situe em uma posição de *vitória* ainda está bem distante dos contextos reconhecidos como sucesso para pessoas brancas, os quais o prestígio social é relegado para além do samba e do futebol.

Ari Lima (2001) quando aborda a dificuldade de legitimação de intelectuais negras e negros na sociedade brasileira e aponta uma associação entre esta dificuldade e as narrativas sociais e históricas estabelecidas para o lugar que pessoas negras vitoriosas *devem ocupar*, ao afirmar que:

Vitoriosos subalternos, sem nada a declarar uma vez que seus corpos são uma verdade visceral de ensimesmada eloquência. Se masculino e sujeito, é uma potência individualizada, encerrada em um só homem negro. Se feminino, é uma representação coletiva, politicamente estéril, descompromissada com o gênero tanto quanto com a raça. Mas existe um outro Brasil possível para os negros além do samba e do futebol? (LIMA, 2001, p. 282).

E partindo desta representação sobredeterminada da população negra no Brasil, Lima (2001) ainda apresenta o seu olhar acerca da pessoa negra no meio acadêmico brasileiro, lugar este que é pautado por pensamentos de pesquisadores eurocentrados e perspectivas epistêmicas que marginalizam o olhar do *outro*. Dentro da academia os pontos de vista que buscam descentrar o pensamento acadêmico altamente colonialista, sofrem com o que passa a ser conhecido como racismo científico.

A necessidade de a voz da pessoa negra assumir-se como instrumento de agenciamento, por subsídios possibilitadas pelo seu próprio local de enunciação, é atravessada

por olhares que tornam transparentes toda sua contribuição vivida, assim como aponta Lima (2001).

Entretanto, quando ciente da sua subalternidade, o intelectual negro saberá dos limites da sua fala uma vez que antes de ser agente reflexivo é “objeto científico”. Saberá que se sua consciência subalterna lhe autoriza a falar sobre a diferença negra no Brasil, por outro lado, espregueira seu grau de incorporação de uma “objetividade” científica universal, de ajuste a tropos e apelos disciplinares. (LIMA, 2001, p. 282).

O processo de invisibilização de narrativas subjugadas perpassa em diversos âmbitos da vida social da população negra. Os silenciamentos que atingem pessoas negras enquanto produtores de saberes ignora as suas existências, uma vez que, segundo Spivak (2012), eles são vistos como sujeitos transparentes diante do reconhecimento de suas produções. O sentimento de insurgência acerca da desigualdade apontadas por Lima (2001, p. 282), reconhecidas em grande parte como discurso de militância, não deveriam se distanciar das perspectivas do "S/sujeito", anunciados em Spivak (2012) acerca da possibilidade de os oprimidos e subalternos poderem levantarem voz sobre si mesmos.

Isso reintroduz o sujeito constitutivo em pelo menos dois níveis: o Sujeito de desejo e poder como um pressuposto metodológico irreduzível; e o sujeito do oprimido, próximo de, senão idêntico, a si mesmo. Além disso, os intelectuais, os quais não são nenhum desses S/sujeitos, tornam-se transparentes nessa "corrida de revezamento", pois eles simplesmente fazem uma declaração sobre o sujeito não representado e analisam (sem analisar) o funcionamento do (Sujeito inominado irreduzivelmente pressuposto pelo) poder e do desejo. (SPIVAK, 2012, p. 44).

Entendendo o olhar crítico acerca do silenciamento histórico da população negra e sua consequente falta de protagonismo, as perspectivas em Gayatri Spivak (2012) sobre a impossibilidade de o subalterno assumir voz, ser ouvido, e ter seu devido lugar diante da sua produção discursiva estimula uma reflexão acerca da possibilidade da voz negra ser instrumento de seu agenciamento.

Djamila Ribeiro (2018) entende que há a necessidade de as "minorias" assumirem a sua voz e reivindicarem o seu lugar de fala, uma vez que o olhar hegemônico reforça narrativas de vivência que as desqualifica. Kilomba (2012) ao falar da máscara que sela a boca da imagem da escrava Anastácia (Figura 2), reforça a ideia de que a voz subalternizada da pessoa negra é silenciada:

Há um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, o colonizador terá que escutar. Ele/ela seria forçado a um confronto desconfortável com as verdades dos *Outros*. Verdades que foram reprimidas e mantidas em silêncio, como segredos. Eu gosto dessa frase *quieto na medida em que é forçado a*. Essa é uma expressão das pessoas da Diáspora africana que anuncia como alguém está prestes a revelar o que se supõe ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. (KILOMBA, 2012, p. 20).

Figura 2 – Castigo de Escravos - Escrava Anastácia



Fonte: Museu Afro Brasileiro. Jacques Etienne Arago. 1839.

Analisando - em específico - a posição da mulher negra na sociedade brasileira, Luiza Bairros (1991, p.462) influenciada pelo olhar de Patricia Hill Collins (2016) ainda reforça que o lugar ocupado pelas empregadas domésticas contempla a rica percepção social do feminismo negro e é potente instrumento de reflexão e de ação política. E na contramão da expectativa social de silenciamento representada pela imagem da escrava anastácia, a voz das

empregadas domésticas podem se amplificar articulando novas perspectivas se observado o exemplo da página “eu empregada doméstica” da rede social *facebook*.

Lyzyê Inácio Almeida (2019, p. 94,95) relata o fenômeno que partiu da iniciativa de Joyce Fernandes, também conhecida por Preta Rara, que propôs nas redes que empregadas domésticas relatassem fatos ocorridos durante o exercício da função de empregada doméstica, e ao fim da postagem fixassem a *hashtag* #EuEmpregadaDoméstica com o intuito de dar vazão à esses relatos por vezes silenciados. No dia seguinte à proposta de Preta Rara, seu perfil contava com 20 mil seguidores, o que a fez criar uma página específica, que atualmente conta com mais de 163 mil seguidores.

Pensar em estratégias de resistência que atuem promovendo voz e protagonismo, contribuem para reconfigurar as perspectivas de silenciamento da população negra antes cristalizadas na imagem da escrava Anastácia. Almeida (2019) ainda conclui que:

Presentemente, a luta continua de forma atualizada tendo em vista a chegada das redes sociais e outras tecnologias, deixando para trás o passado da fuga e procurando agora serem vistas e ouvidas. Como a escravidão de tempos passados, que não se fundava apenas na violência física, continua de forma remodelada sentindo na pele as trabalhadoras domésticas, o quilombo também atuará no futuro. (ALMEIDA, 2019, p. 133)

Figura 3 - Preta Rara



Fonte: fotografia por Cibele Appes. 2017.

Mas para desconstruir os discursos que subalternizam e subestimam é necessário rearticular as percepções desiguais acerca do *outro*. Durante mais de quinhentos anos de

história colonial no Brasil, as percepções hegemônicas suprimiram as diferenças culturais, dando espaço para uma unificação da linguagem, padrões de alfabetização universais forjando uma cultura homogênea, como apresenta Hall (1992, p. 30), fatores esses que postulam uma identidade nacional unívoca.

As construções simbólicas acerca da população negra brasileira estabelecem percepções estereotipadas que, através dos meios de comunicação, a desqualifica e a coloca em posições secundárias e inferiores. A disseminação do estereótipo que atribui a pessoas negras status de subalternidade, toma força com a televisão brasileira, uma vez que esta é reconhecida no contexto nacional como uma grande plataforma de influência da opinião pública. Da Silva e Rosemberg (2008, p. 74) ainda dispara que “a mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico, uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros”.

Como aporte teórico crítico acerca das desigualdades simbólicas observadas na mídia brasileira, emergem aqui os estudos Latino-Americanos de Comunicação. Os Estudos Latino-Americanos de Comunicação se embasam em aspectos apresentados pelos Estudos Culturais quando questionam a cultura hegemônica que, na América-Latina, remontavam aspectos da cultura europeia e estadunidense. Desta forma, os estudiosos reconheceram a necessidade de ressaltar o que se entende como *cultura de baixo*, corroborando com a perspectiva *gramsciana* que contesta a hegemonia cultural diante da dominação ideológica de classes. Martín-Barbero (1987), em seu livro *Dos Meios às Mediações*, apresenta um capítulo que questiona a cultura como espaço de hegemonia, estabelecendo apontamentos que demonstram que a valorização da cultura hegemônica subalterniza a cultura popular.

Quer dizer que frente a toda tendência culturalista, o valor do popular não reside em sua autenticidade ou em sua beleza mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica. (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 105).

Assumir os Estudos Culturais Latino-Americanos como aparatos teóricos para repensar os processos comunicacionais no Brasil é importante para entender os contextos históricos marcados por séculos de subalternização e subestimação das chamadas *minorias* por meio de discursos hegemônicos, em uma perspectiva que privilegie estudos feitos pelos latinos e para os latinos. As lutas das minorias apresentam uma origem histórica que perpassa

por processos de resiliência e a necessidade de visibilidade é uma forma de resistir diante do discurso hegemônico.

Os olhares e vivências que as *minorias* trazem em suas trajetórias devem ser representadas a partir das suas próprias percepções, uma vez que os produtos midiáticos assumem papel de janela para construções ideológicas. Entendendo o poder da comunicação e da mídia como instrumentos de agência cidadã, e como estruturante no processo de reconhecimento social, uma maior representatividade midiática que não marginalize e silencie a população negra é urgente, Araújo (2000) reforça esta percepção ao dizer que:

A discussão sobre políticas afirmativas e promoção dos afro-brasileiros deve, portanto, enfrentar a invisibilidade e os estereótipos negativos sobre o povo negro, que também faz parte da história da televisão brasileira. A promoção da auto-estima ainda é uma das ações fundamentais para qualquer liderança anti-racista. (ARAÚJO, 2000, p. 77).

Em um país marcado por um pensamento colonialista que possui traços de uma sociedade escravocrata, entender que discursos racistas estão permeados desde o vocabulário popular, até campanhas publicitárias e em programas televisivos, estimula que haja uma resistência aos produtos midiáticos que tanto reforçam estas ideologias.

4 O ESPELHO

O reconhecimento de plataformas que estimulem a produção de um pensamento contra-hegemônico na atualidade tem importância na perspectiva de resistência perante um contexto social excludente e desigual. Para tanto, objetiva-se observar no discurso midiático televisivo, a partir do programa Espelho, aspectos contraculturais na busca por cidadania.

A televisão assume um importante papel na vida do brasileiro, atuando como um meio de comunicação de grande respaldo, mesmo com o advento da internet. Os discursos reproduzidos pela televisão brasileira, durante décadas, reforçaram uma percepção racista sobre a população negra. A pessoa negra, majoritariamente, será representada nas narrativas televisivas como coadjuvante, quando não é criticada e associada à violência.

O Programa Espelho apresenta-se com novas propostas narrativas, partindo das trajetórias contadas em entrevistas e estimulando o protagonismo de pessoas negras. O histórico do programa e as perspectivas relacionadas ao discurso são privilegiadas neste momento da pesquisa, anunciando um importante papel das narrativas pessoais como forte agente para construção cidadã.

4.1 O NEGRO NA TELEVISÃO BRASILEIRA: UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

Em um curto espaço de tempo, a televisão no Brasil ocupou um lugar especial na vida da população, se consolidando como um meio de comunicação de grande importância no reforço de uma suposta identidade nacional reconhecida por todos que, entretanto, não representa a nação como um todo. Desde a primeira transmissão de televisão no Brasil, ocorrida em 1950 com a primeira emissora televisiva do Brasil, a extinta TV Tupi, até os dias atuais, passando pelo advento de novos meios de comunicação, em especial a internet, a televisão ainda se posiciona como uma importante plataforma de entretenimento, informação e comunicação.

A Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada em 2016 e publicada¹⁷ pelo portal do governo brasileiro, aponta que a televisão brasileira ainda figura como o principal meio de comunicação para 63% da população brasileira, se destacando, diferentemente dos outros meios de comunicações que reduziram seu consumo vertiginosamente após a universalização do consumo da internet. A televisão tem um papel muito importante na construção do

¹⁷ Pesquisa brasileira de mídia. Disponível em: <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>. Acesso em: 05 jan. 2019.

contexto social atuando diretamente na prática cidadã dos seus usuários. Temer (2012) reforça dizendo que "A televisão unifica o Brasil no plano imaginário o país real das desigualdades sociais, geográficas e culturais" (TEMER, 2012, p. 30).

Observar as diferentes formas de representações identitárias produzidas pela mídia televisiva é importante para o reconhecimento acerca das desigualdades que reverberam dentro do Brasil.

A TV ocupa um papel marcante no cenário midiático nacional, com reflexos no contexto social, sobretudo ao considerarmos seu alcance e capacidade de influência. Ao estabelecer um fluxo de informação ou comunicação com diferentes públicos, a televisão constrói e reproduz diferentes discursos sem neutralidade. Portanto, é um meio com potencial de persuadir e influenciar o comportamento dos telespectadores, propagando ou reforçando modelos e perspectivas que ultrapassam a tela e chegam ao contexto social. (SILVA, 2017, p. 30-31).

O discurso midiático televisivo dissolve em sua programação perspectivas que subtraem a existência das pessoas negras desqualificando as diferentes potencialidades e reproduzindo um ideal subalterno sobre elas. Para Joel Zito Araújo “parece-nos, portanto, que a resistência cultural e política da população negra brasileira ainda não conseguiu produzir na televisão, em quantidades significativas, imagens e programas que revelem os seus valores e as experiências do seu próprio grupo.” (ARAÚJO, 2000, p. 66).

Essa visão denota a necessidade da pessoa negra em se ver representado pelos produtos midiáticos. Rodrigues (2001) corrobora, dizendo que:

[...] um dos questionamentos mais frequentes feitos ao cinema brasileiro por intelectuais e artistas negros é o de que nossos filmes não apresentam personagens reais individualizados, mas apenas arquétipos e/ou caricaturas: ‘o escravo’, ‘o sambista’, ‘a mulata boazuda’”. (RODRIGUES, 2001, p. 29).

Estes arquétipos, reconhecidos na mídia, reforçaram por muito tempo uma percepção torta da identidade negra no país, gerando incômodo e receio por parte da população negra em se reconhecer dentro desta representação subalternizada, estimulando uma necessidade de se distanciar dos próprios traços da afrodescendência e tendendo a se apegar às características europeias em seus corpos.

O surgimento da televisão no Brasil, nos anos 50, veio reforçar esse papel das mídias já existentes na organização de uma identidade nacional, transformando também elementos culturais dos não hegemônicos, negros e índios, em características marcantes da identidade nacional brasileira e

ampliando as dificuldade de se definir o que é negro no país. (ARAÚJO, 2000, p. 34-35).

A realidade da televisão brasileira é construída por narrativas controladas pelas famílias detentoras dos grandes conglomerados de comunicação no Brasil. Nessa construção não encontra-se de forma naturalizada a consideração de demandas de consumo da população negra, nem de sua representação social para fora dos estereótipos. As perspectivas racistas desta elite são lidas por Araújo (2000, p. 77) ao dizer que "O empresário brasileiro, em sua grande maioria, não acredita que o negro seja uma força econômica. Na lógica desta maioria, preto é igual a pobre, que é igual a consumo de subsistência." Sodré (1999) também faz uma leitura próxima ao dizer que:

A mídia é o intelectual coletivo desse poderio, que se empenha em consolidar o velho entendimento de povo como "público", sem comprometer-se com causas verdadeiramente públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira. O racismo modula-se e cresce à sombra do difusionismo culturalista euroamericano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo. (SODRÉ, 1999, p. 244).

Araújo (2000, p. 38) aponta que a televisão brasileira assume em sua programação a estética de branqueamento e a ideologia da democracia racial, elemento reforçado anualmente na cobertura do Carnaval brasileiro, quando o paraíso da miscigenação racial é vendido em larga escala para todo o país e também internacionalmente.

O desinteresse histórico da elite brasileira em formar um mercado consumidor amplo e a preferência pela imigração da mão de obra europeia no período final da escravidão ainda se refletem, atualmente, na atitude de empresários, publicitários e produtores de TV, na escolha dos modelos publicitários, na estética da propaganda e nas dificuldades de apoio financeiro e de incentivo cultural aos programas de TV voltados para a população afro-brasileira. (ARAÚJO, 2000, p. 77).

Para além das telenovelas e programas de entretenimento, a figura da pessoa negra surge - em larga escala - nos discursos jornalísticos onde a sua imagem alitera-se ao discurso da violência, relegando à população negra a percepção social de marginalidade e crime. Esta percepção reforça e legitima, segundo Gomes Costa (2018), um subjugamento e inferiorização da população negra, violentando simbolicamente os corpos negros com essa carga de sentidos.

Desta forma, os discursos telejornalísticos carregam aspectos negativos acerca da população negra, que incorporam na sociedade uma percepção de que a coexistência destes corpos na sociedade se atrela a uma sensação de insegurança, desconforto, resultados do racismo impulsionado pelo discurso jornalístico que insiste em enxergar no sujeito negro manchetes estigmatizantes e problemáticas como apresentado abaixo.

Figura 4 - Manchete 1

Após denúncia, polícia prende quatro traficantes da mesma família em Lauro de Freitas

Policiais apreenderam espingarda, munições, maconha e uma balança de precisão



Fonte: Portal R7, 2015.

E ao falar de situações de crime realizados por pessoas brancas, que encontram outros marcadores sociais da diferença que as privilegiam interseccionados em si, como classe e gênero, o discurso midiático assume outro caminho. Enquanto pessoas negras são tidas como "traficantes" inveterados e passíveis de violação e violência, pessoas brancas são lidas apenas como jovens desvirtuados e passíveis de compaixão e compreensão.

Figura 5 - Manchete 2

Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio

Eles foram presos num estacionamento de um prédio na Tijuca. Delegado tenta identificar outros integrantes da quadrilha



Fonte: *Portal G1*, 2015.

A partir destas notícias é possível inferir que no imaginário coletivo a existência do corpo negro está constantemente vinculada à crimes ou a noções de “perigo”. Ao observar discursos midiáticos, como estes apresentados, encontra-se o lugar que a mídia pode ocupar como agente de reforço da violência simbólica que a população negra sofre pelo simples fato de ser negra. Gomes Costa (2018) demonstra que o corpo negro se encontra em um estado de vulnerabilidade corroborado pela percepção determinista do jornalismo acerca da relação entre violência urbana e a pessoa negra.

O corpo negro vinculado à noção de periculosidade e associado à marginalidade, ao banditismo e à criminalidade é, portanto, o alvo primeiro das ações policiais. A violência policial contra ele expressa-se em uma reação aos efeitos imaginários e das virtualidades que estes corpos podem causar quando aumenta a sensação de insegurança urbana. Visto como um problema, a construção social do corpo negro pela sociedade brasileira apresenta a sua própria solução. Para que a ordem seja estabelecida, é necessário que este corpo seja desconstruído do rol dos direitos formais, seja violado, seja passível de ser violentado pelas forças policiais e seja punido por sua própria existência. (COSTA, 2018, p. 287).

Sodré (1999, p. 244) coloca o imaginário como aspecto importante quando o assunto é a representação negativa do negro na sociedade brasileira, se fundando historicamente na relação hierárquica entre senhor e escravo. Esta relação é legitimada no discurso da mídia em vários níveis, o que exige um olhar mais crítico acerca do discurso midiático, visto que ele se encontra travestido da ocasionalidade característica do discurso da equidade racial.

O imaginário racista veiculado pelas elites tradicionais pode ser hoje reproduzido logotecnicamente, de modo mais sutil e eficaz, pelo discurso mediático-popularesco, sem distância crítica do tecido da civilização tecnoeconômica, onde se acha incrustada a discriminação em todos os seus níveis. (SODRÉ, 1999, p. 244).

Neste sentido, Sodré (1999, p. 245-246) aponta quatro fatores que caracterizam o racismo institucionalizado pela mídia: a *negação* acontecendo aqui bastante similar ao discurso da democracia racial, o qual a mídia tende a negar a existência do racismo que ela mesma reforça e reproduz em diversos níveis, assumindo a televisão como um veículo midiático; o *recalcamento* aspecto típico das perspectivas colonializantes que tendem a valorizar o olhar hegemônico eurocêntrico, e recalcar, subtrair, os aspectos contra-hegemônicos, a falta de protagonismo e valorização aos aspectos culturais de matriz africana na televisão, por exemplo; a *estigmatização* que toma forma na reprodução da imagem inferiorizada do negro, partindo do olhar branco discriminatório sob a pessoa negra ocasionando a formulação de estereótipos problemáticos.

Por fim a *indiferença profissional* emerge atribuindo à mídia interesses altamente comerciais, que se distanciam das questões discriminatórias das pessoas negras ou das outras minorias representativas por acreditar que não é de extrema importância, reflexo esse de um quadro de profissionais midiáticos predominantemente brancos. Sodré ainda aponta que:

Quando indivíduos de pele escura conseguem empregar-se em redações de jornais ou em estações de televisão, mesmo que possam eventualmente

ocupar uma função importante, são destinados a tarefas ditas "de cozinha", isto é, aquelas que se desempenham nos bastidores do serviço, longe da visibilidade pública. (SODRÉ, 1999, p. 246).

Este posicionamento racista, que flutua no imaginário popular, e que encontra respaldo nas produções televisivas, demonstra a necessidade da mudança acerca da programação da TV brasileira. Durante muito tempo as narrativas televisivas, ao reduzirem a identidade da população negra à representações subjugadas, a distanciaram vertiginosamente de percepções positivas acerca da sua própria existência e também à valorização de aspectos culturais e estéticos da cultura afro.

A necessidade de assumir o papel de reconstruir e valorizar aspectos da cultura afro-brasileira na TV nacional é de extrema importância para uma nova percepção acerca da diferença. As narrativas midiáticas, ao construírem sentidos, também podem ser ferramentas para a experimentação cidadã por uma perspectiva antirracista nos dias de hoje

Encontrar na programação televisiva brasileira elementos que surgem como reforço e enaltecimento da existência e resistência da população negra no contexto nacional, emergem como uma possibilidade de reconhecimento identitário e estímulo da autoestima negra em um contexto social que, durante muito tempo, reforçou e ainda reforça aspectos tão negativos acerca da pessoa negra.

4.2 CANAL BRASIL E ESPELHO

As diferentes emissoras da televisão brasileira estabeleceram diferentes aspectos acerca da sua imagem e posicionamento, que são caracterizadas principalmente pela configuração de sua programação televisiva. A ordem desta configuração é estabelecida de acordo com os públicos-alvo de cada programa, que apresentam os mais diversificados interesses, escolhendo dentro da programação, qual programa que se alinha com seus anseios, Souza (2004) ratifica dizendo que "além dos fatores ligados à audiência e ao público-alvo, outra razão muito importante para a programação de uma rede é a de que um programa ou conjunto de programas constrói a imagem da própria emissora de televisão." (SOUZA, 2004, p. 56).

Os desdobramentos acerca da programação televisiva se pautam em grande parte pelo consumo, assumindo os interesses comerciais estabelecidos pelos anunciantes e pelos anseios do público diante da programação. Esta programação é reproduzida semanalmente,

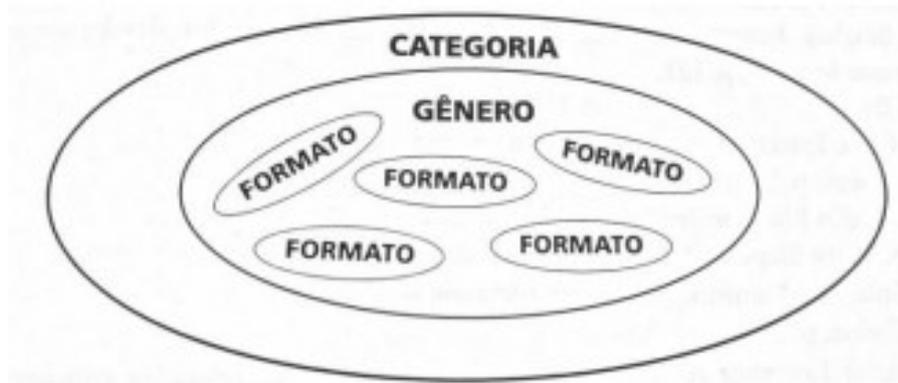
estabelecendo uma sequência de programas que vão ao ar durante os sete dias da semana, variando dentro das possibilidades de gêneros e formatos televisivos.

A organização da programação semanal é sistematizada em uma grade televisiva delimitando o horário de cada programação, como aponta Souza: "[...] o conjunto de programas de uma rede é distribuído durante o tempo em que ela permanece no ar semanalmente. Para orientar o telespectador, cada rede elabora o que se chama de programação, num plano conhecido como grade horária." (SOUZA, 2004, p. 57). Acerca da programação televisiva, Temer e Tondato acrescentam que:

A programação televisiva tem como princípio uma grade caracterizada pela sequência e repetição. Os programas têm uma sequência diária e se repetem ao longo das semanas em um modelo aparentemente caótico, isoladamente uma mistura de gêneros, mas que responde às necessidades de rentabilidade da emissão e diversidade da recepção, que, assim, consegue acompanhar a programação. (TEMER & TONDATO, 2009, p. 32).

Para uma compreensão mais holística acerca da programação televisiva de um canal, é necessário entender sobre as distintas configurações que envolvem os vários programas que compõem a grade horária televisiva. Temer e Tondato (2009, p. 20) apontam que os programas são essencialmente divididos em três categorias - informativas, educativas e entretenimento - e que essas categorias são compostas um conjunto de diferentes gêneros televisivos. Os gêneros televisivos se desdobram em diferentes formatos de produções, procurando se adaptar cada vez mais aos diferentes gostos e interesses dos telespectadores. Souza apresenta um quadro que ilustra esta estrutura.

Figura 6 - Categorias, Gêneros e Formatos.



Fonte: Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira, 2004, p. 47

É possível observar as hierarquias em que as três diferentes estruturas atuam, ilustrando que dentro de uma categoria, encontramos um gênero específico, e este gênero possibilita uma grande variabilidade de formatos. Acerca das três diferentes categorias Souza ratifica e acrescenta dizendo que:

Uma quarta categoria, tratada na mesma pesquisa como "especiais", suscita controvérsia quanto ao significado na própria programação. A pesquisa classifica na categoria "especiais" os programas infantis, de religião, de minorias étnicas, agrícolas e outros. No Brasil, os "especiais" são produções exclusivas e inéditas apresentadas pelas emissoras como programas diferenciados, que podem ser de vários gêneros. Musicais, minisséries e entrevistas são algumas dessas produções chamadas "especiais" pelas redes brasileiras. (SOUZA, 2004, p. 39).

É possível pensar estas categorias de maneira mutável e metamórfica, uma vez que as fórmulas televisivas se modificam de acordo com os públicos e os desdobramentos de seus interesses. Souza (2004, p. 92) ainda faz uma classificação das categorias, gêneros e formatos televisivos, sistematizando por meio do boletim de programação das emissoras abertas e outras fontes de pesquisa, que segundo o autor, condensam todas as categorias e gêneros.

Figura 7 - Categorias e Gêneros dos programas na TV brasileira.

Categoria	Gênero
Entretenimento	Auditório – Colunismo social – Culinário – Desenho animado – Docudrama – Esportivo – Filme – <i>Game show</i> – Humorístico – Interativo – Infantil – Musical – Novela – <i>Quiz show</i> – <i>Reality show</i> – Revista – Série – Séria brasileira – <i>Sitcom</i> – <i>Talk show</i> – Variedades – <i>Western</i>
Informação	Debate – Documentário – Entrevista – Telejornal
Educação	Educativo – Instrutivo
Publicidade	Chamada – Filme comercial – Político – Sorteio – Telecompra – Merchandising
Outros	Especial – Eventos – Religioso

Fonte: CARVALHO, Vanessa Brasil *et. al*, 2016, p. 189.

Programações televisivas que tragam em seus conteúdos novas percepções acerca das trajetórias negras se destacam como possibilidades de representatividade e reforço da autoestima das pessoas negras. Como exemplo disto, emerge o Programa Espelho do Canal Brasil, apresentado e dirigido por Lázaro Ramos, como objeto a ser analisado nesta pesquisa.

Souza (2004, p. 32) diz que "só se pode identificar e classificar os programas pela análise da grade de programação de cada emissora.", portanto para uma compreensão mais totalizante do Programa Espelho, é preciso conhecer a fundo a emissora de televisão na qual o programa está inserido, o Canal Brasil.

O Canal Brasil é uma emissora de televisão por assinatura, filiada ao grupo *globosat*, da *Rede Globo* de Televisão. Vale ressaltar que a programação e a grade televisiva de uma emissora aberta é diferente de um canal de televisão por assinatura, apresentando uma programação vertical ou diagonal, diferentemente dos canais abertos que desenharam uma programação horizontal em sua grade, como indica Souza (2004):

A programação horizontal significa, em resumo, a estratégia utilizada pelas emissoras para estipular um horário fixo para determinado gênero todos os dias da semana, com o objetivo de criar no telespectador o hábito de assistir ao mesmo programa nesse horário. Diferentemente das emissoras abertas, as TV's por assinatura adotam uma grade de programação diagonal e vertical, ou seja, os programas mudam de horário durante a semana e são reprisados, para ter audiência em vários horários. (2004, p. 55)

Além de ser uma emissora de TV por assinatura, o Canal Brasil surge em 18 de setembro de 1998 apresentando uma programação diferenciada. Seu surgimento se deu pela obrigação¹⁸ definida no art. 74 do decreto presidencial 2.206, de 1997, o qual versa sobre a obrigatoriedade das operadoras de TV a cabo - neste caso a *globosat* - em oferecer pelo menos um canal com a programação composta exclusivamente por filmes brasileiros de

¹⁸ O Decreto Presidencial nº 2.206. Disponível em: <https://prespublica.jusbrasil.com.br/legislacao/112020/decreto-2206-97>. Acesso em: 15 jan. 2018.

produção independente. Dessa forma, sua programação é largamente composta por produções audiovisuais brasileiras independentes, contando com alguns programas da categoria entretenimento, ficcionais e não-ficcionais em sua grade.

A grade de horários¹⁹ da programação do Canal Brasil, é composta em sua maioria pela categoria entretenimento. Temer e Tondato (2009, p. 20) ratificam ao dizer que o telespectador brasileiro tem preferência pela categoria entretenimento, justificando um gosto nacional.

Em entrevista²⁰ para o jornal O Globo, Paulo Mendonça, diretor geral e um dos fundadores do Canal Brasil, fala um pouco sobre a trajetória da emissora, dizendo que nos primeiros anos de existência, o canal era conhecido nacionalmente por ser um veículo de filmes velhos e *pornochanchada*. Depois de assumir a direção geral do canal, conta que teve o objetivo de mudar este estigma. Mendonça ainda diz que após a sua gestão enquanto diretor geral em 2004, o Canal Brasil evita o padrão tradicional da televisão brasileira, trazendo programas com formatos novos, e aponta o Programa Espelho como um exemplo de uma fórmula de sucesso:

Nós fomos criando outros modelos, fazendo shows e produzindo filmes. Um exemplo para a gente é o que faz o canal francês Arte. Outra vantagem foi a nova Lei da TV Paga. Pela necessidade das operadoras de terem um canal de conteúdo nacional, de 31 de outubro para 1º de novembro de 2012, nós fomos para os pacotes básicos de assinatura e pulamos de 3,5 milhões para 12 milhões de assinantes. Agora já temos 14,3 milhões. (MENDONÇA, 2013).

No entanto, fugir dos modelos e formatos tradicionais de programas de televisão é uma atitude tida como arriscada para uma emissora de televisão. No Brasil, os maiores anunciantes e as maiores verbas de inserção publicitária acontecem nos programas mais tradicionais da televisão, que se destacam pelos índices de audiência apontados pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope).

A regravação dos gêneros tradicionais (e a criação eventual de novos gêneros) está associada a um fator muito mais importante, que afeta a estrutura básica e a formatação dos programas: o econômico. E o motivo dessa padronização de categorias e gêneros não é desconhecida e pode ser interpretada, mais uma vez, pela ótica de uma indústria que tem seus produtos à venda. O comprador desses produtos é o mercado publicitário,

¹⁹ A grade de horários está disponibilizada nos Anexos.

²⁰ MENDONÇA, Paulo. Paulo Mendonça, um homem de 'sangue latino'. [Entrevista cedida a] André Miranda. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, set. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/paulo-mendonca-um-homem-de-sangue-latino-10007330>. Acesso em: 12 jan. 2018.

que precisa identificar um público-alvo e não se dispõe a correr grande risco. 'Poucos anunciantes desejam arriscar patrocinar programas não-convencionais'. As Emissoras comerciais precisam atender às necessidades dos anunciantes, ao contrário das educativas, que buscam as necessidades do público. (SOUZA, 2004, p. 51-52).

Porém, pelo formato da emissora que não se enquadra nos moldes de uma emissora tradicional, e nem em um canal educativo - pois seu objetivo principal é entreter promovendo a valorização do audiovisual e cultura brasileira - o Canal Brasil se destaca por promover novos formatos de programas focando, principalmente, nos anseios dos seus públicos. A questão da valorização cultural histórica do Brasil é uma característica presente na programação da emissora, desta forma, é possível encontrar programas e filmes que abordem a existência afro e possibilite algum protagonismo à população negra do Brasil.

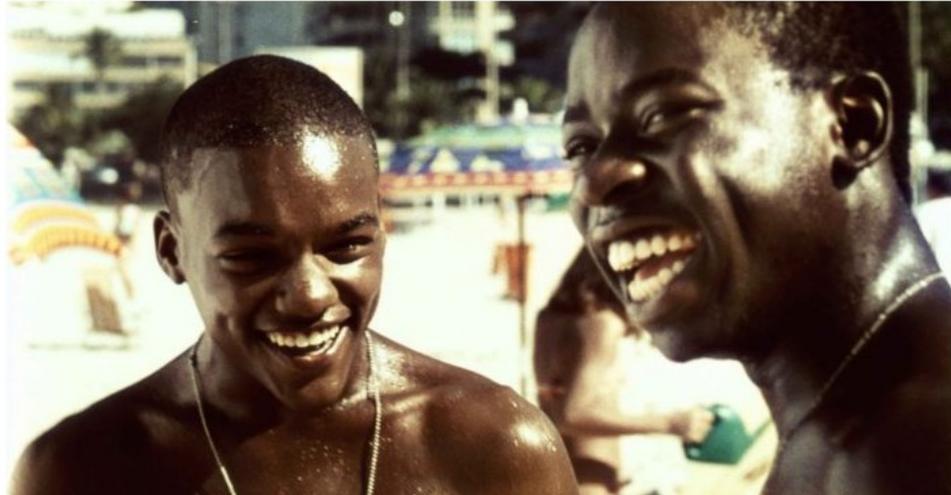
No dia da consciência negra, o Canal apresentou uma programação especial para reforçar a importância de valorizar a cultura de matriz africana no Brasil, exibindo curtas e longas-metragens, documentários, séries e programas, com produções audiovisuais dirigidas ou estreladas por personalidades negras.

Figura 8 - Programação Dia da Consciência Negra

Canal Brasil terá programação especial para o Dia da Consciência Negra

Por Maristela Rosa - 17 de novembro de 2017

1442 0



Fonte: *Portal Mundo Negro*, 2017.

Observando as características não convencionais da programação da emissora em comparação com os outros canais televisivos do Brasil, é possível compreender em quais âmbitos o Programa Espelho se desdobra.

Com 14 anos de história, o Programa Espelho é uma produção Lata Filmes, tendo como Diretora de Produção, Tânia Rocha, e realização do Canal Brasil. O produto midiático se enquadra na grade televisiva como programa de entretenimento, do gênero de entrevistas, assumindo um formato híbrido e não convencional. Têm duração de 30 minutos com frequência semanal no Canal Brasil, nas segundas-feiras às 20h30.

Segundo Souza "O formato de um programa pode apresentar-se de maneira combinada, a fim de reunir elementos de vários gêneros e assim possibilitar o surgimento de outros programas" (SOUZA, 2004, p. 46). Desta forma, o programa apresenta uma fórmula considerada de sucesso, se destacando na grade televisiva do Canal Brasil como um dos programas de maior audiência.

Apesar do programa ser do gênero entrevista, característico da categoria informativa, ele se destaca na grade como um programa de entretenimento. Os novos formatos sugerem novas categorizações e não se enquadram em parâmetros pré-estabelecidos. Alguns autores já

reconhecem a mistura das categorias informação e entretenimento, o *infotenimento*, como um desdobramento a se identificar de maneira recorrente na televisão brasileira.

No Brasil, a predominância do fenômeno do infotenimento é comum. As emissoras conseguiram adequar os formatos de diversos programas, ligando a informação com o entretenimento, surgindo então, o termo híbrido que hoje conhecemos como infotenimento ou *infotainment*. Assim, ‘a notícia torna-se espetáculo e faz parte de uma espécie de *show* de informações’ (SOUZA, 2004, p. 130).

O fenômeno do infotenimento é levado pelas emissoras como uma mistura da notícia com entretenimento, numa espetacularização que supostamente visa atrair públicos não tão próximos dos formatos jornalísticos ortodoxos. No entanto, Gomes (2004, p. 313) discorda da existência deste híbrido de categorias, apresentando as perspectivas éticas as quais o jornalismo deve obedecer:

O fato é que os parâmetros de seleção, de organização e de apresentação da informação tendem a responder aos mesmos princípios que há algum tempo vêm sendo identificados como estruturadores da comunicação de massas: o entretenimento, como base de referência, a ruptura, a diversão e a dramaticidade como seus subsistemas. Há de se perguntar como isso se tornou possível, já que pelo menos aparentemente, a natureza da informação se demonstra incompatível com uma codificação em chave lúdica (GOMES, 2004, p. 313).

Pela característica experimental e inovadora do formato do Programa Espelho, e por ser apresentada por um ator - não um jornalista - negro da televisão brasileira, os aspectos jornalísticos ortodoxos se afastam do formato do programa dando espaço para as características mais próximas do entretenimento. Lázaro Ramos, por ser um ícone reconhecido pelos seus trabalhos no audiovisual, e por ser um dos atores negros de maior prestígio no cenário nacional, assume o papel de entrevistador - e idealizador do programa - no Espelho.

A personalidade e trajetória de Lázaro Ramos são essenciais para o programa, o que implica em uma desconstrução dos princípios éticos de objetividade da entrevista puramente jornalística, afetando de maneira positiva a identidade do programa. Próximo deste pensamento, Cremilda Medina (1995) corrobora, ao falar do papel do entrevistador:

José Bleger (Temas da psicologia- entrevista y grupos. Buenos Aires, Nueva Visión, 1976) enfatiza, por isso mesmo, o papel do observador participante (entrevistador) e a presença decisiva de sua personalidade, desmistificando, com isso, a pretensa objetividade de quem pergunta ou encaminha a

conversação, ou ainda de quem ouve as respostas do entrevistado. Segundo esse e tantos outros autores das áreas da Psicologia Social, Antropologia, Sociologia, Ciência Política, enfim, das Ciências Sociais e Humanas, o entrevistador deve investir, de imediato, na própria personalidade para saber atuar numa inter-relação criadora. (MEDINA, 1995. p. 10).

O programa surge com a proposta de trazer à superfície midiática entrevistas que abordassem questões sobre a autoestima da pessoa negra, convidando personalidades negras que destacam pelo seu posicionamento e consciência racial.

Atualmente o programa assume temáticas que abrangem outras discussões para além de raça e racismos, sobre vivências a partir da trajetória de diferentes pessoas convidadas não negras. Porém, a grande maioria dos entrevistados são pessoas negras que estabelecem conexões com Lázaro para além da entrevista, fruto do diálogo que parte de um lugar comum entre as partes, que é ser uma pessoa negra no Brasil.

O elo entre entrevistador e entrevistado acontece no programa de maneira legítima, o que abre possibilidades de diálogos. Medina reforça a importância do diálogo na entrevista para que a comunicação seja estabelecida de maneira fluida e orgânica entre entrevistador e entrevistado, dizendo:

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta - fria nas relações entrevistado - entrevistador - não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras do *diálogo*. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discute-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo. (MEDINA, 1995, p. 5).

Em seu livro *Na minha pele*, Lázaro Ramos (2017) apresenta um pouco sobre sua trajetória, sobre como se deu o processo de concepção do Espelho e como enxerga o programa como uma ferramenta que se utiliza dos discursos e trajetórias na construção de novas perspectivas representativas acerca da pessoa negra.

A necessidade de contar a própria história passa pela conquista da identidade e me lembra muito o impacto que foi descobrir a trajetória de Luiz Gama e Luísa Mahin, que conheci mais profundamente depois de ler o romance *Um defeito de cor*, da Ana Maria Gonçalves. Encontrei ecos disso nos depoimentos de muitos no *Espelho*. Eles falam da sua origem negra de uma maneira fabular, como se fosse uma saga. Quando Luiz Gama inventa uma mãe para lhe dar uma origem, uma mãe africana nagô livre que lutou pela sua liberdade, ele está fazendo o mesmo que os cantores Seu Jorge, Liniker, Rico Dalasam, o escritor e sambista Nei Lopes, o ativista social Celso

Athayde, a dra. Sueli Carneiro, o antropólogo Celso Prudente e vários outros. (RAMOS, 2017, p. 63-64).

As entrevistas do programa abrem possibilidades de estímulo à construção cidadã, por meio da representatividade incitada pelo discurso, uma vez que as entrevistas têm potencial de afetar o receptor que se identifica com a trajetória e vivência relatadas pela pessoa entrevistada. Para que o fenômeno de identificação aconteça, o entrevistador tem o importante papel de estabelecer um elo afetivo com o entrevistado, como reforça Medina (1995, p. 5-6):

Um leitor, ouvinte ou telespectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno de identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação - repórter - receptor) se interligam numa única vivência.

O movimento de enxergar características comuns em diferentes trajetórias, estimula o processo de formulação identitária e reforço de aspectos positivos acerca de características anteriormente subalternizadas, aspectos de ancestralidade que se perderam com a violenta história de repressão da comunidade afro-brasileira. Lázaro Ramos reforça a ideia de que a unificação de vivências se soma, gerando a imagem de um "nós".

Esses somos nós, reflexos de um espelho quebrado que, como um mosaico, apresenta um pedacinho de nossa história. Se visto com carinho, cada pedaço pode ter sua beleza, valores e complexidades reconhecidos. Para isso têm surgido novas vozes, novos portadores do microfone, prontos para ampliar suas falas, experiências e histórias. Ouçam as vozes desse Brasil plural e nosso. (RAMOS, 2017, p. 67).

Mediante os olhares e reflexões acerca da comunicação como terreno fértil para a cidadania, e do discurso como aparato importante para estimular a superação de paradigmas e ideologias hegemônicas, emerge a seguinte problemática: Como narrativas antirracistas, contadas por pessoas negras, contribuem para construções relacionadas à cidadania, partindo de discursos apresentados no Programa Espelho de janeiro de 2013 a dezembro de 2018?

Entendendo os diferentes locais de fala de entrevistador/entrevistado, e suas possibilidades discursivas levando em conta aspectos sociais, políticos, ideológicos e as relações de poder e discurso, será possível aplicar a metodologia da Análise de Discurso, apoiada em Orlandi (2009). Para tanto, o presente trabalho apresenta como recorte episódios do programa em que pessoas negras foram entrevistadas, no período de janeiro de 2013 até dezembro de 2018, que expressam aspectos antirracistas na construção da cidadania. O

objetivo é apresentar reflexões sobre as relações entre discurso e poder na construção de narrativas sobre a população negra no *Programa Espelho*.

Neste momento, realçar os objetivos a serem alcançados, movidos pela pergunta de pesquisa, reforça a tônica desta investigação e une as inquietações em um escopo que guia todo o trabalho. No livro “A Arte da Pesquisa”, Wayne C. Booth, Gregory G. Colomb e Joseph M. Williams (2005, p. 56), reforçam a necessidade de motivar a pergunta de pesquisa para delinear objetivos. De acordo com os delineamentos propostos pelos autores, os objetivos de pesquisa se resumem no seguinte quadro:

Quadro 1 - Objetivos de Pesquisa

1	A minha pesquisa se propõe a	Analisar os discursos de pessoas negras no Programa Espelho, entrevistadas no recorte de janeiro de 2013 a dezembro de 2018.
2	Para	Identificar em seus discursos, categorias com as quais pode-se observar relações entre lutas antirracistas e cidadania.
3	Com a finalidade de	De compreender esses discursos enquanto construções simbólicas importantes para a emancipação de corpos subalternizados.
4	O que permitirá	Demonstrar o potencial dos produtos midiáticos como importante espaço de construção da cidadania; o papel que podem desempenhar na valorização da imagem, cultura e protagonismo negro.

Fonte: Elaboração Própria

A coleta será viabilizada pela plataforma *Canal Brasil play* a qual disponibiliza todos os episódios do Programa Espelho a partir do ano de 2013, possibilitando assim o acesso ao *corpus* analítico. Durante as seis temporadas de entrevistas disponibilizadas na plataforma *Canal Brasil Play*, um total de 68 episódios abordam temáticas sobre raça e racismos por pessoas negras. Porém, nesta pesquisa não se objetiva analisar os 68 episódios em sua totalidade, seccionando uma amostra menor, considerada não-probabilística por julgamento.

A amostragem por julgamento é uma forma de amostragem por conveniência em que os elementos da população são selecionados com base no julgamento do pesquisador. Este exercendo seu julgamento ou aplicando sua experiência, escolhe os elementos a serem incluídos na amostra, pois os

considera representativos da população de interesse. (MALHOTRA, 2006, p. 327).

A amostragem não-probabilística por julgamento confia na experiência do pesquisador para selecionar as amostras mais relevantes, como aponta Naresh K. Malhotra. Nesta pesquisa, após uma imersão aprofundada em todos os 68 episódios em que se abordaram temas sobre raça, racismos e trajetórias permeadas de vivências dos entrevistados, algumas entrevistas e dizeres emergem à superfície da análise.

Os caminhos metodológicos a serem trilhados levam também à uma análise mais cuidadosa, que acaba reforçando o olhar do analista para interpretar e reinterpretar o conteúdo do discurso, observando a linguagem em aspectos que o ajudem a constituir seu dispositivo analítico. Para tanto, a Análise de Discurso em Orlandi (2009) acaba por ressaltar aspectos analíticos que permeiam os discursos, repletos de ideologias, contextos para além do que está escrito, ou dito.

Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? (ORLANDI, 2009, p. 17).

Partindo desta inquietação, que busca compreender não apenas o dito e interpretado, mas aquilo que é não dito e o potencial de gerar sentido diante de um contexto social, os entendimentos acerca dos discursos dos entrevistados do Programa Espelho como construtos para a cidadania, apresentarão, ou não, aspectos de agenciamento e representatividade.

5 METODOLOGIA

Os caminhos trilhados no método de análise revelam um importante aspecto da tônica da pesquisa, neste caso, as possibilidades acerca dos discursos das pessoas entrevistadas assumirem um papel de agência para a construção da cidadania. Os discursos encontrados nas entrevistas possuem conteúdo biográfico, o qual as abordagens da vida e trajetória dos entrevistados são instrumentos de engajamento dos públicos. Portanto o capítulo metodológico é pautado pela Análise de Discurso proposta por Eni Orlandi (2009), permeada pelos aspectos de diferença como forma de experiência e subjetividade de Avtar Brah (2006), uma vez que a análise do sujeito é de extrema importância para a identificação das marcas do discurso

A discussão acerca da experiência e subjetividade chega como ponto de partida para observar o discurso biográfico como possibilidade de agenciamento ao reconhecer as *especificidades contingentes* que perpassam as vivências da pessoa entrevistada. O discurso assume um lugar de alteridade ao delinear as perspectivas interdiscursivas, e se desdobra no imaginário coletivo, trilhando percursos que podem ser transformadores.

Utiliza-se a Análise do Discurso nas contingências enunciadas que se fazem na relação de confluência entre intra/interdiscurso. Para isso, atenta-se ao que a pessoa entrevistada diz imediatamente, partindo do olhar específico e subjetivo, e que se encontra com a memória do telespectador. “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2009, p. 33).

Desta forma, pensar em um dispositivo de análise que categorize o discurso a partir da experiência e da subjetividade, se faz necessário para compreender a amplitude que o discurso toma ao agenciar o telespectador, promovendo processos de construção da cidadania.

5.1 EXPERIÊNCIAS E SUBJETIVIDADES NOS DISCURSOS

Observar as diferentes formas em que os discursos estão dispostos no contexto social é um exercício importante para analisar e compreender o que está sendo dito. Todo discurso é permeado de significações e se situa em um contexto histórico, político e ideológico já trilhado. No Brasil, os diferentes discursos que reproduzem perspectivas acerca da pessoa negra, contam com uma miríade de sentidos que remontam toda a trajetória e ancestralidade, como também percepções subalternas e inferiorizadas. Ao apontar essa variabilidade

interpretativa e constitutiva de sentidos, cabe ao analista reconhecer as diferentes possibilidades que um discurso toma, não buscando um sentido verdadeiro e imutável, mas sim o “real do sentido em sua materialidade linguística e histórica”. (ORLANDI, 2009, p. 59).

A análise de discurso não deve se ater apenas às possibilidades interpretativas de significações da linguagem e/ou texto, mas também deve procurar compreender como o discurso está sendo colocado diante de um espectro daquilo que: já foi dito, como foi dito e se ainda não foi dito; para compreender as possibilidades interpretativas. Orlandi (2009, p. 59) ainda orienta que existe uma importância substancial nas margens do discurso. O que é dito ou escrito tem suma importância para a construção de sentidos, porém tudo aquilo que circunda o discurso, deve fazer parte na construção e composição do discurso, que leva em consideração a relação língua-discurso-ideologia.

A análise proposta em Orlandi (2009) delimita a linguagem como um aspecto preponderante para produzir discurso, ela se afasta da questão gramatical e morfológica. O objetivo é analisar o trajeto que a linguagem faz, partindo do ser humano e seu potencial de produzir sentido por meio do discurso, a linguagem e seu potencial de alteridade.

A análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interesse. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2009, p. 15).

A ideologia posta em um discurso deve ser analisada em âmbitos de interdiscurso e intradiscurso, tendo que o interdiscurso é a parte do discurso que já está posta, que está na memória do sujeito ou demonstrada historicamente, sendo esta a parte constituinte do discurso. O intradiscurso é a formulação do sentido a partir do contexto atual, "aquilo que estamos dizendo no momento dado, nas condições dadas" (ORLANDI, 2009, p. 33).

Este método de análise discursiva proposta por Orlandi (2009) empreende, diante do objeto aqui proposto, a possibilidade de compreensão dos discursos das pessoas negras entrevistadas no *Programa Espelho* diante das percepções estruturais e históricas que são ativadas quando o negro surge na televisão.

Respostas para a questão central se justificam diante da construção histórica de narrativas sobre a população negra na televisão brasileira. É possível observar diferentes percepções das representações sociais que reafirmam a subalternidade da pessoa negra em diversos âmbitos das produções midiáticas.

A possibilidade de observar no Espelho uma plataforma de agenciamento, em que o discurso da pessoa entrevistada serve como um instrumento para a prática cidadã, estimula olhares que busquem na linguagem aspectos para efetivar a representatividade entre os públicos. Entender que os discursos afetam as pessoas envolvidas no processo é essencial para compreender a função da televisão como um meio de comunicação que produz sentidos, e não meramente um instrumento de transmissão de informações. Orlandi compartilha a ideia de que:

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI, 2009, p. 21).

Este trabalho ressalta a necessidade de enxergar nos discursos, aspectos das subjetividades e experiências como vias para o estímulo da alteridade sentida pelas pessoas telespectadoras. Desta forma, é preciso estreitar a compreensão acerca da subjetividade e experiência da pessoa entrevistada no reconhecimento das diferenças e similaridades estabelecidas no processo de alteridade.

Os discursos atuam em diferentes níveis, modificando ou reforçando as percepções acerca do que está sendo colocado. Desta forma, torna-se impossível dissociar aspectos do sujeito face ao seu discurso, “[...] não há discurso sem sujeito, sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.” (ORLANDI, 2009, p. 17). Reconhecer o potencial das suas experiências e subjetividades na construção do discurso das diferentes pessoas entrevistadas do Programa Espelho é importante para o reconhecimento das diferenças e semelhanças no processo de construção da cidadania.

Partindo desta potencialidade do discurso individual se transformar em agente de transformação e colaborar para processos de representatividade e empoderamento coletivo, é preciso enxergar as próprias narrativas como potenciais instrumentos de uma reconfiguração contra-hegemônica. No mesmo sentido, Lázaro Ramos expõe ainda:

Ganhar autoestima, ter coragem, compartilhar poderes e informações são lados importantes, pois é também disso que se trata empoderar-se. São conquistas árduas, que demandam força interior e uma vontade coletiva imensa. Que fique em nós uma constante reflexão: estamos realmente influenciando a opinião pública e os lugares de decisão, de poder? Estamos realmente empoderados? O que é empoderar-se? Qual a dimensão das mudanças simbólicas e como elas podem ser um disparador para mudanças

mais complexas? E a representatividade? Ela dá conta das individualidades? (RAMOS, 2017, p. 117).

As indagações levantadas por Lázaro servem como força motriz para mobilizar e construir cidadania, sendo enxergadas nas narrativas autobiográficas a serem expostas no Programa Espelho. A potencialidade do discurso partindo das experiências assume um viés que extrapola o privado e tem capacidade de influenciar nos processos políticos.

A construção política e social a partir do discurso que dá vazão às subjetividades, principalmente entre grupos subalternizados, torna as perspectivas aparentemente individualizadas em coletivas, mobilizando a conscientização e modificação do *status quo*. Avtar Brah (2006) acerca de uma percepção observada dentro do movimento feminista demonstra que:

O pessoal, com suas qualidades profundamente concretas, mas fugidias, e suas múltiplas contradições, adquiriu novos significados no slogan “o pessoal é político”, quando grupos de conscientização forneceram os fóruns para explorar experiências individuais, sentimentos pessoais e a própria compreensão das mulheres sobre suas vidas diárias. Como notou *Teresa de Laurentis*, esse original *insight* feminista proclamou ‘uma relação, por complexa que possa ser, entre socialidade e subjetividade, entre linguagem e consciência, ou entre instituições e indivíduos’. (BRAH, 2006, p. 360).

Tanto as perspectivas lançadas aos telespectadores, quanto a experiência de cada uma das pessoas entrevistadas, oferecem subsídios ao analista do discurso para construir a sua própria interpretação, possibilitando a ressignificação de uma percepção coadjuvante da pessoa negra. Orlandi (2009) afirma que as relações entre as diferentes percepções acerca do discurso não são totalizantes, abrindo assim uma larga possibilidade de interpretação.

Esta afirmação é fundamental para a Análise de discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Cada um tem sua especificidade. (ORLANDI, 2009, p. 19).

Neste sentido, a experiência emerge no discurso como uma catalisadora das diferenças, possibilitando diferentes maneiras de interpretações discursivas, e ao mesmo tempo, assume potencial de projetar o que é real. A partir do importante papel da experiência na conjuntura social, Brah (2006, p. 261) indaga que: se não pelos tensionamentos realizados pelos movimentos de minorias acerca das perspectivas hegemônicas totalizantes, os “padrões

tidos como certos” assumem um potencial de subalternizar o “diferente”, naturalizando as diferenças como exceções.

A experiência como lugar de contestação: um espaço discursivo onde posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas. É essencial então enfrentar as questões de que matrizes ideológicas ou campos de significação e representação estão em jogo na formação de sujeitos diferentes, e quais são os processos econômicos, políticos e culturais que inscrevem experiências historicamente variáveis. Como diz Joan Scott ‘a experiência é sempre uma interpretação e, ao mesmo tempo, precisa de interpretação’²¹ (BRAH, 2006, p. 361).

Tanto a experiência quanto a subjetividade do sujeito são importantes no processo de agenciamento cidadão e realizam um importante papel nesta pesquisa no tocante ao potencial dos discursos carregados de experiências pessoais reverberarem das mais diversas formas no imaginário dos telespectadores do Programa Espelho. Desta forma, o objetivo de encontrar a viabilidade do agenciamento, partindo do *eu* interferindo no *nós*, assume uma força quando estes discursos são dispostos em um programa televisivo, projetando a construção cidadã por meio do agenciamento.

Neste sentido, esta pesquisa propõe pensar em um dispositivo analítico que apresente os aspectos *inter* e *intradiscursivos*, e a trajetória que o discurso autobiográfico percorre na sociedade. Acerca do discurso, Orlandi (2009, p. 26) ainda dispara que “[...] há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.”. Neste sentido, a formulação desse dispositivo analítico busca alcançar respostas para a questão central da pesquisa.

5.2 DISPOSITIVOS ANALÍTICOS

As perspectivas discursivas apontadas por Orlandi (2009) ressaltam a variabilidade de sentidos e interpretações do que está sendo dito, entendendo que o discurso é a palavra em curso em um rio caudaloso de águas renováveis, que é composto pelas várias composições históricas, ideológicas que a linguagem estabelece. Compreendendo a força do discurso midiático face às dispersões em que os discurso dos menos privilegiados assumem nesta

²¹ Scott, J. W. Experience. In: Butler, J. and Scott, J. W. (eds) *Feminists Theorize the Political*. New York, Routledge, 1992, p. 37.

esfera, é preciso estar atento às possibilidades que o discurso pode manifestar, uma vez que a fala é privilégio de poucos, como Spivak (2012) afirma.

Entendendo a importância do sujeito e os possíveis atravessamentos ocasionados na composição do discurso, as falas das entrevistas deverão ser analisadas em duas esferas principais neste trabalho: a) a esfera do privado enquanto construção proporcionada pela experiência; b) e a esfera do público e o potencial de agenciamento do discurso individual na construção cidadã. Essas duas perspectivas são ressaltadas por Brah (2006), ao relatar a relação da experiência na constituição social e política.

Pensar a experiência e a formação do sujeito como processos é reformular a questão de “agência”. O “eu” e o “nós” que agem não desaparecem, mas o que desaparece é a noção de que essas categorias são entidades unificadas, fixas e já existentes, e não modalidades de múltipla localidade, continuamente marcadas por práticas culturais e políticas cotidianas. (BRAH, 2006, p. 361).

A justificativa da proposição de um dispositivo analítico que atue em dois níveis discursivos surge da questão que move esta pesquisa, analisando as narrativas antirracistas pessoais dos sujeitos entrevistados como constructos efetivos para a cidadania da população negra no Brasil. Orlandi (2009, p. 27) reforça ao dizer que “O que define a forma do dispositivo analítico é a questão proposta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise.” Assim, para além do problema de pesquisa, o dispositivo analítico é guiado pelas hipóteses levando aos resultados observáveis após a análise.

A análise se iniciará pelo que se entende como *Reflexo da pessoa negra no Espelho*, em que o discurso biográfico irá ser analisado nas perspectivas de experiência do entrevistado e suas potencialidades na formulação de uma narrativa compartilhada diante da pessoa telespectadora, gerando identificação e acionando a sua voz através daquilo que Brah (2006, p. 362) chama de *especificidades contingentes*.

A reflexão acerca da trajetória pessoal de cada pessoa entrevistada assume um papel de suma importância no que diz respeito à proposta de agenciamento, o objetivo é identificar quais as marcas discursivas deixam traços no discurso possibilitando uma categorização de aspectos principais nas vivências em que são passíveis de gerar identificação.

Percebendo que os discursos acerca da própria biografia acabam por conduzir temáticas discursivas que extrapolam a vivência e tocam o político e social de um coletivo, a análise do *Programa e suas refrações* surge como uma nova categoria analítica, que tem o objetivo de observar o discurso em perspectivas mais totalizantes. O discurso aqui assume

temáticas que já foram discutidas, porém tomam novas perspectivas partindo do lugar de fala das pessoas entrevistadas. Orlandi (2009) reforça esta percepção ao falar do interdiscurso.

É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras. (ORLANDI, 2009, p. 36)

Aqui o discurso não apenas enfrenta o *Espelho* e se reflete, remontando o perfil e os contornos dos entrevistados, como se refrata, transpassando as pessoas telespectadoras e tomando uma nova trajetória a partir de suas diferentes percepções. Os aspectos observados a partir da refração assumem efeito educativo contribuindo com a assimilação de conhecimentos talvez nunca antes acessados pelo telespectador.

6 ENTRE REFLEXÕES E REFRAÇÕES

Partindo das delimitações dos dispositivos analíticos e compreendendo as coordenadas em Orlandi (2009), chega-se ao capítulo analítico desta pesquisa. Com o objetivo de abranger diferentes olhares, abordagens discursivas e vivências narradas, o *corpus* selecionado é composto por três diferentes episódios.

Seguindo uma ordem cronológica, o primeiro episódio a ser observado neste trabalho foi ao ar em 08 de julho do ano de 2013, fazendo parte da sétima temporada do programa Espelho. A entrevistada é a então ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Luiza Bairros²². Em seguida observa-se outro episódio que esteve no ar em 03 de julho de 2017, compondo a décima segunda temporada do Espelho, em que o entrevistado é o Rapper Rico Dalasam²³. O último episódio escolhido para compor o corpus deste trabalho fez parte da décima terceira temporada, exibido no dia 26 de março de 2018, o qual a entrevistada foi a professora Diva Guimarães²⁴.

No primeiro momento da análise, chamada de *O reflexo das pessoas negras no Espelho*, o objetivo é encontrar nos discursos de trajetórias pessoais das(o) entrevistadas(o), aspectos das subjetividades e experiências vivenciadas que se tornam ferramentas importantes para o agenciamento cidadão de pessoas negras que compartilham trajetórias também marcadas pela discriminação racial.

O segundo momento da análise, intitulado de *O programa e suas refrações*, o objetivo se dá partindo do desdobramento das trajetórias pessoais das pessoas entrevistadas em discussões de interesse público, e que alteram o *status* da cidadania das pessoas negras no

²² Luiza Bairros nasceu em Porto Alegre em 1953 e morreu no ano de 2014. Militante do Movimento Negro Unificado e do Movimento de Mulheres Negras, e doutora em sociologia pela Universidade do Michigan, Luiza se tornou ministra da Secretaria de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial no Brasil. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/assim-falou-luiza-bairros/>. Acesso em: 21 mar. 2019.

²³

Rico Dalasam é um rapper brasileiro, nascido em 1989. Paulista que surge como um dos primeiros rappers assumidamente gay do país, quebra os tabus de um gênero historicamente dominado por homens heterossexuais e propõe novas narrativas, com letras positivas e auto-afirmativas que passam longe de uma postura vitimista ou de revolta. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/o-fervo-e-protesto-conheca-rico-dalasam-o-rapper-gay-que-esta-quebrando-tabus/>> Acesso em: 20 nov. 2019

²⁴

Diva Guimarães tem 79 anos de idade, Alfabetizadora e professora de educação física aposentada após 40 anos de trabalho, ex-velocista e ex-jogadora de basquete ficou conhecida a partir de sua fala na FLIP 2017. Diva é neta de escrava com português, filha de uma lavadeira, que trabalhava em troca de material escolar para que a filha pudesse estudar. Disponível em: < https://www.geledes.org.br/um-perfil-de-diva-guimaraes-professora-de-77-anos-que-roubou-os-holofotes-na-flip/?gclid=Cj0KCQiAz53vBRCpARIsAPPsZ8VZiWWH9nXRtCM3_Trp4AdJlUtwVHc4oE3JbcL0PZ4I69KMr_xEGM6saAqzCEALw_wcB> Acesso em: 23 nov 2019

Brasil. Esta discussão é importante para a construção da cidadania especificada em Manzini-Covre (1991).

6.1 O REFLEXO DAS PESSOAS NEGRAS NO ESPELHO

O próprio reflexo, entendendo as perspectivas acerca das diferenças que são socialmente atribuídas, é importante para o processo de reconhecimento histórico e simbólico de cada trajetória individual. Esta etapa da análise tem como objetivo ressaltar os aspectos autobiográficos das pessoas entrevistadas no Programa Espelho, levando em consideração a importância da trajetória e subjetividade delas no processo de agenciamento da cidadania.

6.1.1 Luiza Bairros

No episódio em que Lázaro entrevista a então ministra da Secretaria Nacional de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) Luiza Bairros, a entrevistada expõe sua trajetória. A descrição da trajetória pessoal de Luiza perpassa aspectos sociais marcados por uma vida de uma mulher negra, nascida e criada em uma família negra do estado do Rio Grande do Sul, especificamente Porto Alegre, na década de 1960 e 1970.

Figura 9 - Entrevista com Luiza Bairros



Fonte: *Globosat Play*, 2013.

Aspectos inéditos que compõem a trajetória pessoal da ministra, revelados nos momentos iniciais da entrevista, estimulam uma percepção da tomada por uma consciência racial desde jovem. Lázaro Ramos questiona se a consciência de raça de Luiza Bairros vinha de família, então a entrevistada demarca em sua história uma certa impossibilidade de não se reconhecer uma mulher negra, uma vez que cresceu na região sul do Brasil, dizendo que:

Um certo tipo de consciência racial sim, por que no Rio Grande do Sul naquela época era impossível você ser negro e não saber que existe racismo. Até os anos 70 em uma cidade como Porto Alegre, os clubes sociais, por exemplo, eram separados. Você tinha os clubes sociais negros e os clubes sociais da classe média branca. Eu passei longa parte da minha vida estudantil, por exemplo, convivendo muito bem com todas as minhas colegas na escola e etc, mas nos finais de semana nós íamos para espaços que eram espaços diferentes. (BAIRROS, 2013, *transcrição do autor*).

A ocorrência do racismo contada por Luiza Bairros reforça a ideia de que a discriminação racial é uma realidade comum observada nas trajetórias negras, principalmente, há algumas décadas no sul do Brasil. A descrição de um certo *apartheid* vivido por uma sociedade altamente racista demonstra na trajetória dela a possibilidade de reconhecer seu corpo como diferente, e passível de sofrer com desigualdades. Entender seu corpo, enquanto um corpo negro que está sujeito a ser subjugado e alvo de discriminações demonstra aspectos de tomada por consciência racial.

Luiza Bairros aponta que, a sua entrada para o Movimento Negro Unificado a possibilitou compreender que reconhecer a sua consciência racial poderia ser um ato político. As pautas que o Movimento procurava estabelecer partiam das demandas ocasionadas pelas desigualdades reconhecidas, observadas tão fortemente por ela em Porto Alegre.

A capital sul-rio-grandense, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) em 2017, lidera como a cidade com maior desigualdade entre pessoas negras e pessoas brancas ainda nos dias de hoje. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDMH) da população branca gaúcha é de 0,833, enquanto a população negra tem um índice de 0,705, apontando uma diferença de 18,2%²⁵.

Entendendo a cidade como um ambiente hostil para pessoas negras, Luiza Bairros demonstra na entrevista a sua ida para Salvador como um importante momento de sua trajetória, ao dizer que:

²⁵ Grupos mais vulneráveis tiveram maior alta no desenvolvimento humano municipal. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30023. Acesso em: 10 mar. 2019.

Para quem é dos anos 70, no sul do Brasil, a Bahia era uma espécie de paraíso no imaginário de todo mundo que era jovem no sul do Brasil naquela época. Então você ir para a Bahia, passar férias na Bahia e etc., aquilo era sempre um dado bastante importante da sua biografia naquele momento. Então esta possibilidade de você encontrar uma realidade de uma sociedade de maioria negra, isso para mim foi uma coisa que mudou totalmente a minha cabeça, e foi fundamental para que eu dissesse: eu quero viver isso, eu quero ter essa experiência, entendeu? De viver uma realidade onde você encontra negros em todos os cantos! (BAIRROS, 2013, *transcrição do autor*).

O então desejo de Luiza Bairros, de se sentir parte da estrutura social, se materializara ao enxergar a possibilidade de se mudar para o estado da Bahia, local este onde, em oposição ao Rio Grande do Sul, tem em sua maioria populacional pessoas negras. Conviver e pertencer à estrutura social da Bahia acaba por estimular um elo mais sólido com sua existência, do que aquela ligação estimulada por sua naturalidade gaúcha.

Observando a história contada por Luiza Bairros marcada pela discriminação, Lázaro Ramos a questiona acerca das ocorrências de racismo que enfrentou durante a sua vida e quais os efeitos que o racismo deixou/deixa em sua existência, e ela diz:

Olha, o efeito ele pode ser um efeito devastador num sentido, e pode ter um efeito politizador em outro sentido, tudo isso aí depende de uma série de condições. A verdade "verdadeira" é que eu acho que sempre é muito difícil **a gente** descrever para outra pessoa como você se sente no momento que **você** é discriminado. É extremamente difícil comunicar o tipo de dor que isso te causa. É extremamente difícil dizer o que você vai utilizar naquele momento para que o ato racista não te paralise. Mas todas as situações de discriminação que eu passei na minha vida elas de algum modo, momentaneamente, me desestruturam. (BAIRROS, 2013, *transcrição do autor, grifo do autor*).

Luiza Bairros aponta que a ocorrência do racismo é sempre um momento de dor e sofrimento para pessoas negras, demonstrando que este sofrimento é inenarrável, reforçando as perspectivas acerca do seu lugar de fala. Neste momento a narração de sua vivência se estende para todos telespectadores que sofreram racismo, estimulando um iminente reconhecimento e igual discriminação.

Aspecto que reforça ainda mais esse desejo por identificação é a utilização da terceira pessoa do plural e em seguida a segunda pessoa do singular, como grifado na citação acima. A forma como Luiza Bairros constrói seu discurso traz a sua trajetória acerca do racismo para

mais próximo de Lázaro Ramos mas, principalmente, aproxima-se da pessoa telespectadora estabelecendo um elo conectivo para além da tela.

A ex-ministra ainda constata a partir da própria vivência que a ocorrência do racismo não está condicionada à classe.

Eu na minha condição de ministra sofro discriminação em vários e diferentes tipos de situação, quando na verdade se valesse essa afirmação de que é discriminado por que é pobre, então como ministra eu não seria mais discriminada de maneira nenhuma, e não é isso o que acontece. (BAIRROS, 2013, *transcrição do autor*).

Como apontado por Bairros, a discriminação racial acontece no momento em que o sujeito identifica o corpo negro e desqualifica a sua existência, o colocando em um local de subalternidade. Ela, por ser uma mulher negra sofre duplamente, por carregar em seu corpo marcadores que a diferenciam e a colocam como subalterna, principalmente por ocupar um cargo de poder no governo brasileiro.

O pensamento revelado por Luiza Bairros acerca dos potenciais efeitos politizadores causados por uma situação de racismo estão intimamente ligados a sua trajetória de militância e conquistas e os aspectos subjetivos encontrados em sua história contada são potentes ferramentas na a educação para a cidadania.

6.1.2 Rico Dalasam

Buscando olhares e narrativas que se diferenciam em alguns aspectos, mas que entram em confluência na perspectiva racial, a entrevista a ser analisada é entre Lázaro Ramos e o rapper, cantor e compositor Rico Dalasam. Rico é apelido de Jefferson Ricardo, e Dalasam é uma sigla que significa "Disponho Armas Libertárias a Sonhos Antes Mutilados", que remonta sentidos emancipatórios de suas experiências à construção de seu nome artístico.

Figura 10 - Entrevista com Rico Dalasam



Fonte: *Globosat Play*, 2017.

Suas composições são permeadas por sua trajetória, perceptível nos traços de reconhecimento da sua ancestralidade e sexualidade. Estes traços de Rico Dalasam são enfatizados em sua primeira frase nesta entrevista quando afirma que vem ao programa para falar do corpo, e como tem pensado no trânsito deste corpo para se fazer possível sua existência. Seu primeiro disco, intitulado de *Orgunga*, aliteração das palavras orgulho negro gay, traz músicas que reforçam em suas letras especificidades de agência sobre seu corpo interseccionado.

Dalasam é um *rapper* negro e gay e periférico, nascido em Taboão da Serra, que se localiza na zona sudoeste da região metropolitana de São Paulo. Ele reafirma sua identidade periférica ao utilizar dos relatos cotidianos de trânsito da zona sudoeste em sentido à região central de São Paulo e compreendendo a diferença de sociabilidade e interação entre seus pares na região periférica e na central.

Eu fui crescendo e criando uma visão sobre as coisas. Esse trânsito entre sair do Taboão e ir até o Centro foi me dando uma percepção de que lá no meu bairro as pessoas se pareciam comigo e ali era um lugar onde elas sabiam se relacionar de uma forma, e quando iam para o Centro elas se relacionavam de outra forma. (DALASAM, 2017, *transcrição do autor*)

Milton Santos (2002, p.129) alcança as discussões acerca do trânsito entre periferia e centro quando discorre sobre a relação existente entre *fixos* e *fluxos* nas grandes cidades, entendendo a grande cidade enquanto um fixo enorme onde se concentram os centros econômicos, oportunidades de trabalho, lazer e cultura gratuitas sendo a região mais nobre, e

a periferia uma região sem fixos, quando muito, escolas e hospitais são privados, o que torna a população pobre mais pobre ainda. Enquanto os *fixos* se permanecem nas regiões centrais, a população pobre deverá se tornar *fluxo* para poder acessar bens e serviços de interesse público.

Lugares do pobre, e oferecendo emprego para pessoas de outras áreas, as periferias não empregam senão uma parcela de seus moradores. As pessoas têm de sair atrás dos empregos onde estes se encontram ou podem ser gerados. (SANTOS, 2002, p. 130)

Partindo desses *fluxos* entre periferia e cidade, Rico apresenta a percepção de que os aspectos de sociabilidade entre seus pares e/ou vizinhos de bairro muda quando vivenciam a experiência de centro da cidade, e ainda dispara que ao acessarem o centro da cidade na busca por emprego, por exemplo, esses corpos são obrigados a suprimir a própria identidade “todo mundo do bairro, por uma questão de mercado de trabalho e busca por profissão, tinha a coisa de cortar o cabelo, o Luciano não, o Luciano tinha um *black*, é libertário quando você vê alguém fora da curva.” (DALASAM, 2017, *transcrição do autor*).

Segundo Santos (2002, p. 131) grande parte das angústias cotidianas das pessoas periféricas seriam suprimidas partindo de re-configurações mais equânimes de território dentro dos grandes centros urbanos.

O combate à pobreza deve ser pensado a partir das realidades globais, que incluem o próprio quadro de vida: na grande cidade, o território metropolitano e a forma pela qual é utilizado. Somente assim veremos suprimida uma grande parcela das angústias do cotidiano e as raízes da violência e do medo. O ônus econômico, social e psicológico da vida metropolitana será bem menor, as municipalidades metropolitanas mais ricas, e a vida municipal, politicamente mais eficaz. (SANTOS, 2002, p. 131-132)

Partindo desse pensamento é possível entender que é necessário repensar a configuração do território urbano no sentido de promover a diminuição do impacto negativo nas interações sociais e construção identitária. Impactos esses não apenas sob corpos diferenciados pela classe isoladamente, mas também sob corpos interseccionados por outras marcas sociais da diferença, compreendendo que a pobreza no Brasil tem raça e gênero definidas, como apontam os dados do IBGE que colocam a mulher preta, sem cônjuge e com filhos até 14 anos como o maior recorte de pessoas abaixo da linha da pobreza no país - 64%.

Compreendendo sexualidade como um aspecto identitário que marca o corpo de Rico Dalasam e as diferentes configurações urbanas e as expressões culturais que emergem da periferia, ele se identifica como partícipe do movimento conhecido como *queer rap*, que propõe à construção de narrativas que partem do universo gay, para dentro do mundo do rap.

Reconhecendo o *rap* como movimento cultural e musical contra-hegemônico e antielitista, a transgressão que o *queer rap* apresenta neste espectro é a dissidência sobre sexualidade, o que coloca em questão a representação de masculinidade e virilidade do homem preto periférico nas conhecidas narrativas de rap, também observadas por Waldemir Rosa (2006) em seus estudos sobre masculinidade negra no rap brasileiro:

A violência é apontada por diversos estudos sobre as relações de gênero como um dos problemas definidores do masculino. Nesta vertente, a masculinidade é compreendida pela sua característica delituosa. O estupro, a violência contra a mulher (Machado 1998), a homofobia, o abuso sexual para estabelecer as posições e os termos da relação de poder e status entre homens (Welzer-Lang 2001); os ritos de iniciação masculina (Herdt 1982); e a formação de gangues e quadrilhas (Zaluar 1994) são campos onde os termos masculinidade se manifestam de forma mais nítida. A violência, nessa perspectiva, é o elemento que demarca a fronteira entre o mundo dos homens e dos 'não-homens' - homossexuais, crianças e mulheres. (ROSA, 2006, p. 76-77)

Partindo de sua posição transgressora, que atravessado por diferentes marcadores sociais da diferença que compõem a sua identidade, reproduz nas suas narrativas musicais e audiovisuais conteúdos que se originam por meio deste processo de fissura constante das narrativas únicas em busca de emancipação. Dalasam demonstra que durante sua adolescência se sentiu tensionado quanto à performatividade de corpos negros a partir da masculinidade hetero-cis-normativa ao dizer na entrevista “Eu falava ‘cara, tem que ser bravo!’ ao mesmo tempo ‘como que tem que ser bravo? Eu gosto do menino da minha sala’ e ‘não, eu gosto do *rap!*’ daí começou a construir esses dois mundos na minha cabeça com muita força.” (DALASAM, 2017, *transcrição do autor*)

O rapper traz, durante a entrevista, a importância do seu corpo para o seu reconhecimento identitário. Ressaltando a importância de se auto afirmar e bradar a sua existência em âmbito social. Dalasam identifica a dificuldade de se fazer ouvir diante os silenciamentos hegemônicos, o que serviu para ele de impulso para expressar por meio do corpo não apenas sua existência, mas também sua importância e relevância.

Eu sabia que eu precisava dizer coisas que eu não estava aguentando segurar e me calar, só que eu também não tinha voz para fazer isso. E aí eu fui entendendo que a imagem me ajudava a construir isso. E essa intrepidez de ocupar espaços, de estar em lugares onde eu sabia que eu ia receber um olhar estrangeiro, que eu sabia que ia rolar uma negativa, e é estranho por que é como se fosse um catalisador desta repulsa e rejeição que se transforma em combustível para fazer meu *rap*, para fazer minhas modas, meus cabelos, para narrar esta história com ajuda de todas essas vias artísticas, sabe? (DALASAM, 2017, *transcrição do autor*)

O corpo de Rico Dalasam possui marcas que não as dos padrões eurocêtricos hetero-cis-normativos. O cantor entende seu corpo como um corpo que busca romper, a partir do seu trânsito, com o *olhar estrangeiro*, que pode ser entendido a partir das perspectiva de Milton Santos (2002, p. 159) acerca do “olhar vesgo e ambíguo” que recai sobre a pessoa negra no Brasil, sendo reproduzido individual mas também institucionalmente marcando a convivência cotidiana.

Ser negro no Brasil é, pois com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá embaixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta. Logo tanto é incômodo haver permanecido na base da pirâmide social quanto haver 'subido na vida'. (SANTOS, 2002, p.161)

Pensar sobre este corpo indesejável e rejeitado social e politicamente, remonta ao que Judith Butler (2003) entende por uma inaceitabilidade de corporeidade abjetas, e esta abjeção se concretiza por meio de códigos inteligíveis no panorama social, concluindo que “viver com tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia” (BUTLER, 2002, p. 157). Diante da noção *butleriana* acerca dos corpos abjetos, a posição de Dalasam ao catalisar as sombrias experiências vivenciadas com o próprio corpo em poesia e *rap* exprime, não apenas, o caráter de resistência, mas também o anseio por existir e se fazer ouvir diante aos silenciamentos e políticas de invisibilização nos diferentes âmbitos sociais.

6.1.3 Diva Guimarães

A seleção do episódio protagonizado pela Diva Guimarães tem como principal objetivo observar o discurso de uma senhora negra sem muito respaldo midiático e que exprime em sua vivência e subjetividades, especificidades que se convergem com outras várias narrativas reais e possíveis pelo Brasil.

Figura 11 - Entrevista com Diva Guimarães



Fonte: *Globosat Play*, 2018.

Diva Guimarães tem 79 anos é paranaense, professora de educação física aposentada pela rede básica de educação, ganhou notoriedade quando fez uma fala, enquanto plateia da FLIP 2017 - Festa Literária Internacional de Paraty -, em uma mesa com Lázaro Ramos e Joana Gorjão Henriques.

Figura 12 - Trecho de Diva Guimarães na FLIP



Fonte: *Globosat Play*, 2018.

O relato de Diva Guimarães na FLIP 2017 é permeado de dor, racismo e enfrentamentos de uma vida inteira, e acaba por chamar atenção de todos ali presentes. Durante o episódio, alguns trechos da fala de Diva na FLIP são evocados, trechos que marcam uma trajetória de racismo vivido desde a sua primeira infância.

Desde os cinco anos que as freiras contavam a seguinte história: que Jesus/Deus criou um lago/rio para as pessoas tomarem banho, as pessoas que são brancas é por que eram pessoas trabalhadoras e inteligentes chegaram neste rio tomaram banho e ficaram brancas. Nós como negros preguiçosos chegamos no final quando todos tinham tomado banho, o rio só tinha lama, então nós temos a palma da mão clara e as solas dos pés, por que nós só conseguimos tocar a palma das mãos e dos pés. Isso ela explicava para contar o quanto a gente era/é preguiçoso e isso não é verdade, por que se não a gente não teria sobrevivido. (GUIMARÃES, 2017, *transcrição do autor*)

A construção de um ideário racista de sociedade passa, em parte, entre os muros da escola, como o relato apresentado por Diva Guimarães, sendo a escola um local chave e estratégico para a diminuição das práticas e percepções racistas na sociedade. O relato da educadora sobre o racismo sofrido reforça o pensamento de racismo institucionalizado, o qual formula um ambiente excludente, desumano e hostil para crianças. Mesmo sendo um relato vivenciado há, em média, 70 anos atrás, as práticas racistas dentro das escolas ainda existem, promovendo o pensamento racista, a segregação racial e a evasão escolar.

Mesmo carregando consigo a própria experiência de preconceito racial dentro de sala de aula, Diva Guimarães encontra nas suas vivências *devastadoras* com o racismo *combustível* para construir uma carreira de professora com o objetivo de impedir práticas racistas, como as vividas por ela mesma, e ainda complementa ao dizer “O preconceito e o racismo matam, e a educação salva qualquer pessoa.” (GUIMARÃES, 2018).

Compreendendo o impacto das práticas racistas dentro da escola, e entendendo que por muito tempo a raça não foi tida como relevante para os estudos sobre evasão e desempenho escolar, a UNESCO realizou um estudo sobre As Relações Raciais na Escola, com o objetivo de qualificar os impactos do racismo nas escolas no século XXI, observando o recorte de raça. Partindo do discurso da entrevistada acerca do racismo praticado por educadores, a UNESCO também apresenta em seu estudo que a prática racista assume também uma ótica vertical, entendendo educadores e sua posição de poder.

A relação entre professores e alunos nas salas de aula também não parece ser muito favorável à criança negra. Segundo os alunos de uma escola pública de São Paulo, há uma clara preferência dos professores por uma certa aluna, que é branca, ao passo que um aluno negro seria o mais odiado, por ser negro. *A C... apronta, ela não fala nada, agora, quando o Y... apronta, ela já vem xingando, chamando ele de pretinho, essas coisas.* Isso faz com que uma aluna classifique o comportamento da professora como racismo, *pois se não é racismo, o que que é racismo? Racismo é a pessoa que não gosta de pessoa morena. Negra. Negro.* Por outro lado, a invisibilidade dos alunos negros aos professores parece ser tão prejudicial

a seu desenvolvimento escolar quanto a perseguição que alguns sofrem. (CASTRO; ABRAMOVAY *et. al.*, 2006, p. 145)

Neste sentido, a sala de aula acaba se tornando um espaço estranho para uma criança negra, onde a livre circulação se torna limitada, a fala e a voz são repreendidas ou silenciadas, e isso acaba por influenciar não só no seu desempenho escolar como na sua própria construção identitária. A invisibilidade dentro de sala de aula acaba se tornando uma estratégia para crianças negras sobreviverem nestes espaços sofrendo menos com o racismo.

As práticas racistas dentro da sala de aula acontecem na relação docente/estudante, estudante/estudante e também estudante/docente, e grande parte disso se justifica pela alta quantidade de narrativas europeias e brancas contadas nas salas de aulas, reforçando as narrativas únicas (ADICHIE, 2009) que correlacionam características eurocênicas com poder. Com recente Lei 10.639/03 que propõe a mudança das diretrizes curriculares frente à importância dos estudos sobre a história afro-brasileira e africana, as narrativas únicas devem se romper dando espaço para novas trajetórias. Diva reforça esta realidade, diferenciando o ensino que recebeu, do ensino que atualmente que, de acordo com a Lei acima, deveria trazer epistemologias que contemplam a história afro-brasileira e africana.

O que que você vê escrito de nós na história? O que você vê na literatura, alguém negro. Agora está aparecendo, mas eu não tive essa possibilidade de estudar, eu vou fazer 78 anos e não estudei, passei por todas as fases escolares que tinha que passar. Eu não estudei, não tinha nada, a gente só ouvia que a gente era fujona e aquela história que me dá uma raiva, sobre escravidão. E aí que entra a parte do estudo, por que a gente vai deixar de ser escrava, eles não vão gostar, mas a gente vai deixar de ser escrava. (GUIMARÃES, 2018, *transcrição do autor*)

Luz (1989) aponta que a consequente evasão escolar de estudantes negras e negros decorre desta visão eurocêntrica que ressalta os valores e costumes europeus não contemplam suas vivências, se tornando algo muito distante da própria existência e, em tom de crítica, aponta o país como “uma nação caracteristicamente europeia, com predomínio absoluto dos valores estéticos, éticos e científicos do Ocidente” (LUZ, 1989, p. 13).

Epistemologias negras que abordem sobre a existência da pessoa negra no Brasil são extremamente importantes para o engajamento de estudantes que não conseguem se enxergar nas narrativas de dor e sofrimento sobre pessoas escravizadas nos livros de história. A associação negativa sobre pessoas escravizadas ainda recaem na população negra nos dias atuais em consequência da narrativa única contada nas salas de aula do Brasil, Diva

Guimarães reconhecendo esta percepção aponta que, em resposta ao pensamento racista que procura enquadrar as pessoas negras no eterno papel de escravizadas, as pessoas negras estarão na resistência para deixar de ser escravas.

Ainda sobre a invisibilidade dentro de sala de aula denunciada pelo estudo realizado pela UNESCO (2006) sobre estudantes negra e negros, Diva Guimarães ainda apresenta:

Eu só quero que o mundo. Especialmente para nós, os tais dos "invisíveis", especialmente para nós. Que - conselho tem aquele ditado que não é bom, então é "**experiência de vida**" - eu só me salvei pela educação, por que o preconceito e o racismo mata, e a educação salva qualquer pessoa, mas para isso a gente tem que ter conhecimento, para a gente não ficar perpetuando para o resto da vida essa coisa de que "não, tenha paciência, não pode ser assim". Pode ser assim, sim! A arma que mais fere o teu adversário é sabe o que? É você saber mais do que ele, essa é a arma que mais fere ele. (GUIMARÃES, 2018, *transcrição e grifo do autor*)

O potencial estímulo à autoestima negra mesmo estando em uma posição oprimida é um convite feito pela entrevistada, compreendendo as pretensas invisibilidades pregadas pela sociedade brasileira com a realidade negra, entre elas a supressão da existência negra como forma de resistência. Como educadora que prega a diminuição dos índices que marginalizam a população negra e indígena, o discurso de Diva Guimarães acaba por assumir um potencial de agenciamento cidadão.

O discurso da educadora, partindo do trecho acima, estimula o sentido de contestação que Brah (2006) atribui ao discurso, partindo da relação entre diferença e experiência pessoal como importante ferramenta para o agenciamento cidadão e político.

De fato, como pode um projeto como o feminismo ou o anti-racismo, ou um movimento de classe, como pode mobilizar-se como força política pela mudança se não tiver começado interrogando os valores e normas "tidos como certos" que podem legitimar a dominação e a desigualdade naturalizando "diferenças" particulares? A atenção a esse ponto revela a experiência como um lugar de contestação: **um espaço discursivo** onde posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas. (BRAH, 2006, p. 361, *grifo do autor*)

O espaço discursivo construído por Diva Guimarães, que perpassa pelas experiências próprias e subjetividades encontradas nos relatos de sua vida cotidiana, se mostra no programa com um sentido politizador e de contestação do *status quo* que é pautado pelos valores e delineamentos sociais "tidos como certos". Quando a entrevistada reforça que a sua fala parte de sua experiência de vida, seu discurso se torna mais potente e suas afirmações

emergem enquanto palavras de ordem “o racismo mata, e a educação salva qualquer pessoa” (GUIMARÃES, 2017, *transcrição do autor*).

6.2 O PROGRAMA E SUAS REFRAÇÕES

As discussões levantadas pelas pessoas entrevistadas no Programa Espelho, assumem perspectivas diversas no curso de cada episódio. Observar os relatos pessoais acerca de diferentes trajetórias acaba por evocar discussões que extrapolam as subjetividades e acabam entrando em dinâmicas que invadem o interesse público. Este momento da análise destaca, dentro de cada entrevista, os discursos que assumem uma perspectiva mais macro nas discussões acerca da cidadania das pessoas negras.

6.2.1 Luiza Bairros

Analisando a estrutura de cada episódio, é possível observar que Lázaro Ramos inicia o programa com questões mais autobiográficas, e ao decorrer do programa, de acordo com a trajetória de cada pessoa convidada, as discussões vão se tornando mais coletivas e menos biográficas. No episódio aqui apresentado, em que Lázaro Ramos entrevista Luiza Bairros, é possível observar que antes da vinheta de início do programa, o entrevistador lança uma questão que é de interesse público, mas que é muito importante para pensar a trajetória da ministra, que é: o que é uma Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial? Luiza neste momento responde que:

Essa secretaria, na verdade, é uma das criações mais importantes do governo federal dos últimos anos. Ela resulta de uma constatação: o Brasil ao longo dos anos se desenvolveu, se transformou e etc., mas nós tínhamos também a população negra sem ter os benefícios desses processos. Então é um ministério que existe para chamar atenção dos demais, para o fato de que existem obstáculos para o progresso da população negra no Brasil, obstáculos que são causados pelo racismo, e consequentemente são causados pela invisibilidade deste setor nas políticas públicas. Eu considero a SEPPIR o ministério que pode, através da sua ação, tornar real o processo de inclusão na sociedade brasileira. (BAIRROS, 2013, *transcrição do autor*).

Luiza Bairros apresenta essa explicação com a então propriedade de Ministra que lhe cabe, e ao responder o entrevistador, apresenta subsídios para as pessoas telespectadoras compreenderem a real necessidade de existência da SEPPIR. O racismo é uma questão que afeta Bairros em vários âmbitos de sua vida, isto é observável em seu discurso ao se referir ao

SEPPPIR não apenas com um teor profissional e/ou acadêmico. A Ministra ressalta a importância do ministério no processo de desenvolvimento de políticas públicas que tornem menos desigual a existência das pessoas negras, enquanto coletividade de sujeitos, na sociedade.

O envolvimento de Luiza Bairros com a SEPPPIR é tamanho, que confessa a Ramos que o seu maior sonho é conseguir que o objetivo do então Ministério seja atingido em escala nacional, e que a igualdade entre pessoas negras e pessoas brancas seja possível.

O meu maior sonho é, em primeiro lugar, afirmar essa proposta que nós temos na SEPPPIR, afirmar isso em todos os ministérios de maneira que eles se apropriem desta competência e esse compromisso de ter uma sociedade brasileira efetivamente igual de maneira com que a SEPPPIR possa ser extinta. Este é o meu maior sonho: que o nosso trabalho seja assumido pelo conjunto e que não precise mais existir uma secretaria de promoção da igualdade racial. (BAIRROS, 2013, *transcrição do autor*).

Porém, desde a entrevista até os dias atuais a SEPPPIR vem perdendo força, de acordo com as gestões presidenciais. A SEPPPIR assume status de ministério em 2008, porém em 2015 passou a integrar o Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos. Atualmente, a SEPPPIR faz parte do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, no qual a então ministra Damares Alves realiza a gestão.

No governo do presidente Jair Bolsonaro, as perspectivas de políticas de minimização dos problemas históricos de racismo diminuem. Segundo o próprio presidente, em declaração no programa Roda Viva da TV Cultura²⁶, ele não acredita que a política de cotas para negros seja justa, e que se trata de uma política de *coitadismo*.

Luiza Bairros, durante a entrevista, traça o percurso inverso acerca da política de cotas raciais no Brasil, demonstrando que essa política é fruto de um processo histórico que marginaliza e impede corpos negros de circularem em espaços, que ainda, são de maioria branca. A entrevistada aponta que um dos efeitos mais devastadores para a vítima do racismo é quando uma pessoa negra sente que não pertencem a certos ambientes.

E o que acontece com a maioria das pessoas negras, é que na verdade, esse encontro permanente com o racismo faz com que você comece a criar limites em termos do mundo onde você vai circular. Você começa a restringir a sua circulação a determinados espaços, como forma de evitar a possibilidade da humilhação, este é o efeito mais devastador do racismo. Existe um tipo de efeito, por exemplo, na adoção da ação afirmativa que é muito difícil de ser

²⁶ BOLSONARO, Jair. [Entrevista cedida à] TV Cultura. **Programa Roda Viva**. São Paulo: jul. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0>. Acesso em: 19 mar. de 2019.

mensurado. O que a ação afirmativa faz: a pessoa negra quando ela tem certeza que naquele lugar a ação afirmativa existe, a expectativa dela modifica, ela diz: eu posso ir ali, porque ali eu sou uma pessoa bem-vinda. O que a ação afirmativa faz: eu começo a aumentar as minhas expectativas, o meu desejo em termos de possibilidade de participação na sociedade. (BAIROS, 2013, *transcrição do autor*)

O aumento das perspectivas de emancipação da população negra, enquanto coletividade, na sociedade é um assunto de interesse público que deve ser uma pauta a ser desenvolvida na sociedade. Ao apontar a necessidade das políticas de ação afirmativa, Luiza Bairos apresenta ferramentas para a cidadania em construção para que assiste o Espelho, reforçando o papel do agenciamento para a cidadania, importante para esta análise.

Outro fator, para além das questões de racismo que operam na trajetória da ex-ministra é o fato de ser uma mulher negra ativista. Em uma das perguntas da entrevista, Lázaro Ramos questiona qual das lutas é a mais difícil, a luta de gênero ou a luta de raça? Neste momento Luiza Bairos relata que as duas lutas se somam em uma só, a luta da mulher negra. As duas lutas não acontecem em vias separadas, elas se acumulam se tornando uma luta mais potente. Acerca das mulheres negras, Luiza Bairos ainda ressalta que:

Não importa classe social, não importa background educacional, seremos sempre as trabalhadoras domésticas, que são quem? São as outsiders, são aquelas que participam intimamente de diferentes ambientes, mas não fazem parte dele, não são incorporadas como parte daquele lugar. É como se você pudesse passar por estes lugares, sem que as pessoas pudessem mudar o seu comportamento. [...] Você briga com a mulher, bate na mulher, maltrata o filho, faz tudo de bom e de ruim na frente da trabalhadora doméstica, por que aquela pessoa não existe para você. Isso lhe dá uma possibilidade, um ponto de vista para as questões da sociedade que nenhum grupo tem. As condições vividas pelos homens negros, pelos homens brancos, pelas mulheres brancas, e das relações entre esses, nós as mulheres negras temos uma percepção muito especial, por que nós não somos colocadas dentro. Ou somos colocadas numa posição, geralmente de subalternidade. Eu acho que aí está a grande força, porque aí está o ponto de vista pra sociedade que é muito particular nosso. (BAIROS, 2013, *transcrição do autor*).

Luiza aponta que o arquétipo de empregada doméstica paira no imaginário coletivo quando um corpo de uma mulher negra é reconhecido. O racismo/machismo/classismo de maneira interseccionada irá incidir de forma categórica diante da mulher negra. Ao demonstrar isso para seu entrevistador, ela tensiona que esta pergunta é de certa forma equivocada ao visualizar lutas separadas para uma só pessoa atravessada por diferentes marcas sociais da diferença.

Luiza Bairros corrobora com a interseccionalidade postulada em Crenshaw (2005), na medida em que aborda a ideia das intersecções entre as marcas sociais da diferença que um corpo pode carregar. Assim visualiza identidades complexas, múltiplas, visibilizando especificidades de experiência no mundo social, como a da mulher negra.

É preciso afirmar desde o começo que minha finalidade não é de propor, com a interseccionalidade, uma nova teoria globalizante da identidade (...). Esta focalização na intersecção da raça e do gênero visa unicamente a colocar ênfase na necessidade de levar em conta as fontes múltiplas da identidade, quando refletimos sobre a construção da esfera social (CRENSHAW, 1989/2005, p. 54).

E propõe uma reflexão acerca do olhar específico, apontado por Collins (2016), em sua percepção acerca do *outsider within*, demonstrando que o ponto de vista de uma empregada doméstica apresenta percepções sociais mais complexas. Bairros compartilha desse olhar multifocal, contribuindo enquanto agente na reconfiguração de uma sociedade racista.

Como *outsiders within*, estudiosas feministas negras podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginais cujos pontos de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo. Trazer esse grupo – assim como outros que compartilham um *status* de *outsider within* ante a sociologia – para o centro da análise pode revelar aspectos da realidade obscurecidos por abordagens mais ortodoxas. (COLLINS, 2016, p. 101).

A vivência cotidiana de uma mulher negra oferece subsídios para uma análise mais complexa da tessitura social, assim como as percepções de teóricas feministas negras contribuem para um novo olhar sobre as abordagens mais ortodoxas da sociologia. A convidada, uma mulher negra, apresenta percepções que asseguram um ponto de vista específico e coletivo. No entanto, sua voz, que historicamente não foi ouvida nas discussões de projeto de nação brasileira, quando se expressa no debate social, sofre distorções políticas, como as proferidas pelo atual presidente da república. Por isso, estratégias de refração enquanto agências de emancipação simbólica são acionadas quando o *Espelho* é canal para a voz de uma mulher negra, uma voz coletiva.

6.2.2 Rico Dalasam

Os atravessamentos proporcionados pela refração da imagem de Rico Dalasam no Espelho são visualizados neste momento como potenciais instrumentos de construção da cidadania, que se refratam no espectro social em diversos níveis. Observando o fluxo da entrevista, é possível observar que os aspectos mais totalizantes e menos subjetivos se concentram mais ao final de cada episódio, em que o diálogo se pauta no poder de influência do entrevistado sobre seus públicos.

A última questão de Lázaro Ramos parte diretamente das refrações da imagem de Rico Dalasam e o entrevistador acaba por relatar, por meio de depoimentos, os diferentes impactos que o *rapper* resulta em pessoas que se identificam com seu trabalho.

Você sabe que um monte de gente se sente muito representado por você hoje em dia. A gente colocou na internet a foto para depois a gente conversar, um monte de gente comentando assim “Pô esse cara me ajudou a me aceitar mais, a me encontrar”. Não foi nem uma, nem duas pessoas não. E se você ver, a gente está conversando aqui há quanto tempo? Há meia hora, vinte e cinco minutos. E as pessoas não estavam perguntando, elas estavam só dizendo “que bom que eu encontrei alguém como eu” e você se expõe publicamente o que é um desafio. Eu ia perguntar como é que você se sente com isso, mas eu já estou vendo no próprio olhar. (RAMOS, 2017, *transcrição do autor*)

Partindo da questão evocada por Lázaro, identifica-se nos discursos das pessoas telespectadoras do Programa Espelho uma possibilidade de se encontrar em meio a tantas narrativas que consomem e não lhes contemplam. Para tanto, é preciso pensar no consumo e suas potencialidades em perpetuar o racismo ou, de fato, construir cidadania. Segundo a perspectiva de Sodré (2002, p. 51), em seu livro *Antropológica do Espelho*, o consumo dos produtos midiáticos está naturalizado e integrado na vida cotidiana, o que poderá impactar na constru o identitária do cidadão.

Canclini (1999, p.15) reforça o caráter de constru o identitária viabilizada pelo consumo ao reconhecer o consumo como uma forma de estabelecer identidades e construir a própria diferença, apontando o distanciamento do passado que enxergava a própria identidade em “essências a-históricas”, da atual configura o identitária via consumo. O autor ainda reforça a possibilidade de a popula o encontrar respostas acerca da própria cidadania por meio do consumo.

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertencem e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (CANCLINI, 1999, p.37).

Neste sentido, é importante compreender o papel do consumo simbólico na vida de pessoas negras que geralmente não se encontram em diversas narrativas musicais e televisivas na chamada *mídia de referência*, mas quando se encontram valorizam a importância das narrativas potentes para a construção da própria identidade de maneira coerente com a sua existência. O Perigo da História Única apresentado por Chimamanda Adichie (2009) reproduz a perspectiva de consumo que segrega e define o que é ou não verdade, diante os olhos ocidentais, que pregam a verdade única acerca das diferentes realidades.

Adichie (2009) ainda relata a sua experiência pessoal que, quando criança, escrevia narrativas literárias permeadas de características europeias - protagonista ruiva de pele clara e olhos azuis que adorava maçãs, tomar cerveja de gengibre e morava em uma região com neve - enquanto as narrativas que vivenciava na Nigéria eram opostas a essa realidade - pessoas negras, que comiam mangas em uma região que nunca nevou - o que ressalta a perpetuação da história única por meio do consumo de narrativas hegemônicas.

Partindo da fala de Lázaro Ramos sobre o potencial de representatividade que Dalasam exerce sobre pessoas que estão em busca de autoafirmação identitária, o rapper responde ao entrevistador partindo deste olhar sobre a falta de narrativas plurais:

Você não se vê. Nada! Você liga a TV e não se vê. Você é uma criança, ou um adolescente criativo que gosta das artes, que tem uma necessidade de desaguar tudo que tá na sua cabeça, na sua imaginação infantil/adolescente, só que você não vê as vias para isso. (DALASAM, 2017, *transcrição do autor*)

Essa percepção do entrevistado reafirma o olhar de Adichie (2009) e coloca em pauta as questões que envolvem o consumo apresentadas em Sodré (2002) e Canclini (1999), uma vez que as narrativas possíveis não consideram as diferenças e acabam por construir identidades - não menos que - esquizofrênicas. Essas narrativas acabam por estimular insatisfação e ódio às próprias marcas da diferença que certos corpos possuem, gerando um conflito com o que o espelho reflete sobre si.

A escritora e ativista do movimento lesbo-feminista negro nos Estados Unidos Audre Lorde (1997) apresenta em seu poema *Espelhos Bons não são baratos* exatamente essa

percepção desviada acerca da autoimagem. A autora revela que as diferenças que apontadas no espelho e que tanto incomodam, são frutos de quem constrói este espelho, espelho este forjado com um vidro repleto de deformações e distorções que passam despercebidas e que procura remontar a imagem certa ou errada que nele deverá refletir. Não existem imagens certas ou erradas, existem diferentes imagens, assim como existem diferentes narrativas!

É uma perda de tempo odiar um espelho/ ou seu reflexo/ em vez de interromper a mão/ que constrói o vidro de distorções/ discretas o suficiente para passarem/ despercebidas (...)/ 'ou se você conseguir ver/ que o espelho mente/ você estilhaça o vidro/ escolhendo outra cegueira/ e mãos cortadas e indefesas' (LORDE, 1997, 1-11)

O que Lorde expõe em sua poesia diz muito sobre o consumo de narrativas que não contemplam a própria existência, as quais o olhar hegemônico que se forja partindo de espaços de poder, oprime e reprime as narrativas que se desviam do que este olhar prega. Movido pelo ódio e insatisfação, aqueles que destroem o espelho apenas machucam a si mesmos. É necessário enfrentar o espelho e se orgulhar, encontrar neste espelho potencialidades que constroem a própria identidade.

Rico Dalasam ainda reforça em sua resposta que o enfrentamento e a autoafirmação enquanto homem gay, negro não o impede de transitar pelos espaços. Assim como apresentado acima por Luiza Bairros (2013), o olhar racista não deve construir barreiras delimitando onde devem ou não circular corpos negros.

Para mim ainda, se por um lugar eu desenvolvi uma resistência para lidar com homofobia, para lidar com o racismo, com o olhar estrangeiro, com a repulsa, o meu trânsito desde sempre pelos lugares foi desenvolvendo uma coisa em mim que se você me mandar hoje ir no lugar mais racista, eu vou chegar lá "tinindo". Eu vou botar a roupa que eu devo ir, vou fazer o cabelo que eu acho que devo fazer e vou chegar lá muito brilhando. No negócio mais homofóbico que tiver, eu vou! Eu falo "gente talvez a gente não volte mais, não volte hoje vivo" mas eu vou. (DALASAM, 2017, *transcrição do autor*)

É libertador poder praticar a própria identidade sem se reprimir por consequência de um olhar estrangeiro, como relata Rico Dalasam, essa segurança em ser o que é sem precisar passar por invisível, ou mesmo evitar circular pelos espaços é novidade para pessoas as quais a autoestima foi obliterada por séculos de subalternização. É importante observar na fala do *rapper* o caráter libertador, mas que ainda sim é permeado pelo medo de sofrer no próprio

corpo, as rejeições do olhar hegemônico e que mata um jovem negro a cada 23 minutos no Brasil²⁷.

6.2.3 Diva Guimarães

Observando o discurso de Diva Guimarães e suas refrações diante do espelho, é possível assumir uma ótica que contempla o interdiscurso, compreendendo o seu potencial de retomar discursos já-ditos e que reafirmam uma percepção pessoal. Durante a entrevista, Diva Guimarães avança em discussões quanto ao mito da democracia racial no Brasil, invisibilidade e silenciamentos sem ao menos citar nenhum autor ou epistemologia que embase a sua fala. A sua própria trajetória forjou em seu discurso percepções que o pensamento negro justifica dentro da academia.

Todas as discussões supracitadas assumem um viés mais público contemplando de maneira mais totalizante e menos subjetiva, o que impacta os diferentes públicos do programa *Espelho refratando* o discurso da entrevistada de maneira educativa e antirracista para os telespectadores.

Ao apontar a importância do protagonismo negro dentro da mídia, Diva Guimarães ressalta a importância de Lázaro Ramos dentro da mídia para o seu auto reconhecimento enquanto pessoa negra no Brasil, sendo esta um país onde o racismo ainda opera de maneira diferentes maneiras.

Bom quando nós fomos lá eu queria conversar com você pra dizer assim: como eu estou feliz por ter uma pessoa que me representa, que representa os negros, por que negro neste país que é vendido lá fora como se fosse um país onde não existe racismo, como um país das maravilhas que realmente é. Cidades maravilhosas, por exemplo o Rio de Janeiro, Bahia... Todos os lugares do nosso país tem coisas encantadoras, isso é uma verdade, mas não maravilhosas no sentido de que um povo super feliz, um povo humilde, e um povo que etc. e etc., que não é nada disso. Nada! (GUIMARÃES, 2018, *transcrição do autor*)

Ao falar de um país que perpetua a ideia de uma nação sem racismo, Diva Guimarães evoca o discurso que refuta a democracia racial no Brasil, e de maneira muito fluida e

²⁷ Segundo as estatísticas apresentadas por pesquisa realizada “A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil. São 63 mortes por dia, que totalizam 23 mil vidas negras perdidas pela violência letal por ano, conforme destacado pela campanha Vidas Negras, lançada pelas Nações Unidas no país em novembro de 2017.” Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-mulheres-chama-de-escandalo-morte-de-23-mil-jovens-negros-por-ano-no-brasil/>. Acesso em 20 de nov. 2019.

explícita descortina o pensamento que ainda é perpetuado - inclusive pelos veículos midiáticos - e influenciam grande parte do pensamento da população brasileira.

O discurso da educadora se justifica, e sua insatisfação é legítima, tendo em vista o posicionamento do atual governo do Brasil, o qual indicou para presidir a Fundação Palmares - que é uma entidade pública com vínculo ao Ministério da Cultura para a preservação das influências negras para a tessitura social brasileira- uma pessoa que declara publicamente que o racismo não existe no Brasil²⁸. Negar a existência do racismo no Brasil é se fechar para uma realidade que intensifica a segregação racial, e dá continuidade ao negligenciamento social da população negra.

A perpetuação do pensamento sociológico que, em 1930, reforçava a existência de um paraíso racial no Brasil não se sustenta após décadas de estudos que comprovam que a democracia racial é um mito diante a realidade brasileira. Quando Diva Guimarães reitera sua reivindicação no programa Espelho, reforça que o racismo existe e que precisa ser identificado, para que então seja possível combatê-lo.

Reconhecendo as diferentes maneiras de silenciamento da pessoa negra como estratégia de escamoteamento do racismo, Diva Guimarães ressalta que um dos discursos que se convergem atualmente como estratégia de silenciamento é o *mimimi*.

Como eles não querem me ouvir, alguém não quer e não é obrigado a concordar comigo, eu fui aprender esse tal de "mimimi" aqui no Rio de Janeiro - esse tal de "mimimi" conhecia por outras palavras - que eles querem que quando um negro tem oportunidade de falar, lá eles não falam "mimimi", lá eles falam assim "olha, quer ser vítima", "viu como é vítima", eu não sou vítima de nada, meu filho, a gente não deve se considerar vítima de nada, o que a gente tem que mostrar - e isso incomoda - é que a gente pode, é que a gente tem possibilidade de crescer na vida com todas as dificuldades, mas que nós temos possibilidade, inteligência e outras coisas mais. (GUIMARÃES, 2018, *transcrição do autor*)

Partindo do estudo linguístico do termo *mimimi* a professora Joana Plaza Pinto (2016) descortina os sentidos possíveis desta nova nominalização observando a sua utilização nas redes sociais digitais, e conclui que “Em resposta à quebra da etiqueta linguística do silêncio, muitos racistas brasileiros utiliza(ra)m a expressão ‘mimimi’ para constituir um novo patamar de deslegitimação das demandas antirracistas.” (PINTO, 2016, p. 231)

²⁸ Declaração do novo presidente da Fundação Palmares geram críticas e indignação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/11/28/declaracoes-do-novo-presidente-da-fundacao-palmares-geram-criticas-e-indignacao.ghtml>> Acesso em: 02 dez. 2019.

Segundo a autora (2016, p. 223), o termo surge a partir da percepção do choro com o objetivo de diminuir as reivindicações de uma pessoa, a partir desta ideia o *mimimi* se torna uma palavra utilizada por pessoas que julgam as reivindicações das minorias irrelevantes fruto de vitimismo. Diva Guimarães identifica essa percepção que procura deslegitimar as demandas, e responde ativa às provocações que consideram as suas reivindicações irrelevantes, desta forma, seu discurso constrói um espaço discursivo de resistência diante o discurso conservador e racista. Pinto (2016) corrobora com o pensamento de Diva, e delimita um compromisso social enquanto espaço de resistência ao discurso do *mimimi*.

Ao seguir a expressão “mimimi” e sua função metapragmática deslegitimadora, pude notar como sua emergência é a marca histórica de disputas metapragmáticas empurradas para enquadres que limitam nossa visão de problemas sociais muito mais amplos. Essa articulação entre metapragmáticas explícitas, função metapragmática e enquadre é um conjunto poderoso de ordenação dos significados pragmáticos. O nosso compromisso deve ser com o desmonte da perversidade do uso deste conjunto para a deslegitimação de falas emancipatórias com demandas igualitárias e libertadoras. (PINTO, 2016, p. 233)

As demandas da população negra no Brasil devem ser cobradas e atendidas, reconhecendo que o país tem uma dívida histórica com as pessoas negras, Diva apresenta em seu discurso ferramentas que contribuem para a construção cidadã e servem como instrumento emancipação.

7 CONSIDERAÇÕES

Diante de uma estrutura social que silencia as diferenças e gera desigualdades, a população negra no Brasil enfrenta um processo histórico de invisibilização social, que tenta lhe afastar da possibilidade de alcançar a cidadania. Dentro dos conteúdos televisivos não é diferente, as percepções eurocêntricas dos veículos privilegiam o discurso hegemônico, não proporcionando representatividade face às diferenças.

A existência do racismo, que é estrutural na sociedade brasileira, é um agravante para o processo de reconhecimento da cultura negra como parte importante na trajetória de todos os brasileiros. É possível observar traços de uma sociedade escravocrata ainda em movimento, que subjuga e alija a importância do povo negro do contexto histórico-social, reproduzindo discursos de intolerância acerca de religiões de matriz africana, inferiorizando os traços fenotípicos, suprimindo a ancestralidade e também trajetórias negras.

O Programa Espelho emerge neste trabalho como uma forma de alcance da cidadania para pessoas negras. Enxergar os estímulos por reconhecimento das narrativas pessoais de cada entrevistada negra ou entrevistado negro, mediados pelos seus próprios discursos, é uma das estratégias aqui adotadas para estabelecer uma análise qualitativamente relevante.

O dispositivo metodológico aqui adotado proporcionou observar diferentes âmbitos em que os discursos se desdobram no Programa: um âmbito de identificação partindo da subjetividade e trajetória pessoal, e um âmbito social e coletivo acerca da prática cidadã da pessoa negra.

Os três episódios selecionados para a análise apontam diferentes narrativas entre si, proporcionando uma leitura plural de diferentes discursos a serem enunciados por pessoas negras no Brasil. A partir das entrevistas com a ex-ministra Luiza Bairros, o rapper Rico Dalasam e a professora Diva Guimarães no programa, apresentadas como *corpus* analítico, é possível enxergar os diferentes tensionamentos que os discursos estabelecem e compreender o programa enquanto ferramenta de construção da cidadania.

O processo de debruçar-se sobre os três episódios escolhidos como *corpus* de análise deste trabalho possibilitou enxergar nos discursos vários pontos de contato entre as diferentes narrativas enunciadas, em especial ao observar aspectos das subjetividades e experiências de cada uma. Todas as três pessoas entrevistadas versam sobre as próprias trajetórias pessoais, e é possível observar a resistência como um ponto de convergência entre elas.

Encontra-se nos três discursos diferentes maneiras de resistir ao racismo, reconhecendo o seu potencial *devastador*, mas que também pode ser bastante *politizador*

como Luiza Bairos (2013) aponta, encontrando no *olhar estrangeiro* que incide sobre corpos negros *combustível* para desenvolver rimas e fazer *rap* como ressalta Rico Dalasam (2017), ou encontrando na *educação* um meio de se sobrepor e auto afirmar-se diante das percepções racistas e escravista que circundam na sociedade como aponta Diva Guimarães (2018).

Observar esta dinâmica entre os intra/interdiscursos possibilitou enxergar o intradiscursos sendo enunciado a cada episódio por uma pessoa entrevistada diferente, e também interdiscursos atuando nas percepções que, apesar das experiências subjetivas e únicas, se convergem em uma narrativa com significado plural, significado este que se resume no sentido da *resistência* encontrada nas narrativas.

Ao reconhecer os aspectos de *reflexão* e *refração* em cada um dos discursos é possível identificar diferentes maneiras possíveis de impactar as pessoas telespectadoras de maneira positiva. Quando os discursos refletidos no espelho evocam narrativas próprias e autorais, quem assiste reconhece a variabilidade de narrativas existentes, o que gera ruptura e fissura histórias únicas que são reproduzidas na mídia.

Importante ter em mente que os espelhos, por mais que reflitam as próprias imagens, apresentam distorções as quais, segundo LORDE (1997), são feitas por quem fazem os espelhos, portanto, sempre é preciso refutar a Teoria do Espelho postulada no século XIX que atribui a objetividade aos produtos jornalísticos - e neste caso reconhecendo a mídia televisiva.

As narrativas contra-hegemônicas a serem exibidas nos canais televisivos serão moldadas de acordo com o olhar da edição, olhar este que cumpre com o que a emissora ideologicamente acredita. As emissoras atuarão enquanto os fazedores de espelhos que realizam as distorções em sua superfície, sempre atendendo aos seus interesses ideológicos/comerciais.

Outro aspecto identificado nesta pesquisa e que deve ser levado em consideração se dá partindo do Programa Espelho enquanto produto midiático, e que se justifica no pensamento mercadológico postulado por Marshall McLuhan (1967) ao lançar a máxima "O meio é a mensagem". Evoca-se o pensamento de McLuhan para pensar a respeito do Programa Espelho no Canal Brasil, uma emissora da TV fechada, que têm públicos que têm acesso às discussões, como as apresentadas no Espelho, antes mesmo de assistir aos episódios do programa. O meio - Canal Brasil - por si só delimita para quem a mensagem vai ser entregue antes mesmo de ser emitida, o que estimula a imaginar os possíveis impactos de diferentes conteúdos em diferentes meios de comunicação, um exemplo disso seria ter o Programa Espelho em uma emissora de TV aberta.

Levando em consideração que dos 67,373 milhões²⁹ de domicílios que têm televisões em casa apenas 17,07 milhões³⁰ possuem televisões por assinaturas, e subentendendo que a parcela que não possui TV por assinatura é mais pobre e conseqüentemente negra, a mensagem que o meio - Canal Brasil - entrega é para uma pequena parcela da população.

Entretanto, compreendendo o potente papel de disseminação de conteúdos pelos canais digitais, o Programa Espelho atinge, em plataformas como *youtube*, um grande número de visualizações, gerando um aumento da possibilidade de acesso aos internautas que não possuem TV por assinatura.

Compreendendo as diferentes maneiras de disseminação do conteúdo produzido pelo Programa Espelho, e também a qualidade destes conteúdos, seu produto emerge como uma ferramenta de construção da cidadania. Os discursos apresentados durante as entrevistas apresentam possibilidades de reconstrução dignificante da imagem da pessoa negra e estímulo à prática cidadã a partir dos reflexos das próprias subjetividades e experiências e também das refrações do programa dentro do tecido social.

²⁹ Pesquisa diz que 69 milhões de casas, só 2,8% não têm TV no Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil>> Acesso em: 04 dez. 2019.

³⁰

Brasil registra 17,07 milhões de domicílios com acesso à TV por Assinatura em abril de 2019 Disponível em: <<https://www.anatel.gov.br/institucional/noticias-destaque/2282-brasil-registra-17-07-milhoes-de-domicilios-com-acesso-a-tv-por-assinatura-em-abril-de-2019>> Acesso em 04 dez. 2019.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. Palestra gravada. TED, 2009.

AGÊNCIA BRASIL. **Cotas revolução silenciosa no Brasil afirma especialista**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-05/cotas-foram-revolucao-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ALMEIDA, Lyzyê. **Eu empregada doméstica: narrativas, sentidos e significados na luta pela efetivação de direitos das trabalhadoras domésticas no Brasil**. 2019. 182 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2004.

BAIROS, Luíza. **Nossos Feminismos Revisitados**. Revista de Estudos Feministas, (UFSC. Impresso), Florianópolis, 1995.

BOOTH, W.C.; COLOMB, G.G.; WILLIAMS, J.M. **A arte da pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Rev. Estud. Fem.** vol.10 no.1 Florianópolis Jan. 2002

CANCLINI, Nestor G. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARVALHO, Vanessa Brasil et al. **A ciência e a tecnologia na Tv brasileira: uma análise da Tv Globo**. São Paulo, 2016. Galáxia. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/n33/1519-311X-gal-33-0184.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CASTRO, Maria Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; et al. **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da desigualdade**. Brasília : UNESCO, INEP, Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

COSTA, Ana Clara Gomes. **Violência policial contra as juventudes negras: processos comunicativos que a legitimam**. Estudos Contemporâneos em Jornalismo/MAIA, Juarez Ferraz de; BORGES, Luana Silva, FARIAS, Salvio Juliano Peixoto (orgs). Goiânia: UFG/FIC, Gráfica UFG. 2018.

COSTA, Joaze B. **Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil**. *Estud. afro-asia*. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&n>

[extAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=BERNARDINO,+JOAZE](#). Acesso em: 12 nov. 2018.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Editora UFMG, 2006.

DIAS, Luciana. **Ações Afirmativas no Paraíso racial: relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Curso de Especialização Interdisciplinar em Patrimônios, Direitos Culturais e Cidadania. 2015

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto 2008.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo do branco**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro. (1965). *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo, Dominus: Editora/Ed USP, 1972.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro, Record. 1992.

GOMES, Itânia Maria Mota. **O Infotainment e a Cultura Televisiva**. In: João Freire Filho. (Org.). *A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2009, v. 1, p. 195-221 (e-mail).

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Brasília, DF, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4130749/mod_resource/content/1/Gonzalez.Lelia%281983-original%29.Racismo%20e%20sexismo%20na%20cultura%20brasileira_1983.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: 34, 2012.

HALL, Stuart (org). **Modernity: an introduction to modern societies**. Malden, MA: Blackwell, 1996

_____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. Quem precisa da Identidade? p. 103-133

HOFBAUER, Andreas. **Cultura, diferença e (des)igualdade**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar / Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. n. 1, 2011, p. 69-102

IPEAFRO. **A Frente Negra Brasileira**. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/antecedentes-do-ten/frente-negra-brasileira/>> Acesso em 18 de novembro de 2018.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/w3ZbQh>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

LACERDA, João Batista. **Sobre os mestiços no Brasil**. Artigo para o Primeiro Congresso Universal das Raças, Londres: 1911. Disponível em: http://moodle.stoa.usp.br/file.php/967/Sobre_os_mesticos_do_Brasil.pdf. Acesso em: 17 abr. 2018.

LIMA, Ari. **A Legitimação do intelectual negro no meio acadêmico brasileiro: negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual?** Afro-Asia. UFBA. V. 25/26. p. 281-312. 2001.

LORDE, Audre. **Bons Espelhos não são Baratos.** Difusão Herética. 1997

LUZ, M. A. **Educação e pluricultura nacional.** In: LUZ, M. A. (Org.). Identidade negra e educação. Salvador: Ianamá, 1989.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada.** 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MANZINI-COVRE, Marilou. **O que é Cidadania.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

MARSHALL, T. H. **Citizenship and Social Class.** In: MARSHALL, T. H. e BOTTOMORE, Tom. *Citizenship and Social Class.* Chicago: Pluto Classic (reimpr.), 1996, p. 3-51.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1995.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, N. L. **Para entender o negro no Brasil de hoje.** In: Ação Educativa (Org.). *Viver, Aprender Unificado.* São Paulo: Global Editora, 2010.

MUNDO NEGRO. **Canal Brasil terá programação especial para o dia da consciência negra.** Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/canal-brasil-tera-programacao-especial-para-o-dia-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

MUSEU AFRO. **Imagem da escrava anastácia.** Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2016/04/07/jacques-etienne-arago---obras>. Acesso em: 29 dez. 2018.

NASCIMENTO, Abdias do, NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Reflexões sobre o movimento negro no Brasil (1938-1997).** In: GUIMARÃES, A. S. A., HUNTLEY, L. (Org.), *Tirando a máscara: ensaio sobre o racismo no Brasil.* São Paulo: Paz e Terra. 2000.

NOTÍCIAS R7. **Após denúncia, polícia prente quatro traficantes da mesma família em lauro de freitas.** Disponível em: <https://noticias.r7.com/bahia/apos-denuncia-policia-prende-quatro-trafficantes-da-mesma-familia-em-lauro-de-freitas-28082015>. Acesso em: 02 jan. 2019.

O GLOBO. **Paulo Mendonça um homem de sangue latino.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/paulo-mendonca-um-homem-de-sangue-latino-10007330>. Acesso em: 14 jan. 2019.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 5 ed. Campinas: Pontes, 2009.

PEREIRA, A. M. **Construção etnocêntrica do conceito de cidadania**. Rio de Janeiro, 1999. Mimeo. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fbibliotecavirtual.clacso.org.ar%2Far%2Flibros%2Faladaa%2Fmendes2.rtf&ei=Q1jbUaySKoiG9gSc_oGoDg&usg=AFQjCNFNcg4jEkgo8-mR-Zgp-cNiAovYzw&sig2=BxT2V7vfeuxm2YSK2bYKhw. Acesso em: 26 dez. 2018.

PINTO, Joana P. **É Só Mimimi? Disputas Metapragmáticas em Espaços Públicos Online**. Interdisciplinar, São Cristóvão, v. 31, jan.-jun., p. 221-236, 2019

PORTAL DO GOVERNO BRASILEIRO. **Pesquisa brasileira de mídia**. Disponível em: <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>. Acesso em: 05 jan. 2019.

PORTAL G1. **Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio**. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html>. Acesso em: 02 jan. 2019.

RAMOS, Lazaro. **Na minha pele**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetivo. 2017.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro no cinema brasileiro**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

ROLAND, Edna. **O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas**. In A. S. A. Guimarães & L. Huntley (Orgs), *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil* (pp. 237-256). São Paulo: Paz e Terra. 2000.

ROSA, Waldemir. **O homem preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade do rap brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Natália Oliveira Teles da. **A presença afrodescendente na Empresa Brasil de Comunicação: um olhar sobre a regularidade da temática negra na programação da TV Brasil**. 2017. xi, 126 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. **Brasil: lugares de negros e brancos na mídia**. Racismo e discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, p. 73-117, 2008.

SILVA, Tomás T. da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. A produção social da diferença. p. 72-103.

SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro.** Rio de Janeiro, RJ: Leya, 2018.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira.** São Paulo: Summus editorial. 2004.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o Subalterno Falar?** Editora UFMG, Belo Horizonte, 2012.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **A importância histórica da televisão e do telejornalismo na padronização cultural no interior do Brasil.** Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 8-23, nov 2012. Disponível em: <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; TONDATO, Márcia Perencin. **A Televisão em Busca da Interatividade: uma análise dos gêneros não ficcionais.** Brasília: Casa das Musas, 2009.

ANEXO A - GRADE DE PROGRAMAÇÃO DO DIA 18 DE JANEIRO DE 2019

Sexta-feira, 18 de Janeiro de 2019

Data	Início	Fim	Título Português	Título do Episódio	País	Ano	Sinopse	Classificação Indicativa	Classificação Independência	Registro ANCINE
2019-01-18	00:00	00:15	O DJ Festa	O DJ Festa	Brasil	2018	DJ lendário da noite paulistana, Iral Campos lembra o início da carreira nas boates da cidade e comenta sobre o protagonismo adquirido pela sua profissão ao longo dos anos.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-18	00:15	01:50	Aberrações De Uma Prostituta	Aberrações De Uma Prostituta	Brasil	1989	Um homem simples tem seu filho sequestrado e parte para encontrar os possíveis culpados. Em busca de respostas, ele descobre a chave para resolver o mistério: a disputa por dinheiro.	18	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	01:52	01:57	Amiga Do Homem	Amiga Do Homem	Brasil	2014	Série de animação mostra os devaneios noturnos de uma mulher antes de dormir.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	02:00	02:15	Mulheres Brancas, Homens Negros, Maridos Carnos E Muito Sexo	Mulheres Brancas, Homens Negros, Maridos Carnos E Muito Sexo	Brasil	2018	André Garcia e Caíra, diretor e ator responsáveis pelo canal "Black Brothers", discutem a participação negra em filmes adultos e as mudanças recentes na indústria pornô.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-18	02:15	03:55	Big Jato	Big Jato	Brasil	2015	O menino Francisco passa os dias acompanhando o pai nas estradas. O homem é motorista do Imponente Big Jato, um caminhão-pipa utilizado para limpar as fossas de cidades sem saneamento básico.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	03:57	04:02	Episódio 4	Episódio 4	Brasil	2013	A animação traz as aventuras eróticas de um ex-policia e escritor que se envolve na investigação de um crime no remoto Motel Sana.	18	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-18	04:05	05:31	Moça Do Calendário, A	Moça Do Calendário, A	Brasil	2017	O quarentão Indio trabalha como dublê de dançarino à noite e mecânico durante o dia. Quando não está nas pistas ou operando veículos, seus pensamentos estão na bela garota do calendário da oficina.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	05:33	05:38	Só No Forevis	Só No Forevis	Brasil	2016	Série mostra as histórias por trás de emblemáticas capas de discos brasileiros.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-18	05:40	06:52	Mundialito	Mundialito	Uruguai	2010	O documentário investiga as relações entre poder e esporte na concepção da Copa de Ouro, realizada no Uruguai em 1990. A competição reuniu os campeões mundiais de futebol até então.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	06:53	06:58	Piscar De Olhos - Rodrigo Grotta	Piscar De Olhos - Rodrigo Grotta 1	Brasil	2012	Representantes da nova geração e consagrados diretores do cinema brasileiro - como José Joffily, Evaldo Mocarzel, Helena Solberg, Tala Amaral e Zeltio Viana, dentre outros - assinam ficções em curta metragem.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-18	07:00	08:33	E O Bicho Não Deu	E O Bicho Não Deu	Brasil	1958	Bartolomeu é um detetive cuja missão é acabar com o jogo do bicho. Durante uma perseguição, ele bate com a cabeça. Ao acordar, não se lembra de sua verdadeira identidade e acredita ser um bicheiro.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	08:40	09:52	Meu Corpo É Político	Meu Corpo É Político	Brasil	2017	Vivenciando a rotina de ativistas LGBT moradores das periferias de SP, o documentário faz um panorama do contexto social em que os personagens estão inseridos e de que forma eles agem nas ruas.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	09:53	09:57	Obras Da Avenida Presidente Vargas	Obras Da Avenida Presidente Vargas	Brasil	2015	Um resgate da memória do Rio de Janeiro com imagens de arquivo do início e da metade do século passado que remontam a história da Cidade Maravilhosa.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-18	09:59	10:02	Paulo Jobim E Mario Adnet - Jobim, Orquestra E Convidados, Por Roberta Sá	Paulo Jobim E Mario Adnet - Jobim, Orquestra E Convidados, Por Roberta Sá	Brasil	2018	Roberta Sá apresenta os shows que serão exibidos no Faixa Musical.	Isento	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-18	10:02	10:59	Paulo Jobim E Mario Adnet - Jobim, Orquestra E Convidados	Paulo Jobim E Mario Adnet - Jobim, Orquestra E Convidados	Brasil	2017	Os violonistas Mario Adnet e Paulo Jobim se reúnem para comemorar os 90 anos de Tom Jobim. Para homenagear o maestro, os artistas reúnem 35 músicos de uma orquestra e propuseram novas roupagens.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	11:00	11:56	Apert Horta	Apert Horta	Brasil	2015	A baiana Nazaré vai a SP pela primeira vez para visitar seu irmão Natanael. Ele tem um estilo de vida voltado ao trabalho, já Nazaré vive uma relação saudável com as pessoas, a natureza e a alimentação.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	12:00	12:26	Baladágua	Baladágua	Brasil	2016	O filme conta a história de Eduardo Valério, único atleta negro do Brasil a conquistar uma medalha olímpica na natação nas Olimpíadas de Sydney (2000).	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	12:30	13:00	Cinejornal - Jhonny Massaro Em Aumenta Que É Rock N Roll" - 12/01/2019"	Cinejornal - Jhonny Massaro Em Aumenta Que É Rock N Roll" - 12/01/2019"	Brasil	2019	O programa exibe os preparativos da 22ª Mostra de Cinema de Tiradentes e da homenagem para a atriz Grace Passô. A edição mostra ainda os bastidores de produções brasileiras inéditas.	Isento	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-18	13:00	13:30	Piedade	Piedade	Brasil	2018	Andréia Horta recebe Claudio Assis e Karen Harley, diretor e montadora de "Piedade". Os convidados destacam o discurso denunciativo do filme e o declaram como uma carta para o futuro.	14	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-18	13:30	15:07	Glória E A Graça, A	Glória E A Graça, A	Brasil	2015	Glória é uma travesti bem sucedida e feliz com suas conquistas, mas que vive distante da irmã Graça por desavenças do passado. Quando Graça descobre uma doença grave, as duas tentam uma reaproximação.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	15:15	15:34	32 Dentes	32 Dentes	Brasil	2014	Um homem percorre uma estrada para examinar o corpo de seu pai. Ao longo do caminho, ele encontra Mabel, que provoca nele uma série de reflexões.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	15:34	15:37	Epifania	Epifania	Brasil	2017	As voltas com seus namoros, um menino decide que é a hora de acabar.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	15:45	17:23	E A Vida Continua...	E A Vida Continua...	Brasil	2011	Ernesto carrega consigo uma tragédia do passado. Ele conhece Evelina ao ajudá-la numa estrada. Os dois constroem uma amizade sólida e descobrem estar mais ligados do que pensavam.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	17:30	17:55	Sinal	Sinal	Brasil	2013	O curta acompanha várias pessoas que têm seus destinos cruzados numa mesma história. Suas vidas são conectadas de repente e cotidianos são transformados durante uma única noite no RJ.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	18:00	19:17	Loucura Entre Nós, A	Loucura Entre Nós, A	Brasil	2015	O hospital Juliano Moreira (JMA) é uma das maiores instituições psiquiátricas do Brasil. Ele abriga a organização Criamundo, que ajuda na reabilitação de pacientes e os encaminha para empregos.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	19:20	20:55	Love Film Festival	Love Film Festival	Brasil	2014	A roteirista brasileira Lúcia e o ator colombiano Aki Kaurismäki se conhecem e se apaixonam num festival de cinema. Numa mistura de ficção e realidade, o casal revive clássicas cenas românticas de filmes.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	21:00	21:23	Top De 5 Segundos	Top De 5 Segundos	Brasil	2018	Alzajma passa por situações constrangedoras na estreia do programa "Cutucada" e as coisas ficam ainda piores em seu encontro às cegas. A peça em homenagem ao seu pai toma rumos inesperados.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	21:30	22:00	Biquini Cavaddô, Descivilização	Biquini Cavaddô, Descivilização	Brasil	2018	Charles Gavin resgata "Descivilização", álbum do "Biquini Cavaddô". A banda comenta a busca pela sonoridade perfeita no disco e o sucesso de faixas como "Vento, Ventania".	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-18	22:00	23:29	Amor No Divã, O	Amor No Divã, O	Brasil	2016	Malka Stein é uma renomada terapeuta especializada em guiar casamentos para um lugar melhor. No entanto, após a chegada de um novo casal ao seu consultório, ela coloca em xeque o próprio matrimônio.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	23:30	23:35	Mar É Ali Em Cima, O	Mar É Ali Em Cima, O	Brasil	2018	Tim e Tom de vez em quando viram peixes e ficam o dia inteiro em frente à televisão, tomando cerveja e falando merda.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-18	23:35	23:54	Sivistro (2016)	Sivistro (2016)	Brasil	2015	Uma menina é atormentada por uma cocleira em sua mão esquerda, que só passa quando ela desenha. A mãe dela proíbe o uso da mão amaldiçoada e exige que a filha se concentre em seus deveres escolares.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001

Fonte: Site Canal Brasil

ANEXO B - GRADE DE PROGRAMAÇÃO DO DIA 19 DE JANEIRO DE 2019

Sábado, 19 de Janeiro de 2019

Data	Início	Fim	Título Português	Título do Episódio	País	Ano	Síntese	Classificação Indicativa	Classificação Independência	Registro ANCINE
2019-01-19	00:00	00:15	Gelsa	Gelsa	Brasil	2018	Gelsa comenta o preconceito sofrido por ser mulher e trabalhar com construção civil. A bombeira hidráulica fala sobre a compreensão de suas raízes negras e a descoberta da homossexualidade.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-19	00:15	01:45	Entre Lençóis	Entre Lençóis	Brasil	2008	Paula é uma bela jovem que conhece o sedutor Roberto em uma boate. Apesar de acabarem de se conhecer, vão para um motel onde passam horas conversando sobre amor, família e sexo.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	01:50	02:02	Vícios, Manias E Fobias	Vícios, Manias E Fobias	Brasil	2016	Em um episódio sobre vícios e obsessão, Angeli fala sobre suas principais manias e compulsões.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	02:05	03:33	Gente Fina É Outra Coisa	Gente Fina É Outra Coisa	Brasil	1977	Tadeu salta do Nordeste para o RJ para tentar a sorte. Sua aparência e educação garantem sempre um bom trabalho. Nas horas vagas, torna-se o predileto das madames e se mete em várias confusões sexuais.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	03:40	03:55	O DJ Festa	O DJ Festa	Brasil	2018	DJ lendário da noite paulistana, Iral Campos lembra o início da carreira nas boates da cidade e comenta sobre o protagonista adquirido pela sua profissão ao longo dos anos.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-19	03:55	05:23	Ninguém Ama Ninguém... (Por Mais De Dois Anos)	Ninguém Ama Ninguém... (Por Mais De Dois Anos)	Brasil	2015	Em uma sociedade cheia de moralismo, os desejos de homens e mulheres se manifestam de maneiras diferentes, porém, com liberdade em suas vidas íntimas. Baseado na obra de Nelson Rodrigues.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	05:25	06:57	Jards	Jards	Brasil	2015	Uma celebração à vida e obra do cantor, compositor e ator Jards Macalé. O documentário mostra o processo criativo envolvido na concepção de seu último álbum, destacando a destreza com diversos instrumentos.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	07:00	08:13	Sete Visitas	Sete Visitas	Brasil	2014	Investigar mecanismos do documentário de entrevistas é um dos objetivos do filme, que coloca diante das câmeras Silvana, com seus percalços e superações, e também seus inusitados entrevistadores.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-19	08:15	09:45	Dono Da Bola, O	Dono Da Bola, O	Brasil	1961	Um grande preguiçoso é sorteado para participar de um programa de brincanças na TV. Com o prêmio, ele pretende ajudar a bela Eva a pagar dívidas e, assim, conquistar o coração da moça.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	09:50	11:56	Homem Que Copiava, O	Homem Que Copiava, O	Brasil	2003	André é operador de fotocopiadora e, no seu tempo livre, desenha e observa uma vizinha. Para se aproximar dela, tenta comprar algo na loja em que a menina trabalha. Como seu salário não é suficiente, ele pensa em copiar uma nota de 50 reais, vivendo um dilema sobre a eficácia e a ética do ato.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	12:00	12:25	Sinal	Sinal	Brasil	2013	O curta acompanha várias pessoas que têm seus destinos cruzados numa mesma história. Suas vidas são conectadas de repente e cotidianos são transformados durante uma única noite no RJ.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	12:30	14:39	Raul - O Início, O Fim E O Meio	Raul - O Início, O Fim E O Meio	Brasil	2010	O rock brasileiro nunca seria o mesmo não fosse pela icônica figura de Raul Santos Selvas. O cantor e compositor é dono de alguns dos maiores hits da nossa música e tem sua trajetória revisitada no filme.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	14:45	15:00	Elaine Bortolanza	Elaine Bortolanza	Brasil	2018	A psicóloga e coordenadora da Duplo Elaine Bortolanza relembra a figura de Gabriela Leite, fundadora da grife, e fala sobre a invisibilidade e falta de discussão sobre prostituição no Brasil.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-19	15:00	15:26	Jards Macalé	Jards Macalé	Brasil	2015	No primeiro episódio da temporada, Dé Palmeira recebe Jards Macalé. O imprevisível e incansável cantor comenta a alcunha de "maldivo" da MPB e a renovação constante de seu público.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-19	15:30	15:53	Top De 5 Segundos	Top De 5 Segundos	Brasil	2018	Abujamra passa por situações constrangedoras na estrela do programa "Cufucadas" e as coisas ficam ainda piores em seu encontro às cegas. A peça em homenagem ao seu pai toma rumos inesperados.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	16:00	16:38	Episódio 04	Episódio 04	Brasil	2012	O último episódio dessa série baseada no filme "Gonzaga - De Pai Para Filho" acompanha a reaproximação de Luiz Gonzaga e Gonzaginha após uma vida de desajustes.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-19	16:40	16:49	Making Of MB - Quando A Morte Socorre A Vida	Making Of MB - Quando A Morte Socorre A Vida	Brasil	2019	Matérias extraídas do Cinejornal.	Isento	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-19	16:52	16:57	Adélia Sampaio	Adélia Sampaio	Brasil	2016	Cineastas escolhem um colega de profissão para quem enviarão uma carta e compartilham as perguntas que gostariam de fazer.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	17:00	17:05	Mar É All Em Cima, O	Mar É All Em Cima, O	Brasil	2018	Tim e Tom de vez em quando viram pelxes e ficam o dia inteiro em frente à televisão, tomando cerveja e falando merda.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	17:05	17:24	Sinistro (2016)	Sinistro (2016)	Brasil	2015	Uma menina é atormentada por uma cocleira em sua mão esquerda, que só passa quando ela desenha. A mãe dela proíbe o uso da mão amaldiçoada e exige que a filha se concentre em seus deveres escolares.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	17:30	18:00	Biquini Cavado, Descivilização	Biquini Cavado, Descivilização	Brasil	2018	Charles Gavin resgata "Descivilização", álbum do "Biquini Cavado". A banda comenta a busca pela sonoridade perfeita no disco e o sucesso de falas como "Vento, Ventania".	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-19	18:00	18:02	Lô Borges Ao Vivo No Circo Voador, Por Roberta Sá	Lô Borges Ao Vivo No Circo Voador, Por Roberta Sá	Brasil	2018	Roberta Sá apresenta os shows que serão exibidos no Faixa Musical.	Isento	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-19	18:02	19:21	Lô Borges Ao Vivo No Circo Voador	Lô Borges Ao Vivo No Circo Voador	Brasil	2018	Lô Borges, um dos membros do "Clube da Esquina", subiu ao palco do Circo Voador (RJ), para apresentar um show com um repertório que mistura jazz, MPB, rock e ritmos nordestinos.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	19:25	20:57	Motorrád	Motorrád	Brasil	2016	Hugo deseja fazer parte do grupo de motocross de seu irmão mais velho. Quando ele finalmente consegue, a diversão vira uma corrida pela sobrevivência com a perseguição de motoqueiros sobrenaturais.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	21:00	21:30	Cinejornal - Gabriel Leone E O Filme Minha Fama De Mau - 19/01/2019	Cinejornal - Gabriel Leone E O Filme Minha Fama De Mau - 19/01/2019	Brasil	2019	O Cinejornal é um programa semanal, apresentado por Simone Zuccolotto, no qual é pautado o melhor do cinema brasileiro.	Isento	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-19	21:30	21:53	Além De 1973	Além De 1973	Brasil	2018	O episódio final dessa série que acompanha a importância do ano de 1973 para a Música Popular Brasileira destaca a perenidade das obras e a influência que continuam tendo nas novas gerações.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-19	22:00	22:04	Campo Grande, Por Anna Muijlaert	Campo Grande, Por Anna Muijlaert	Brasil	2018	Anna Muijlaert entrevista as diretoras dos filmes que serão exibidos na Mostra Cine-Delas.	Isento	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-19	22:04	23:53	Campo Grande	Campo Grande	Brasil	2015	Regina mora na privilegiada zona sul do RJ. Certo dia, ela encontra na sua porta as crianças Rayane e Ygor. Decidida a ajudá-los a encontrar sua família, entra em contato com um mundo que não conhece.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001

Fonte: Site Canal Brasil

ANEXO C - GRADE DE PROGRAMAÇÃO DO DIA 20 DE JANEIRO DE 2019

Domingo, 20 de Janeiro de 2019

Data	Início	Fim	Título Português	Título do Episódio	País	Ano	Sinopse	Classificação Indicativa	Classificação Independência	Registro ANCINE
2019-01-20	00:00	01:43	Pedro Sob A Cama	Pedro Sob A Cama	Brasil	2017	Pedro é um menino que não fala, abandonado pelo pai por conta de uma tragédia. Quando o pai retorna à cidade, ele se esconde embaixo da cama dele para acompanhar a rotina do homem que pouco conhece.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	01:50	03:44	Para Minha Amada Morta	Para Minha Amada Morta	Brasil	2014	Após a morte de sua esposa, Fernando se entrega ao luto, apegado aos objetos pessoais dela. Certo dia, ele encontra uma fita VHS com cenas suspeitas, colocando em cheque essa adoração pela mulher.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	03:50	05:29	Terra Estrangeira	Terra Estrangeira	Brasil	1995	Anos 1990, Páco decide ir para Portugal após a morte da mãe levando uma misteriosa encomenda. Em Lisboa, conhece a brasileira Alex e entra num esquema de contrabando que torna suas vidas um pesadelo.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	05:35	06:51	Doméstica	Doméstica	Brasil	2012	Adolescentes filmam o cotidiano de seus empregados domésticos. A partir desse ponto de vista, o registro traz à tona uma delicada interação, permeada por carinho, amizade e intensas relações de poder.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	06:52	06:57	Piscar De Olhos - Cacau Amaral	Piscar De Olhos - Cacau Amaral 3	Brasil	2012	Representantes da nova geração e consagrados diretores do cinema brasileiro - como José Joffily, Evaldo Mocarzel, Helena Solberg, Tiza Amaral e Zeilton Viana, dentre outros - assinam filmes em curta metragem.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	07:00	07:15	Três No Tri	Três No Tri	Brasil	2013	Durante a Copa do Mundo do México em 1970, Pelé faz o gol da virada contra a Tchecoslováquia e teve seu gesto imortalizado por Orlando Abrunhosa, fotógrafo que o captou socando o ar.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	07:15	07:27	Autofagia	Autofagia	Brasil	2016	Um homem do campo, Uma travesti. Quando esses dois mundos se encontram, o ódio e o desejo libertam as nequias mais profundas. A todo momento, diálogos e renovamos o outro em nós.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	07:27	07:43	Algo Mais Explícito	Algo Mais Explícito	Brasil	2016	O que um político corrupto pode mudar na vida de um cidadão comum.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	07:43	07:49	Museu Das Pequenas Lembranças. O	Museu Das Pequenas Lembranças. O	Brasil	2016	A História dos personagens é contada por pequenos sons, gestos, objetos, viagens e fotografias mentais reveladas na alma.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	07:49	08:09	Coisas Frágeis	Coisas Frágeis	Brasil	2014	Esquele ama Joana. Para ficar com ela, decide abandonar a esposa e o filho pequeno, pelo qual tem muito amor. Quando enfim está desatando o último laço que o prende, recebe a notícia de que Joana morreu.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	08:22	08:31	Dia Dos Namorados	Dia Dos Namorados	Brasil	2015	No noite do Dia dos Namorados, Celina, uma mulher de 75 anos, chama em sua casa uma jovem garota de programa com as mesmas características que a definiam décadas atrás.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	08:31	08:47	Bem-Vindo De Volta	Bem-Vindo De Volta	Brasil	2018	Um rapaz descobre que está sendo traído através da Internet e acaba tendo uma reação extrema.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	08:47	08:56	Da Vida Só Espero A Morte	Da Vida Só Espero A Morte	Brasil	2015	Nestor vive em um mundo próprio, onde o tempo não passa e os dias são todos iguais. No meio de sua rotina interminável, porém, uma simples novidade pode fazer toda a diferença.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	08:56	09:12	Som Gula	Som Gula	Brasil	2015	O filme adota a falta de sincronia entre o movimento dos lábios e o som reproduzido. A partir dessa brincadeira, o diretor parte para um jogo de sedução, que evolui para uma briga de casal.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	09:12	09:22	Otimismo	Otimismo	Brasil	2015	Um olhar libertário sobre 5 pessoas, dois casos de amor e o amor.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	09:22	09:47	Sinal	Sinal	Brasil	2013	O curta acompanha várias pessoas que têm seus destinos cruzados numa mesma história. Suas vidas são conectadas de repente e cotidianos são transformados durante uma única noite no RJ.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	09:51	09:56	Making Of Maria Do Carito	Making Of Maria Do Carito	Brasil	2019	Matérias extras das Cinejornal.	Isento	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-20	10:00	11:38	EA Vida Continua...	EA Vida Continua...	Brasil	2011	Ernesto carrega consigo uma tragédia do passado. Ele conhece Evelina ao ajudá-la numa estrada. Os dois constroem uma amizade sólida e descobrem estar mais ligados do que pensavam.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	11:45	12:00	Flor	Flor	Brasil	2018	Famosa pelos anos como jurada do Show de Calouros do SBT, Flor lembra o trabalho ao lado de Sílvio Santos e comenta como se alimentou apenas de luz por quase um mês.	14	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-20	12:00	12:23	Além De 1973	Além De 1973	Brasil	2018	O episódio final dessa série que acompanha a importância do ano de 1973 para a Música Popular Brasileira destaca a perenidade das obras e a influência que continuam tendo nas novas gerações.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	12:30	14:04	São Sebastião Do Rio De Janeiro - A Formação De Uma Cidade	São Sebastião Do Rio De Janeiro - A Formação De Uma Cidade	Brasil	2015	O documentário mostra os 450 anos de rica história da cidade do Rio de Janeiro e suas profundas transformações, utilizando imagens de arquivo, simulações em 3D e depoimentos.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	14:07	14:27	Verão Polonês	Verão Polonês	Brasil	2014	Uma jovem polonesa chega ao Brasil sem falar uma palavra em português. A jornada no país é repleta de emoções: ele conhece um rapaz, com quem se envolve, e que a ajuda a encontrar alguém do passado.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	14:30	14:35	Mar É Ali Em Cima, O	Mar É Ali Em Cima, O	Brasil	2018	Tim e Tom de vez em quando viram pelões e ficam o dia inteiro em frente à televisão, tomando cerveja e falando merda.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	14:35	14:54	Sisistro (2016)	Sisistro (2016)	Brasil	2015	Uma menina é atormentada por uma coceira em sua mão esquerda, que só passa quando ela desenha. A mãe dela proibe o uso da mão amaldiçoada e exige que a filha se concentre em seus deveres escolares.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	15:00	15:23	Veilho Pra Gandalf	Veilho Pra Gandalf	Brasil	2015	Com baixo orçamento, Jorginho tem dificuldades para fechar o elenco do seu remake. Lully descobre que irá trabalhar com uma agência de marketing agressivo na campanha da cerveja de empresa.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	15:30	16:00	Bela Gil	Bela Gil	Brasil	2018	Referência na discussão sobre alimentação saudável e consciente, a nutricionista e apresentadora de televisão Bela Gil comenta a dificuldade de mudar hábitos e discute a reforma agrária.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-20	16:00	16:30	Malena Muyala	Malena Muyala	Brasil	2016	"A canção está por todos os lados no agora", Malena Muyala fala sobre o processo inconsciente na hora de compor e conta a história de quando lhe ocorreu uma música em pleno show no Brasil.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-20	16:30	17:00	Geovani Martins	Geovani Martins	Brasil	2018	"Se você se sente completo, o que vem depois?". O poeta e escritor Geovani Martins reflete sobre a valorização das diferenças e destaca seu espanto ao olhar o mundo de forma ampliada.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-20	17:00	17:30	Piedade	Piedade	Brasil	2018	Andréia Hortá recebe Cláudio Assis e Karen Harley, diretor e montadora de "Piedade". Os convidados destacam o discurso denunciatório do filme e o declaram como uma carta para o futuro.	14	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-20	17:30	18:00	Cinejornal - Gabriel Leone E O Filme Minha Fama De Mau' - 19/01/2019	Cinejornal - Gabriel Leone E O Filme Minha Fama De Mau' - 19/01/2019	Brasil	2019	O Cinejornal é um programa semanal, apresentado por Simone Zuccolotto, no qual é pautado o melhor do cinema brasileiro.	Isento	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-20	18:00	18:03	Lila, Por Amir Labaki	Lila, Por Amir Labaki	Brasil	2018	O Canal Brasil leva ao assinante os mais premiados documentários brasileiros, selecionados pelo crítico de cinema Amir Labaki.	Isento	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-20	18:02	19:18	Lila	Lila	Brasil	2018	O filme conta a história de Lillana Syrkis, dama da alta-costura carloca que viveu na pele a saga do povo judeu, o drama dos poloneses deportados para a Sibéria e as dificuldades de migrar para o Brasil.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	19:22	19:27	Juju Palitto	Juju Palitto	Brasil	2016	Série documental faz um mergulho nas memórias do transformismo carloco, resgatando histórias de grandes nomes do movimento no Brasil.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	19:30	21:27	Era Uma Vez...	Era Uma Vez...	Brasil	2008	Dé mora na favela do Cantagalo, em Itanema, e trabalha vendendo cachorro-quente num quiosque da praia. De lá ele observa Nina, filha única de uma família rica, por quem acaba se apaixonando.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	21:30	21:50	Tempo, O	Tempo, O	Brasil	2014	Amintere tem 92 anos e após muitos anos recluso por conta da idade, resolve sair de casa. Confrontado com as mudanças da vida urbana, ele percebe que o tempo alterou o mundo que ele conhecia.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	21:53	21:57	Nas Estrelas	Nas Estrelas	Brasil	2014	Série de animação mostra os devaneios noturnos de uma mulher antes de dormir.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	22:00	22:02	Volantin Cortao Por Jean Pierre Noher	Volantin Cortao Por Jean Pierre Noher	Brasil	2018	A cada semana, o Canal Brasil exibe filmes clássicos e produções recentes no idioma original, divulgando o trabalho de grandes diretores e novos cineastas sul-americanos. Apresentação: Jean Pierre Noher.	Isento	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-20	22:02	23:19	Volantin Cortao	Volantin Cortao	Chile	2014	Pauline estuda para ser assistente social e trabalha em um centro para reinserção de menores na sociedade. Ali, conhece Manuel, com quem começa uma relação de amizade que a leva a questionar sua vocação.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-20	23:30	23:50	Stanley	Stanley	Brasil	2016	Quando eu era criança, vi meu pai com um amigo. Não entendi muito bem o que eles estavam falando. O que eu mais lembro era dos lábios mexendo. Fiquei com vontade de beijar a boca do amigo do meu pai.	18	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001

Fonte: Site Canal Brasil

ANEXO D - GRADE DE PROGRAMAÇÃO DO DIA 21 DE JANEIRO DE 2019

Segunda-feira, 21 de Janeiro de 2019

Data	Início	Fim	Título Português	Título do Episódio	País	Ano	Sinopse	Classificação Indicativa	Classificação Independência	Registro ANCINE
2019-01-21	00:00	00:11	Minifobias E Inutilidades Anais	Minifobias E Inutilidades Anais	Brasil	2016	Em um programa cheio de inutilidades, Angell fala sobre as boçalidades da vida. O episódio faz uma retrospectiva dos melhores momentos psicodélicos da série.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	00:15	01:46	Travessia (2017)	Travessia (2017)	Brasil	2015	Roberto acabou de perder a esposa e está solitário e infeliz. Além disso, o relacionamento com seu único filho, Júlio, vai de mal a pior. Um dia, após se embriagar, ele acaba atropelando um garoto.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	02:00	03:30	Freira E A Tortura, A	Freira E A Tortura, A	Brasil	1983	O delegado Rui é designado a investigar Joana, acusada de crimes políticos. Quando a prende, ele descobre que ela é freira. A revelação não impede que ele a torture e sita desejos sexuais por ela.	18	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	03:45	04:00	Mulheres Brancas, Homens Negros, Maridos Corrosos E Muito Sexo	Mulheres Brancas, Homens Negros, Maridos Corrosos E Muito Sexo	Brasil	2018	André Garcia e Caíra, diretor e ator responsável pelo canal "Black Brothers", discutem a participação negra em filmes adultos e as mudanças recentes na indústria pornô.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	04:00	05:19	Sexo, Sexo E Sexo	Sexo, Sexo E Sexo	Brasil	1984	Dois amigos inseparáveis ficam desempregados e passam a assaltar pessoas na rua. É durante o roubo mais ousado de suas vidas, porém, que a dupla enfrenta um verdadeiro desafio.	18	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	05:25	06:56	Do Outro Lado Do Atlântico	Do Outro Lado Do Atlântico	Brasil	2015	O documentário, filmado em terras brasileiras e na ilha do Cabo Verde, retrata as semelhanças entre as culturas do Brasil e as de países africanos que têm o português como língua oficial.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	07:00	08:34	Tristeza Do Jeca	Tristeza Do Jeca	Brasil	1961	Em meio à disputa política característica do Interior, o carismático Jeca é abordado por coronéis para angariar votos. Ao fazer campanha para políticos rivais, o calpêira provoca uma grande confusão.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	08:40	10:03	Primeiro Dia De Um Ano Qualquer	Primeiro Dia De Um Ano Qualquer	Brasil	2012	No primeiro dia do ano, muitos personagens se encontram em uma luxuosa casa de campo nos arredores do Rio de Janeiro. Do amanhecer até o fim da noite, todos enfrentam suas crises e limitações.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	10:05	11:25	Sonhei Com Você	Sonhei Com Você	Brasil	1989	A famosa dupla sertaneja Miltonrão e José Rico está em apuros. Eles foram vítimas de um grande golpe que levou toda sua fortuna conquistada por anos e, com isso, também perderam o prestígio dos fãs.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	11:30	11:49	32 Dentes	32 Dentes	Brasil	2014	Um homem percorre uma estrada para exumar o corpo de seu pai. Ao longo do caminho, ele encontra Mabel, que provoca nele uma série de reflexões.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	11:49	11:52	Epifania	Epifania	Brasil	2017	Às voitas com seus remédios, um menino decide que é a hora de acabar.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	12:00	12:05	Mar É Ali Em Cima, O	Mar É Ali Em Cima, O	Brasil	2018	Tim e Tom de vez em quando viram pelias e ficam o dia inteiro em frente à televisão, tomando cerveja e falando merda.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	12:05	12:24	Sinistro (2016)	Sinistro (2016)	Brasil	2015	Uma menina é atormentada por uma cocleira em sua mão esquerda, que só passa quando ela desenha. A mãe dela proibe o uso da mão amaldiçoada e exige que a filha se concentre em seus deveres escolares.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	12:30	12:52	Top De 5 Segundos	Top De 5 Segundos	Brasil	2018	Abujamra passa por situações constrangedoras na estreia do programa "Cucutada" e as coisas ficam ainda piores em seu encontro às cegas. A peça em homenagem ao seu pai toma rumos inesperados.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	13:00	13:30	Biquini Cavado, Deschilização	Biquini Cavado, Deschilização	Brasil	2018	Charles Gavin resgata "Deschilização", álbum do "Biquini Cavado". A banda comenta a busca pela sonoridade perfeita no disco e o sucesso de faixas como "Vento Ventania".	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	13:30	14:40	Vinil, Poela E Groove	Vinil, Poela E Groove	Brasil	2018	Quem deu por morto o disco de vinil nos anos 1990 realmente não pode se vangloriar de ser uma pessoa de visão. Três décadas depois de sua morte, o vinil hoje move uma economia poderosa.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	14:45	16:55	2 Filhos De Francisco	2 Filhos De Francisco	Brasil	2004	A trajetória dos irmãos Zezé Di Camargo e Luciano contada a partir do sonho do pai, o trabalhador rural Francisco Camargo. Apaixonado por música, ele luta para transformá-los em uma famosa dupla sertaneja.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	17:00	17:23	Além De 1973	Além De 1973	Brasil	2018	O episódio final dessa série que acompanha a importância do ano de 1973 para a Música Popular Brasileira destaca a perenidade das obras e a influência que continuam tendo nas novas gerações.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	17:30	17:50	Tempo, O	Tempo, O	Brasil	2014	Almirante tem 92 anos e, após muitos anos recluso por conta da idade, resolve sair de casa. Confrontado com as mudanças da vida urbana, ele percebe que o tempo alterou o mundo que ele conhecia.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	18:00	19:34	São Sebastião Do Rio De Janeiro - A Formação De Uma Cidade	São Sebastião Do Rio De Janeiro - A Formação De Uma Cidade	Brasil	2015	O documentário mostra os 450 anos da rica história da cidade do Rio de Janeiro e suas profundas transformações, utilizando imagens de arquivo, simulações em 3D e depoimentos.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	19:40	20:58	De Menor	De Menor	Brasil	2012	Helena é advogada e vive com o irmão Caio. Crísis, eles têm um bom relacionamento, até o dia em que o rapaz comete um delito e torna-se réu na Vara da Infância e Juventude, onde Helena trabalha.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	21:00	21:30	Letrux	Letrux	Brasil	2017	"O rock salvou minha vida". A cantora Letrux revela a influência de Janis Joplin na infância e conta como estudar teatro proporcionou seu entendimento para seguir a carreira de cantora.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	21:30	22:00	Robson Nunes	Robson Nunes	Brasil	2018	Robson Nunes tembra a carreira como ator e a imitação de Mano Brown que lhe rendeu seu primeiro papel no cinema. O artista discute ainda os padrões de beleza e sucesso para quem nasce na periferia.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-21	22:00	23:11	Som Dos Síncos, O	Som Dos Síncos, O	Brasil	2016	Em MG, toques de síncos marcam o ritmo da vida dos moradores das cidades históricas. Os sineiros, personagens do alto das torres, aprendem como comunicar mortes, partos, incêndios, missas e horários.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	23:30	23:45	Tentel	Tentel	Brasil	2017	A coragem foi se fazendo aos poucos conforme a angústia tomava o corpo. Em certa manhã, Glória, de 34 anos, parte em busca de um lugar para voltar a ser.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001
2019-01-21	23:45	23:53	Nada Consta	Nada Consta	Brasil	2006	Um homem tenta viajar de Brasília à Ilha para se casar. Mas o embarque é negado, pois, dez anos antes, ele se envolveu num protesto. A saída é voltar no tempo e desistir da passeata para conseguir viajar.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e independente.	150030001

Fonte: Site Canal Brasil

ANEXO E - GRADE DE PROGRAMAÇÃO DO DIA 22 DE JANEIRO DE 2019

Terça-feira, 22 de Janeiro de 2019

Data	Início	Fim	Título Português	Título do Episódio	País	Ano	Sinopse	Classificação Indicativa	Classificação Independência	Registro ANCINE
2019-01-22	00:00	00:15	Leandro Lehart	Leandro Lehart	Brasil	2018	Leandro Lehart fala sobre o início do Art Popular, a influência da black music na sonoridade do conjunto paulistano e a admiração por grandes nomes da velha guarda do samba.	14	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-22	00:15	01:40	Terceira Margem Do Rio, A	Terceira Margem Do Rio, A	Brasil	1992	Adaptação literária de cinco contos da obra Primeiras Estórias, de Guimarães Rosa. Um homem deixa sua família e amigos para viver isolado em uma casa num rio e jamais volta a pisar em terra firme.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	01:45	02:00	O DJ Festa	O DJ Festa	Brasil	2018	O lendário da noite paulista, Iral Campos lembra o início da carreira nas boates da cidade e comenta sobre o protagonismo adquirido pela sua profissão ao longo dos anos.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-22	02:00	03:17	Volantín Cortao	Volantín Cortao	Chile	2014	Paulina estuda para ser assistente social e trabalha em um centro para reinserção de menores na sociedade. Aí, conhece Manuel, com quem começa uma relação de amizade que a leva a questionar sua vocação.	14		150030001
2019-01-22	03:30	05:24	Para Minha Amada Morta	Para Minha Amada Morta	Brasil	2014	Após a morte de sua esposa, Fernando se entrega ao luto, apenado aos objetos pessoais dela. Certo dia, ele encontra uma fita VHS com cenas suspeitas, colocando em xeque essa adoração pela mulher.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	05:30	06:51	Eu E Minha Irmã - A Trajetória Das Irmãs Galvão	Eu E Minha Irmã - A Trajetória Das Irmãs Galvão	Brasil	2017	A vida e obra de Mary e Marlene, as Galvão, que abriram caminho para as duplas sertanejas femininas. O filme conta com depoimentos de Renato Teixeira, Daniel, Chitãozinho e Xororó, dentre outros.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	07:00	08:00	Episódio 04	Episódio 04	Brasil	2012	O último episódio dessa série baseada no filme "Gonzaga - De Pai Para Filho" acompanha a reaproximação de Luiz Gonzaga e Gonzaguinha após uma vida de desavenças.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-22	08:00	09:18	De Menor	De Menor	Brasil	2012	Helena é advogada e vive com o irmão Caio. Órfãos, eles têm um bom relacionamento, até o dia em que o rapaz comete um delito e torna-se réu na Vara da Infância e Juventude, onde Helena trabalha.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	09:25	10:41	Lila	Lila	Brasil	2018	O filme conta a história de Liliana Syrkis, dama de alta-costura carioca que viveu na pele a saga do povo judeu, o drama dos poloneses deportados para a Sibéria e as dificuldades de migrar para o Brasil.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	10:45	11:56	Finada Mãe Da Madame, A	Finada Mãe Da Madame, A	Brasil	2016	1970, Bahia. Lúcio volta para casa de madrugada bêbado e Terézinha, sua esposa, fica chateada. Os dois estão brigando até que um homem chega com a notícia de que a mãe de Terézinha morreu.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	12:00	12:20	Tempo, O	Tempo, O	Brasil	2014	Amirante tem 92 anos e, após muitos anos recluso por conta da idade, resolve sair de casa. Confrontado com as mudanças da vida urbana, ele percebe que o tempo alterou o mundo que ele conhecia.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	12:30	12:45	Mais Barulheiro Silêncio, O	Mais Barulheiro Silêncio, O	Brasil	2011	Uma em cada quatro mulheres será estuprada até o fim da vida, a maioria por um homem próximo. Apesar de comuns, essas histórias são silenciadas por vergonha, culpa e naturalização da violência.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	12:45	12:59	Parque Pesadelo	Parque Pesadelo	Brasil	2015	Um menino carrega nas costas as flores e o fardo de uma maldição.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	13:00	13:30	Robson Nunes	Robson Nunes	Brasil	2018	Robson Nunes lembra a carreira como ator e a imitação de Mano Brown que lhe rendeu seu primeiro papel no cinema. O artista discute ainda os padrões de beleza e sucesso para quem nasceu na periferia.	16	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-22	13:30	14:26	Apart Horta	Apart Horta	Brasil	2012	A baiana Nazare é vai a SP pela primeira vez para visitar seu irmão Natanael. Ele tem um estilo de vida voltado ao trabalho, já Nazare vive uma relação saudável com as pessoas, a natureza e a alimentação.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	14:30	16:01	Califórnia	Califórnia	Brasil	2014	Estela é uma adolescente que vive os conflitos típicos da idade. Ela tem um ídolo, o tio Carlos, jornalista que vive nos EUA, e o maior sonho da menina é visitá-lo na Califórnia durante as férias.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	16:10	17:22	Meu Corpo É Político	Meu Corpo É Político	Brasil	2017	Vivenciando a rotina de ativistas LGBT moradores das periferias de SP, o documentário faz um panorama do contexto social em que os personagens estão inseridos e de que forma eles agem nas ruas.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	17:30	17:45	Tentel	Tentel	Brasil	2017	A coragem foi se fazendo aos poucos conforme a angústia tomava o corpo. Em certa manhã, Glória, de 34 anos, parte em busca de um lugar para voltar a ser.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	17:45	17:53	Nada Consta	Nada Consta	Brasil	2000	Um homem tenta viajar de Brasília à lua para se casar. Mas o embarque é negado, pois, dez anos antes, ele se envolveu num protesto. A saída é voltar no tempo e desistir da passeata para conseguir viajar.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	18:00	19:13	Outro Sertão	Outro Sertão	Brasil	2012	Conhecida no mundo todo, a obra do escritor João Guimarães Rosa foi influenciada por sua experiência na Alemanha nazista. O documentário traz registros e imagens de arquivo que mostram essa vivência.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	19:30	20:59	Duas Irmãs, As	Duas Irmãs, As	Brasil	2017	Irene descobre que o pai tem uma filha fora do casamento, também chamada Irene e da mesma idade que ela. Revoltada, a menina se aproxima da meia-irmã e da mãe dela sem revelar sua identidade.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	21:00	21:23	Festinha	Festinha	Brasil	2016	Meg vigia cada passo dos funcionários durante a festa, tentando registrar momentos comprometedores. Enquanto todos se divertem, Rodney trabalha para compensar os dias que se ausentou.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	21:30	22:00	Emiliano Branciarli	Emiliano Branciarli	Brasil	2018	O cantor Emiliano Branciarli, da banda de rock "No Te Va Gustar", destaca a importância do sentimento e da naturalidade em suas composições e lembra sua trajetória quase autodidata na música.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-22	22:00	23:27	Confã Em Mim	Confã Em Mim	Brasil	2018	Mari tem o sonho de abrir um restaurante. Ela trabalha como chefe de cozinha até conhecer Caio, rapaz que permite que ela atinja seu objetivo. Ela percebe logo, porém, que nem tudo é tão simples assim.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-22	23:30	23:56	Porteiro Do Dia, O	Porteiro Do Dia, O	Brasil	2016	Marcão é um rapaz branco, gay e de classe média que se envolve com Márcio, homem negro, casado, pai de família, com dedicação total ao trabalho, e que tem apenas uma bicicleta como condução.	18	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001

Fonte: Site Canal Brasil

ANEXO F - GRADE DE PROGRAMAÇÃO DO DIA 23 DE JANEIRO DE 2019

Quarta-feira, 23 de Janeiro de 2019

Data	Início	Fim	Título Português	Título do Episódio	País	Ano	Sinopse	Classificação Indicativa	Classificação Independência	Registro ANCINE
2019-01-23	00:00	00:15	Luli Penna	Luli Penna	Brasil	2018	Luli Penna relembra "Sem Dó", sua primeira história em quadrinhos que se transformou em livro. A cartunista fala ainda sobre liberdade sexual e a importância de São Paulo para seu trabalho.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-23	00:15	02:04	Campo Grande	Campo Grande	Brasil	2015	Regina mora na privilegiada zona sul do RJ. Certo dia, ela encontra na sua porta as crianças Ravane e Ygor. Decidida a ajudá-los a encontrar sua família, entra em contato com um mundo que não conhecia.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	02:10	03:39	Amor No Divã, O	Amor No Divã, O	Brasil	2016	Malika Stein é uma renomada terapeuta especializada em falar casamentos para um lugar melhor. No entanto, após a chegada de um novo casal ao seu consultório, ela coloca em xeque o próprio matrimônio.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	03:40	04:00	Stanley	Stanley	Brasil	2016	Quando eu era criança, vi meu pai com um amigo. Não entendi muito bem o que eles estavam falando. O que eu mais lembro era dos lábios mesendo. Fiquei com vontade de beijar a boca do amigo do meu pai.	18	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	04:00	05:30	Jogo Da Vida, O	Jogo Da Vida, O	Brasil	1977	Sonhos e angústias de três malandros. Malaguetta, um inventado jogador; Petrus, operário que abandonou as linhas de montagem para vencer na mesa de sinuca; e Bacanaço, malandro metido a chique, que sonha dar um golpe.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	05:35	06:53	Mataram Meu Irmão	Mataram Meu Irmão	Brasil	2013	O irmão do diretor Cristiano Buarque foi assassinado há 12 anos. O cineasta decide relebrar os fatos, compondo um retrato da violência que domina os bairros do subúrbio de São Paulo.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	07:00	09:10	2 Filhos De Francisco	2 Filhos De Francisco	Brasil	2004	A trajetória dos irmãos Zexé Di Camargo e Luciano contada a partir do sonho do pai, o trabalhador rural Francisco Camargo.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	09:20	09:35	Luli Penna	Luli Penna	Brasil	2018	Luli Penna relembra "Sem Dó", sua primeira história em quadrinhos que se transformou em livro. A cartunista fala ainda sobre liberdade sexual e a importância de São Paulo para seu trabalho.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-23	09:40	11:14	São Sebastião Do Rio De Janeiro - A Formação De Uma Cidade	São Sebastião Do Rio De Janeiro - A Formação De Uma Cidade	Brasil	2015	O documentário mostra os 450 anos da rica história da cidade do Rio de Janeiro e suas profundas transformações, utilizando imagens de arquivo, simulações em 3D e depoimentos.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	11:30	12:00	Letrux	Letrux	Brasil	2017	"O rock salvou minha vida". A cantora Letrux revela a influência de Janis Joplin na infância e conta como estudar teatro proporcionou seu entendimento para seguir a carreira de cantora.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-23	12:00	12:15	Tentel	Tentel	Brasil	2017	A coragem foi se fazendo aos poucos conforme a angústia tomava o corpo. Em certa manhã, Glória, de 34 anos, parte em busca de um lugar para voltar a ser.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	12:15	12:23	Nada Consta	Nada Consta	Brasil	2006	Um homem tenta viajar de Brasília à lua para se casar. Mas o embarque é negado, pois, dez anos antes, ele se envolveu num protesto. A saída é voltar no tempo e desistir da passadeira para conseguir viajar.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	12:30	12:44	Pé Sem Chão	Pé Sem Chão	Brasil	2014	O drama de uma mulher e seu filho, que se veem obrigados a abandonar o barraco onde vivem.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	12:44	12:58	Cumiela	Cumiela	Brasil	2015	O filme acompanha o dia-a-dia em uma obra no topo de um prédio.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	13:00	13:30	Emiliano Branciarri	Emiliano Branciarri	Brasil	2016	O cantor Emiliano Branciarri, da banda de rock "No Te Va Gustar", destaca a importância do sentimento e da naturalidade em suas composições e lembra sua trajetória quase autodidata na música.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-23	13:30	14:41	Som Dos Sinos, O	Som Dos Sinos, O	Brasil	2016	Em MG, toques de sinos marcam o ritmo da vida dos moradores das cidades históricas. Os sineiros, personagens do alto das torres, aprendem como comunicar mortes, partos, incêndios, missas e horários.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	14:45	16:06	Eu Te Levo	Eu Te Levo	Brasil	2015	Rogério herdou do pai um negócio para administrar, mas seu sonho sempre foi se tornar bombeiro. Durante o curso, porém, ele começa a se questionar se realmente deseja ser um militar.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	16:10	17:25	Seewatchhook - O Que Você Vê Quando Olha O Que Enxerga?	Seewatchhook	Brasil	2014	Os desafios de criar um espetáculo em Nova York - o primeiro para ser assistido do High Line Park - pela perspectiva do brasileiro Michel Melamed, que questiona as fronteiras entre realidade e ficção.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	17:30	17:54	Lobo	Lobo	Brasil	2016	Um artista plástico e poeta português radicado no Brasil resolve fugir da sociedade. Assim, mora recluso em cima de uma árvore por um ano, sem contato humano, numa ilha paradisíaca.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	18:00	19:30	Abalizando A Máquina 2 - No Limite Da Linha	Abalizando A Máquina 2 - No Limite Da Linha	Brasil	2016	Através de relatos de militantes, repórteres e políticos, o filme traz as mudanças sofridas pelo jornalismo a partir do crescimento do ativismo entre jovens e do aumento do uso de mídias alternativas.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	19:45	21:27	Pedro Sob A Cama	Pedro Sob A Cama	Brasil	2017	Pedro é um menino que não fala, abandonado pelo pai por conta de uma tragédia. Quando o pai retorna à cidade, ele se esconde embaixo da cama dele para acompanhar a rotina do homem que pouco conhece.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	19:45	21:27	Pedro Sob A Cama	Pedro Sob A Cama	Brasil	2017	Pedro é um menino que não fala, abandonado pelo pai por conta de uma tragédia. Quando o pai retorna à cidade, ele se esconde embaixo da cama dele para acompanhar a rotina do homem que pouco conhece.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	21:30	22:00	Sandra Corveloni	Sandra Corveloni	Brasil	2018	A atriz Sandra Corveloni comenta as rápidas transformações no mundo, destaca a potência feminina e salienta a importância das minorias continuarem lutando por seus direitos.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-23	22:00	23:29	Marcha Cega	Marcha Cega	Brasil	2018	Durante as manifestações que ocorreram em SP nos últimos anos, a Polícia Militar feriu e prendeu manifestantes. Com o uso técnicas duvidosas, a cidade foi transformada em um campo de batalha.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-23	23:30	23:50	Barbante	Barbante	Brasil	2015	Barbante, o cachorrinho de Zeza, sumiu. O menino de 13 anos está sofrendo com sua ausência e tenta, a todo custo, encontrá-lo.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001

Fonte: Site Canal Brasil

ANEXO G - GRADE DE PROGRAMAÇÃO DO DIA 24 DE JANEIRO DE 2019

Quinta-feira, 24 de Janeiro de 2019

Data	Início	Fim	Título Português	Título do Episódio	País	Ano	Síntese	Classificação Indicativa	Classificação Independência	Registro ANCINE
2019-01-24	00:00	00:15	Seio Quente E Sem Crueldade	Seio Quente E Sem Crueldade	Brasil	2018	Adriana Kfour e Gal Lourenço são responsáveis por uma linha de produtos eróticos e veganos. As empresárias falam sobre os artigos mais procurados e a linha criada em parceria com Nicole Puzzi.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-24	00:15	01:39	Seis Mulheres De Adão, As	As Seis Mulheres De Adão	Brasil	1981	Seis mulheres relembram suas aventuras amorosas com o garanhão Adão. Como foram abandonadas por ele, as amigas planejam uma vingança e fazem um plebiscito para apurar se o castram ou não.	18	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	01:45	02:00	Gelisa	Gelisa	Brasil	2018	Gelisa comenta o preconceito sofrido por ser mulher e trabalhar com construção civil. A bombeira hidráulica fala sobre a compreensão de seus raízes negras e a descoberta da homossexualidade.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-24	02:05	03:31	Moça Do Calendário, A	Moça Do Calendário, A	Brasil	2017	O quarentão Inácio trabalha como dublê de dançarino à noite e mecânico durante o dia. Quando não está nas pistas ou operando veículos, seus pensamentos estão na bela garota do calendário da oficina.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	03:35	05:22	Eie, O Boto	Eie, O Boto	Brasil	1987	Segundo uma lenda amazônica, em noite de lua cheia o Boto vem à terra e se transforma em humano, para seduzir e ser amado pelas mulheres e odiado pelos homens.	16	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	05:30	06:49	Rua Aperana 52	Rua Aperana 52	Brasil	2010	Uma produção do Canal Brasil em parceria com o diretor Julio Bressane. Rua Aperana 52 mostra, através de uma perspectiva intimista, a história da casa onde viveu seu realizador, construída em 1918. O documentário tem elementos de ficção estranhos das obras do cineasta e conta com depoimentos de Fernando Eiras, Glúlia Gam, Drica Moraes, Maria Gladys, Joel Barcelos, Caetano Veloso e Chico Buarque.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-24	07:00	08:20	Sonheil Com Você	Sonheil Com Você	Brasil	1989	A famosa dupla sertaneja Milionário e José Rico está em apuros. Eles foram vítimas de um grande golpe que levou toda sua fortuna conquistada por anos e, com isso, também perderam o prestígio dos fãs.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	08:25	10:08	Ganga Zumba	Ganga Zumba	Brasil	1964	Neto de Zumbi dos Palmares, Ganga Zumba nasceu na senzala e, aos poucos, foi tendo consciência da história de lutas de seu povo. Sua coragem o fez fugir do cativeiro, assumindo o posto antes ocupado pelo avô.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	10:15	11:29	Último Romance De Balzac, O	Último Romance De Balzac, O	Brasil	2010	Médico e médium espírito, Waldo Vieira psicografou, em 1965, o romance Cristo Espera por Ti, atribuído ao escritor francês Honoré de Balzac. O filme retrata a polêmica em torno do obra.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	11:30	11:53	Festinha	Festinha	Brasil	2015	Meg vigia cada passo dos funcionários durante a festa, tentando registrar momentos comprometedores. Enquanto todos se divertem, Rodney trabalha para compensar os dias que se ausentou.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	12:00	12:24	Lobo	Lobo	Brasil	2016	Um artista plástico e poeta português radicado no Brasil resolve fugir "da sociedade. Assim, mora recluso em cima de uma árvore por um ano, sem contato humano, numa ilha paradisíaca."	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	12:30	12:50	Barbante	Barbante	Brasil	2015	Barbante, o cachorrinho de Zeca, sumiu. O menino de 13 anos está sofrendo com sua ausência e tenta, a todo custo, encontrá-lo.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	13:00	13:30	Sandra Corveloni	Sandra Corveloni	Brasil	2018	A atriz Sandra Corveloni comenta as rápidas transformações no mundo, destaca a potência feminina e salienta a importância das minorias continuarem lutando por seus direitos.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-24	13:30	15:00	Abalando A Máquina 2 - No Limite Da Linha	Abalando A Máquina 2 - No Limite Da Linha	Brasil	2016	Através de relatos de militantes, repórteres e políticos, o filme traz as mudanças sofridas pelo jornalismo a partir do crescimento do ativismo entre jovens e do aumento do uso de mídias alternativas.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	15:05	16:23	De Menor	De Menor	Brasil	2012	Helena é advogada e vive com o irmão Calo. Órfãos, eles têm um bom relacionamento, até o dia em que o rapaz comete um delito e torna-se réu na Vara da Infância e Juventude, onde Helena trabalha.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	16:30	16:45	Leandro Lehart	Leandro Lehart	Brasil	2018	Leandro Lehart fala sobre o início do Art Popular, a influência da black music na sonoridade do conjunto paulistano e a admiração por grandes nomes da velha guarda do samba.	14	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-24	16:45	17:24	Santino E O Bilhete Premiado	Santino E O Bilhete Premiado	Brasil	2016	Para os inimigos, Santino é um malandro, mulherengo, preguiçoso e sem-vergonha. Para os amigos, um boa prosa, engraçado, encantador. No sertão mineiro, ele se apaixona à primeira vista por Cristina.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Não Independente.	150030001
2019-01-24	17:30	17:54	Verde Violeta	Verde Violeta	Brasil	2015	O curta conta a história de Nilma, uma estranha funcionária de um supermercado platonicamente apaixonada pelos olhos bicolors da segurança.	10	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	18:00	19:43	Vida De Menina	Vida De Menina	Brasil	2004	Helena Morley é uma menina magra, desengonçada e sardenta - se acha feia. Sua distração é escrever no diário os acontecimentos que se desdobram pela Diamantina (MG) do século 19.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	19:55	21:24	Amor No Divã, O	Amor No Divã, O	Brasil	2016	Mulka Stein é uma renomada terapeuta especializada em guiar casamentos para um lugar melhor. No entanto, após a chegada de um novo casal ao seu consultório, ela coloca em cheque o próprio matrimônio.	12	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	21:30	22:00	Como Nossos Pais	Como Nossos Pais	Brasil	2018	Andréia Horta recebe Laila Bodanzky e Maria Ribeiro, diretora e protagonista de "Como Nossos Pais". A cineasta comenta a escolha da atriz e a inspiração surgida a partir da obra de Bechler.	14	Obra Não Publicitária Brasileira e Não constituinte de espaço qualificado.	150030001
2019-01-24	22:00	23:34	Estamos Juntos	Estamos Juntos	Brasil	2011	Carmem é uma talentosa médica que usufrui da liberdade de SP. Sua rotina se divide entre estudos, amizades e encontros amorosos. Tudo muda quando uma doença inesperada toma conta de sua vida.	14	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001
2019-01-24	23:35	23:54	Dois Pra Lá, Dois Pra Cá	Dois Pra Lá, Dois Pra Cá	Brasil	2009	No cotidiano, os livros, as caminhadas com a cadeira Luna e as conversas com o vizinho Vicente. Nos sonhos, a poesia. Certo dia, Horácio decide sair por aí e procurar por Pasárgada.	Livre	Obra Não Publicitária Brasileira, Constituinte de espaço qualificado e Independente.	150030001

Fonte: Site Canal Brasil

ANEXO H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1

Apresentação: Lázaro Ramos; Direção: Joel Zito Araújo; Data: 05.05.2014; Temporada: sexta; Entrevistada: Luiza Bairros.

Texto - Luiza Helena de Bairros nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1953.

Texto - Vive em Salvador, Bahia, desde 1979, quando passou a atuar no Movimento Negro Unificado (MNU).

Texto - Em janeiro de 2011, assumiu o cargo de Ministra de Estado e Chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR).

Lázaro - Ministra, para que serve uma secretaria de políticas de promoção da igualdade racial?

Luiza - Essa secretaria, na verdade, é uma das criações mais importantes do governo federal dos últimos anos. Ela resulta de uma constatação o Brasil ao longo dos anos se desenvolveu, se transformou e etc. Mas nós tínhamos também a população negra sem ter os benefícios desses processos. Então é um ministério que existe para chamar atenção dos demais, para o fato de que existem obstáculos para o progresso da população negra no Brasil. Obstáculos que são causados pelo racismo, e conseqüentemente são causados pela invisibilidade deste setor nas políticas públicas. Eu considero a SEPPIR o ministério que pode, através da sua ação, tornar real o processo de inclusão na sociedade brasileira.

Lázaro - O espelho está no ar.

Vinheta de início.

Lázaro - Gaúcha?

Luiza - Sim, sim.

Lázaro - Nascida aonde e em qual família?

Luíza - Eu nasci em Porto Alegre, em uma família que veio, que morava em uma região hoje em que os negros foram completamente expulsos, que é no bairro Rio Branco, um bairro mais ou menos central. É uma família típica, digamos assim, daqueles anos 50/60 do RS. Uma família ligada nos clubes negros que existiam na cidade, frequentadora destes clubes negros. As famílias que se reuniam muito, finais de semana, e etc. Sou fruto de uma vida familiar tipicamente negra do RS.

Lázaro - Então a consciência racial já vem da família?

Luíza - Um certo tipo de consciência racial sim, por que no RS naquela época era impossível você ser negro e não saber que existe racismo. Até os anos 70 em uma cidade como Porto Alegre, os clubes sociais, por exemplo, eram separados. Você tinha os clubes sociais negros e os clubes sociais da classe média branca. Eu passei longa parte da minha vida estudantil, por exemplo, convivendo muito bem com todas as minhas colegas na escola e etc, mas nos finais de semana nós íamos para espaços que eram espaços diferentes. Me lembro na época, um sindicato dos metalúrgicos em Porto Alegre (isso aí eu estou falando de dos anos 60 e 70, então não estou falando de uma história tão remota, apesar de ser no século passado) mas era um sindicato que promovia festas nos finais de semana, e estas festas eram praticamente alternadas. Havia finais de semana para os trabalhadores brancos e finais de semanas para os trabalhadores negros. Então era muito presente essa questão de que havia processos de discriminação no interior da sociedade. E isso dentro da minha família também sempre foi uma coisa muito trabalhada em relação aos filhos, eu tenho um irmão um pouco mais velho do que eu, e nós fomos de uma certa forma criados, para não cometer erros nem gafes nem nada de maneira nenhuma no espaço público, por que isso poderia nos trazer consequências ruins para nós.

Luíza - A diferença, digamos assim, deste tipo de consciência racial que eu tinha nesse período, com a que eu adquiri a partir do Movimento Negro, se deu muito mais em função do fato de que com o MNU eu aprendi que essa consciência que eu tinha que essa sociedade diferencia as pessoas pela cor, ela podia ser politizada, ela podia ser objeto de uma ação política.

Lázaro - E a entrada no movimento se deu como?

Luíza - O movimento começou a se reagrupar no Brasil a partir da metade dos anos 70 pelo menos de forma um pouco mais visível, e isso aconteceu em Porto Alegre também. E é interessante que neste período era um período que, politicamente, eu atuava no movimento estudantil (eu já estava na universidade e etc). E eu fiz algumas tentativas de me aproximar das pessoas que faziam o Movimento Negro em Porto Alegre, e eu não fui acolhida neste momento em que eu morava no RS. Que hoje eu entendo, era um período bastante difícil, ainda era a época da ditadura, ou seja, para acessar grupos de atuação política você tinha que vir recomendado por alguém. No final dos anos 1970, 1979 mais especificamente, eu acabei indo para Bahia, e no nordeste, você sabe, é totalmente diferente né? Tipo assim: chegou mais uma pessoa? Venha! Venha que estamos precisando de ajuda. (risadas)

Lázaro - Mas você foi para Bahia, por causa da Bahia ou decidiu ir?

Luíza - Não, eu decidi ir!

Lázaro - E por que a Bahia? ,aquele que já se envaidece da escolha, ((risadas))

Luíza - ((Risadas)) Para quem é dos anos 70, no sul do Brasil, a Bahia era uma espécie de paraíso no imaginário de todo mundo que era jovem no sul do Brasil naquela época. Então você ir para a Bahia, passar férias na Bahia e etc, aquilo era sempre um dado bastante importante da sua biografia naquele momento. Então esta possibilidade de você encontrar uma realidade de uma sociedade de maioria negra, isso para mim foi uma coisa que mudou totalmente a minha cabeça, e foi fundamental para que eu dissesse: eu quero viver isso, eu quero ter essa experiência, entendeu? De viver uma realidade onde você encontra negros em todos os cantos!

Lázaro - Eu queria fazer uma pergunta que eu nunca fiz a ninguém aqui no Espelho: o que é o movimento negro? É possível responder isso?

Luiza - É uma coisa difícil de responder, até pela palavra "movimento". Ela abre possibilidade de muitas formas de manifestação. Agora, o que é o eixo dessas múltiplas formas de manifestação? É o enfrentamento ao racismo.

Lázaro - Então vamos falar um pouquinho dos efeitos. Tudo que a senhora falou até então, tem um teor técnico que vem junto. Mas o que é que muda, para uma jovem negra que é impedida de entrar em um lugar? Por que eu acho que as pessoas não tem a dimensão de chegar num clube, e dizer: queria entrar para ver como é; e você não pode entrar. Isso aconteceu no Brasil, relatado pela senhora mesma. Eu queria saber o que é que muda...

Luiza - Olha, o efeito ele pode ser um efeito devastador num sentido, e pode ter um efeito politizador em outro sentido, tudo isso aí depende de uma série de condições. A verdade "verdadeira" é que eu acho que sempre é muito difícil a gente descrever para outra pessoa como você se sente no momento que você é discriminado. É extremamente difícil comunicar o tipo de dor que isso te causa. É extremamente difícil dizer o que você vai utilizar naquele momento para que o ato racista não te paralise. Mas todas as situações de discriminação que eu passei na minha vida elas de, algum modo, momentaneamente, me desestruturam. E o que acontece com a maioria das pessoas negras, é que na verdade, esse encontro permanente com o racismo faz com que você comece a criar limites em termos do mundo onde você vai circular. Você começa a restringir a sua circulação a determinados espaços, como forma de evitar a possibilidade da humilhação. Este é o efeito mais devastador do racismo. Existe um tipo de efeito, por exemplo, na adoção da ação afirmativa que é muito difícil de ser mensurado. O que a ação afirmativa faz: a pessoa negra quando ela tem certeza que naquele lugar a ação afirmativa existe, a expectativa dela modifica, ela diz: eu posso ir ali, porque ali eu sou uma pessoa bem vinda. O que a ação afirmativa faz: eu começo a aumentar as minhas expectativas, o meu desejo em termos de possibilidade de participação na sociedade. Eu encontrei esta semana com a reitora do IFBA, a professora Aurina e ela tava me falando uma coisa fantástica: com a adoção da lei de cotas agora este ano, que se estende para os institutos técnicos, as cotas para escola pública e negros/indígenas, comparando com vestibulares

anteriores, existe um aumento cerca de 2 mil inscrições que só podem ser explicadas pela lei de cotas, o que é fantástico o que ele libera de possibilidades para pessoas negras.

Lázaro - Boa parte da biografia da senhora, está marcada pela redefinição de caminhos para mulheres negras, também. Aí eu pergunto: o que é mais difícil, a luta de gênero ou a de raça?

Luiza - De uma maneira geral existe no Brasil uma facilidade maior de as pessoas entenderem que as mulheres sofrem discriminação, na sociedade brasileira, e que em função dessa discriminação também tem participação diferenciada em vários setores da vida social, em especialmente na política e etc. É mais difícil quando você coloca o negro nesta situação. Quando você junta as duas situações, eu acho que você ganha, no sentido de força política, você ganha em termos da capacidade de através destas lutas estabelecidas pelas mulheres negras, de você, ao mesmo tempo atacar a maneira como diferentes ideologias operam no Brasil, ideologias da mesma natureza, mas que tem mecanismos diferenciados. Então eu acho que a gente ganha mais força, quando junta estas duas questões quando trabalha em cima do efeito acumulado das discriminações. Não importa classe social, não importa background educacional, seremos sempre as trabalhadoras domésticas, que são quem? São as outsiders, são aquelas que participam intimamente de diferentes ambientes mas não fazem parte dele, não são incorporadas como parte daquele lugar. É como se você pudesse passar por estes lugares, sem que as pessoas pudessem mudar o seu comportamento. Não é assim que é feito com as empregadas domésticas? Sua vida segue e a pessoa está ali dentro. Você briga com a mulher, bate na mulher, maltrata o filho, faz tudo de bom e de ruim na frente da trabalhadora doméstica, por que aquela pessoa não existe para você. Isso lhe dá uma possibilidade, um ponto de vista para as questões da sociedade que nenhum grupo tem. As condições vividas pelos homens negros, pelos homens brancos, pelas mulheres brancas, e das relações entre esses, nós as mulheres negras temos uma percepção muito especial, por que nós não somos colocadas dentro. Ou somos colocadas numa posição, geralmente de subalternidade. Eu acho que aí está a grande força, porque aí está o ponto de vista pra sociedade que é muito particular nosso.

Lázaro - O estatuto da igualdade racial já está em vigor desde 2010, desde a aprovação até hoje, ele vem sendo alvo de algumas críticas, inclusive por partes de ativistas do movimento negro. A senhora afirma nas entrevistas que dá que ele é uma importante ferramenta de

trabalho político, principalmente para exigir de outros ministérios que criem e cumpram metas com perspectivas raciais. O racismo começa no governo?

Luiza - É difícil você dizer aonde é que o racismo começa, ele passa pelo governo sem dúvida alguma, por qualquer instituição no Brasil. Me parece que isso é que é a dificuldade maior, como é que você faz com que aquelas pessoas que formulam políticas públicas, que têm capacidade de dizer por onde a ação governamental vai caminhar, como é que ela muda o repertório de perguntas que ela faz para a realidade, isso é fundamental. E nessa dificuldade o racismo vai atuando o tempo inteiro, é o chamado racismo institucional. Você tem no Brasil uma constatação que vêm de "não sei quantos anos", na questão da mortalidade materna, as mulheres negras morrem mais por situações ligadas à gravidez e ao parto. Isso é chamado de morte evitável, você melhora isso com pré-natal, acesso ao pré-natal. No entanto, nunca se conseguiu no Brasil que a política de prevenção à morte materna fosse desenhada nas condições que levam as mulheres negras à morte.

Lázaro - Mas tem algumas coisas que a gente pode considerar avanço, olha só: conquista das cotas, conquista do estatuto da igualdade racial, pós "fome zero", "universidade para todos" e vários programas. Tem esses avanços todos, e qual é a meta agora?

Luiza - Esses avanços são importantes, mas a medida que eles vão se estabelecendo eles criam contradições novas por um lado, e demandas de outro. Uma coisa que eu chamo atenção: você tem no Brasil hoje um número maior de denúncias de discriminação racial sofridas por pessoas negras em supermercados, lojas de departamentos, shoppings centers e etc. O que significa isso: que houve uma certa mobilidade da população negra que têm mais acesso à renda portanto tem mais acesso a consumo hoje, e passa a consumir em espaços que elas não frequentavam antes, e ao ter acesso à esses espaços causa dentro deles um estranhamento, então os casos de discriminação racial aumentam. Os avanços, vou repetir, eles colocam desafios novos. Hoje a gente tem que fazer, do ponto de vista do racismo propriamente, uma ação muito mais agressiva, na medida que você vai conseguindo superar problemas de inserção social do negro. Sempre tivemos uma maioria de negros entre as camadas empobrecidas no Brasil, o que não se pode é dizer que o negro é discriminado por que é pobre, isso é o que não pode continuar acontecendo.

Lázaro - Mas a senhora sabe que esta é uma grande afirmação: o preconceito no Brasil é social e não racial.

Luiza - O que eu disse anteriormente, por exemplo, prova exatamente o contrário. Crianças negras estão cada vez mais sendo matriculadas em escolas particulares, e sofrendo discriminação, muitas vezes em escola particular de classe média. Esses casos crescem, não são apenas os negros em situação de pobreza que são discriminados, a medida com que estes casos vão crescendo, o que você percebe: que existe no Brasil, e o racismo faz isso, ele descola a pessoa, o que o racismo vê é a sua cor, e todos os significados que estão associados à ela. Eu na minha condição de ministra sofro discriminação em vários e diferentes tipos de situação, quando na verdade se valesse essa afirmação de que é discriminado por que é pobre, então como ministra eu não seria mais discriminada de maneira nenhuma, e não é isso o que acontece.

Lázaro - Qual é o seu maior sonho?

Luiza - Eu não tenho todos os sonhos meus desligados do trabalho que eu faço. O meu maior sonho é, em primeiro lugar, afirmar essa proposta que nós temos na SEPPIR, afirmar isso em todos os ministérios de maneira que eles se apropriem desta competência e esse compromisso de ter uma sociedade brasileira efetivamente igual de maneira com que a SEPPIR possa ser extinta. Este é o meu maior sonho: que o nosso trabalho seja assumido pelo conjunto e que não precise mais existir uma secretaria de promoção da igualdade racial.

Lázaro - Obrigado e boa sorte!

ANEXO I - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2

Apresentação: Lázaro Ramos; Direção: Thiago Gomes; Data: 03.07.2017; Temporada: décima segunda temporada; Entrevistado: Rico Dalasam.

Lázaro - E aí Rico?

Rico - E aí?

Lázaro - Vamos falar de que?

Rico - Vamos falar sobre o corpo, tenho pensado sobre isso bastante! Em sobre como a gente usa o corpo, o trânsito deste corpo para se fazer possível a existência!

Lázaro - De vez em quando eu tenho a oportunidade de pedir para o convidado escolher o tema a ser falado e você escolheu logo o corpo sem uma dúvida. Sendo que você é uma pessoa que ocupa o mundo com o seu corpo, com a sua opção, com seu cabelo, com sua maneira de vestir e você não fugiu ao tema no primeiro assunto. Por que? Por que essa é uma bandeira?

Rico - Não sei se é uma bandeira, Lázaro. Mas eu acho que no ir e vir das pessoas que passam pela nossa vida, os lugares que a gente passa... O que eu trago de volta pra casa é o corpo, e o que eu levo para dizer as coisas que eu preciso dizer sobre a minha existência também é o corpo.

Lázaro - E sempre foi assim?

Rico - Sempre foi assim, mas na grande parte do tempo eu não tinha isso como narrativa. Eu sabia que eu precisava dizer coisas que eu não estava aguentando segurar e me calar, só que eu também não tinha voz para fazer isso. E aí eu fui entendendo que a imagem me ajudava a construir isso. E essa intrepidez de ocupar espaços, de estar em lugares onde eu sabia que eu ia receber um olhar estrangeiro, que eu sabia que ia rolar uma negativa, e é estranho por que é como se fosse um catalizador desta repulsa e rejeição que se transforma em combustível para fazer meu RAP, para fazer minhas modas, meus cabelos, para narrar esta história com ajuda de todas essas vias artísticas, sabe?

Lázaro - E quem te apresentou o RAP?

Rico - Foi o Luciano. O Luciano era um cara lá do bairro, um amigo muito querido. Ele era uma referência para a gente, era uma referência estética, porque todo mundo do bairro por uma questão de mercado de trabalho e busca por profissão tinha a coisa de cortar o cabelo, o Luciano não, o Luciano tinha um black, é libertário quando você vê alguém fora da curva. Na casa dele tinha um CD do Nasir Jones, Miseducation da Lauren Hill, Born Again do Notorious e os nacionais, essa coisa bateu muito certo na minha cabeça e eu passei a ouvir RAP ali naquele instante e nunca mais parei. Para mim enquanto música, enquanto atitude, imagem, o Hip Hop resolveu mil questões sobre me reconhecer em alguma coisa.

Lázaro - Eu queria saber como é que você começou a se encontrar enquanto compositor?

Rico - Acho que veio muito junto quando eu me abri para a leitura e quanto eu fiz onze anos, foi a hora que o RAP chegou, foi quando eu me abri para ler sem ninguém mandar, ler por conta própria, daí eu fui descobrindo as palavras fui vendo que para o RAP você precisa ter as palavras, você podia ter todas as gírias do mundo, mas se você não tivesse as palavras para ser fio condutor desta narrativa não tinha como, e quando eu vi eu já estava escrevendo uns versos. Se hoje a gente busca ter o flow mais cabreiro, ser o MC acima da média na levada, no que dizem, como propõem o verso, naquele instante era quem tinha mais sangue pra por na caneta, eu ainda guri falava: não vou escrever nada. Eu fui crescendo e criando uma visão sobre as coisas, esse trânsito entre sair do Taboão e ir até o Centro foi me dando uma

percepção de que lá no meu bairro as pessoas se pareciam comigo e alí era um lugar onde elas sabiam se relacionar de uma forma, e quando iam para o centro elas se relacionavam de outra forma. E aí o Hip Hop fez mais sentido ainda, eu fui me debruçando mais, me debruçando mais, o RAP construindo na minha cabeça imagens, fotografias e isso para mim sendo sempre o suficiente e foi indo. Eu cresci mais e sempre escrevendo, e descobri que escrevendo eu desaguava várias questões que estavam começando a borbulhar na minha cabeça alí, e quando eu vi eu estava apaixonado pela cultura Hip Hop, pelo RAP, e tava aflorando uma coisa na minha cabeça alí que eu não sabia como que isso ia ser. Eu fala: cara, tem que ser bravo! Ao mesmo tempo como que tem que ser bravo eu gosto do menino da minha sala, e "não eu gosto do RAP" daí começou a construir esses dois mundos na minha cabeça com muita força.

Lázaro - Então você descobriu esses dois mundos ao mesmo tempo? A sua sexualidade e o RAP?

Rico - Foi, foi muito onze/doze... Da sexualidade você já sabe, é a maravilhosidade da sua alma é uma coisa que está em você e ponto, isso já influenciava em como eu ia mexer na roupa, eu cortava e botava na cândida, comprava aquelas tintas guarani, eu pintava o inferno tá ligado? E alguma coisa eu fazia, eu pegava maquininha raspava o cabelo, eu pegava um resto de tinta que minha irmã usou e passava, depois o pessoal falava "o que que você fez?" ia lá e raspava minha cabeça... Sempre existia um apetite de transgredir, de alguma coisa que o Hip Hop faz muito sentido nesse ponto, o RAP faz muito sentido só que ao mesmo tempo as fragilidades foram aflorando e criando esses dois pólos onde para eu me defender e esquivar de qualquer questão racial ou seja de homofobia, encontrei no RAP um escudo, uma coisa de me proteger, quando eu falava "não sei lidar", sei sim! Era um verso de RAP.

Lázaro - Você chegou a ir para a batalha de RAP, por que eu fico pensando assim: essas questões todas te rondavam e no improviso o que saía da sua boca?

Rico - Então, eu dava parte do meu universo para aquilo, eu não jogava meu universo alí, até por que eu não vivia, era um universo que tava muito na caneta. Eu não sabia como viver isso, por que quando eu ia ver as gays do meu bairro, elas se vestiam de outro jeito e essa coisa da imagem é para comunicar seus interesses e tal, e eu falava "vou vestir assim mas eu gosto de RAP", era sempre um conflito só que isso tava ganhando força em mim, eu preciso me relacionar nesse lugar e eu preciso do RAP. Eu ia na batalha, a intersecção desses dois

mundos foi criando uma terceira coisa que "Rico Dalasam" que é o mundo gay e o Hip Hop e eu tentando lidar com isso no mesmo corpo, só que eu estava muito mais aberto a construir essa imagem que passa pelo Pop e passa pelo Hip Hop, isso já era notado nas batalhas e as pessoas tinham uma coisa assim de "ah ele é fashionista, ele rima bem para caramba", "ele é todo doido assim mas ele chega foda nas rimas". Essa auto-afirmação foi indo e eu falava "eu tenho que fazer o flow igual aos cara gringo, e aí eu ouvia lá eles em inglês e pensava "isso daqui dá para fazer em português", foi nessa que eu fui criando a minha lírica essa coisa de quebrar palavras, de fazer os trava-línguas. Se a palavra é trissílaba e eu preciso rimar com a sílaba do meio, se eu tiver que jogar fora a última sílaba, eu jogo fora a última sílaba e pego todas as palavras que eu preciso... Se tiver que jogar fora duas outras sílabas fora... Eu preciso daquela sílaba, e as pessoas vão na inteligência delas saber que eu estou falando daquela palavra.

Rico - "Dala boy black emplaca, entre o buxo e a faca, no radar bota a mão na placa, vai ter que entender meu wakabake, entre os atabaques encarando as barca. Negro atarraca navio que atraca no container as droga passa a catraca. Sem seder-se, sedu... possi" aí eu estou falando: sem seder a sedução da possibilidade, mas é muita coisa para falar e pouco tempo, o mundo está andando entendeu? "Sem seder-se, sedu... possi, se um barril de rir te falta te.rO desfalque é mato, o estrago é macro, viver de quê, medíocre? Alibaba aluriê" Alibaba aluriê é tipo, é você que sabe o que é, é o seu estalo. Acho que a intenção é essa, é criar códigos onde as pessoas possam trazer significado para aquilo, eu acho que numa necessidade de diálogo que a gente tá nesse instante, propor códigos para esse momento se aflorar muito mais possibilidades e questões e vias de se compreender existências e o tempo que a gente vive, acho que os códigos precisam entrar e ter o seu papel, eu acho que é um outro jeito meu também de hackear esse processo. Esses dois mundos que estavam correndo em paralelo, eu sou a síntese disso hoje mas para essa intersecção ser algo pleno na minha cabeça certamente a forma de descrever isso, o alfabeto disso é um alfabeto único é uma possibilidade de fazer da língua uma outra intersecção entre os dois mundos e aí eu quebro as palavras, crio...

Lázaro - Seu nome é uma criação né?

Rico - Dalasam é: Disponho Armas Libertárias a Sonhos Antes Mutilados, Dalasam...

Lázaro - Você sabe que um monte de gente se sente muito representado por você hoje em dia. A gente colocou na internet a foto para depois a gente conversar, um monte de gente comentando assim “Pô esse cara me ajudou a me aceitar mais, a me encontrar”. Não foi nenhuma nem duas pessoas não. E se você ver, a gente está conversando aqui há quanto tempo? Há meia hora, vinte e cinco minutos. E as pessoas não estavam perguntando, elas estavam só dizendo “que bom que eu encontrei alguém como eu” e você se expõe publicamente o que é um desafio. Eu ia perguntar como é que você se sente com isso, mas eu já estou vendo no próprio olhar.

Rico - Você não se vê. Nada! Você liga a TV e não se vê. Você é uma criança, ou um adolescente criativo que gosta das artes, que tem uma necessidade de desaguar tudo que ta na sua cabeça, na sua imaginação infantil/adolescente, só que você não vê as vias para isso. Só que ao mesmo tempo você tem isso muito forte em você, e aí você começa a fazer. Você rasga uma roupa, você faz um negócio, você pinta uma coisa, você pixa um negócio, você corta o cabelo, você não corta mais só seu cabelo você corta o cabelo do seu amigo, você propõe uma outra imagem para fulano e ciclano, você vira cabeleireiro, você começa a fazer música... Você acha um jeito de sanar essa necessidade de se ver e isso nunca termina, sabe? O tempo vai passando, eu tenho vinte e sete anos, tem um monte de garoto de quatorze de treze e quinze anos que manda um monte de mensagem, enquanto eu tava nessa busca eu não vivi meus quatorze anos. Eu estava criando uma resistência sem saber, enquanto todo mundo estava carregando uma mochila com caderno e estojo, eu carregava uma mochila de oito livros, e eu estava achando que era isso, que esta era minha sina, enquanto não é, entende? Para mim hoje representar um tanto de gente que, que bom que eu existo para elas, me emociona muito por que a vida é muito rápida e apesar de tudo tem muita coisa que é muito recente para mim, essa coisa de estar fazendo música, está rolando shows e minha relação com moda que chama outros trabalhos, eu estava muito procurando isso, muito! Vem tudo muito rápido as coisas, você ser alguém que as pessoas passam a te ver. Você passar de invisível para o visível, além de ser uma mágica, ou um milagre, além de ser tanta coisa do extra natural, ainda isso na minha cabeça é uma coisa que eu não tive tempo de equacionar, de dizer "já entendi o que que é". Aí eu vou fazendo, me encontrando com gente na rua, só que eu me vejo neles o mesmo tanto que eles se vêem em mim, ou mais. Aí não tem como, me emociono mesmo quando eu estou cantando, por que é a mochila pesada. O mesmo brilho, o cabelo, tudo que você vê em um garoto de quinze quando ele vai lá no show. Quando eu faço um cabelo daí o menino reproduz lá na casa dele, eu corto a blusa aqui e ele vai e reproduz.

Ele reproduz só que ele vai sair na rua e correr todos os riscos de carregar essa imagem, sabe? Talvez eles não saibam, mas essa mochila com um milhão de livros que a gente acha que já tirou, mas nunca sai inteira das costas, quando eu encontro eles, quando a gente se vê no plano, é a hora que eu tiro. Se for fazer isso daí para sempre, só por essa troca para mim já é foda. Para mim ainda, se por um lugar eu desenvolvi uma resistência para lidar com homofobia, para lidar com o racismo, com o olhar estrangeiro, com a repulsa, o meu trânsito desde sempre pelos lugares foi desenvolvendo uma coisa em mim que se você me mandar hoje ir no lugar mais racista, eu vou chegar lá "tinindo". Eu vou botar a roupa que eu devo ir, vou fazer o cabelo que eu acho que devo fazer e vou chegar lá muito brilhando. No negócio mais homofóbico que tiver, eu vou! Eu falo "gente talvez a gente não volte mais, não volte hoje vivo" Mas eu vou, e isso para mim foi desenvolvido em uma quantidade em que eu vou. As vezes eu posso não ter a palavra exata para discorrer algumas coisas, mas eu tenho um corpo que vai e eu acho que já morreu algumas vezes, mas ele ainda tá aí. Já tem uma relação com esse morrer, sabe? Da opressão, do olhar excludente, da repulsa, e tem já em um outro grau, onde a gente já olha assim, e "plau"! tchau! Alibaba Aluriê, e vai!

Lázaro - Valeu! Obrigado viu?

ANEXO J - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 3

Apresentação: Lázaro Ramos; Direção: Juliana Vicente; Data: 26.03.2018; Temporada: décima terceira; Entrevistada: Diva Guimarães.

Lázaro - O meu coração chega dispara.

Diva - O meu também.

Lázaro - Como a senhora tá?

Diva - Bem, ansiosa. Mas uma ansiedade com felicidade, não sei se da pra entender essa mistura.

Lázaro - Estou sentindo a mesma coisa.

Diva - Agora vamos. Calmos.

Lázaro - Agora vamos calmos, vamos sentar vamos conversar. Isso daqui não é entrevista não. É conversa.

Diva (LOC OFF): Desde pequena eu sabia que queria ser professora, por que eu queria ser aquela pessoa que não ia deixar fazer com as crianças negras, os índios e os pobres o que fizeram comigo. O preconceit e o racismo matam, e a educação salva qualquer pessoa.

- Abertura -

Lázaro - Eu não sei nem como conversar com a senhora, por que foi tão forte o que aconteceu com a gente. Olha da minha parte eu acho que a gente tem uma ligação agora que eu acho que é pra vida toda.

Diva - Vou te contar que eu sou uma pessoa antes da FLIP, e outra pessoa depois da FLIP. Eu consegui naquele momento me libertar de uma coisa que eu carreguei 72 anos na minha vida e só me atrapalhou. Mas o momento da emoção foi aquele.

Lázaro - A senhora tem uma voz que deveria ser escutada sempre todos os dias.

Diva - Nunca fui.

Lázaro - Tem a ver com a senhora.

Diva - Não, teve a ver com a oportunidade do momento, por que se você quisesse, você tinha cortado ali no início

Trecho FLIP - Diva: Eu fiquei muito feliz quando você se referiu, que a gente está em uma plateia de maioria branca. Eu venho do interior do Paraná, lá do mato, estudar em Curitiba e eu sobrevivi e sobrevivo hoje como brasileira por que tive uma mãe que fez de tudo, passou de tudo quanto é humilhação para que estudássemos. Desculpa que eu to me estendendo, por que a grande oportunidade da minha vida que os dois e a palestra de ontem me deu para eu poder falar.

Diva - Foi um momento que assim... Não tive filho, não tive nada, de medo que eles sofressem. Foi um momento que eu senti o parto da minha mãe, do meu nascimento. As pessoas aceitando ou não, foi o que aconteceu comigo e eu só tenho a agradecer.

Lázaro - Foi a primeira vez que a senhora foi à FLIP?

Diva - Primeira vez. Eu falei: eu não quero morrer sem ir para uma FLIP. E quando você falou na abertura, eu já queria falar com você, mas como eu sou uma pessoa tímida (até por

proteção mesmo) por medo de falar e como as pessoas reagem sempre com a gente, sempre com agressão, sempre com humilhação e etc. então eu sempre fui uma pessoa muito recolhida. Bom quando nós fomos lá eu queria conversar com você pra dizer assim: como eu estou feliz por ter uma pessoa que me representa, que representa os negros, por que negro neste país que é vendido lá fora como se fosse um país onde não existe racismo, como um país das maravilhas que realmente é. Cidades maravilhosas, por exemplo o Rio de Janeiro, Bahia... Todos os lugares do nosso país tem coisas encantadoras, isso é uma verdade, mas não maravilhosas no sentido de que um povo super feliz, um povo humilde, e um povo que etc e etc, que não é nada disso. NADA!

Diva - Desde criança eu sabia que eu queria ser professora, que eu ia ser aquela pessoa que não ia deixar fazer com as crianças negras, os índios, os pobres da periferia o que fizeram comigo. Então eu não era muito bem vista por algumas pessoas minhas, colegas de profissão. Foi uma coisa assim: um respeito meio camuflado, que não era respeito. Isto pra mim não importava no seguinte sentido: eu vou fazer isso e pronto! Mas me machucava quando eu ouvia alguns comentários "eu bem sem de onde você veio", "negro tem dificuldade para aprender".

Trecho FLIP - Diva: Desde os cinco anos que as freiras contavam a seguinte história: que Jesus/Deus criou um lago/rio para as pessoas tomarem banho, as pessoas que são brancas é por que eram pessoas trabalhadoras e inteligentes chegaram neste rio tomaram banho e ficaram brancas. Nós como negros preguiçosos chegamos no final quando todos tinham tomado banho, o rio só tinha lama, então nós temos a palma da mão clara e as solas dos pés, por que nós só conseguimos tocar a palma das mãos e dos pés. Isso ela explicava para contar o quanto a gente era/é preguiçoso e isso não é verdade, por que se não a gente não teria sobrevivido.

Diva - Hoje é bonito falar "bullying" e tal né que na época a gente passava por tudo isso e não tinha esse nome bonito, e como a gente é invisível, entre aspas, por que é impossível não me enxergar, se eu apareço numa esquina me enxergam na distância que quiser. A gente é invisível entre aspas, e a gente é invisível porque a gente abaixa muito a cabeça e a gente não acredita nas nossas possibilidades. Por isso que eu acho que é muito importante ter uma família por trás, por que você pode passar por tudo isso e você não desiste por que tem alguém atrás dando apoio, como minha mãe fazia.

Diva (LOC OFF) - "Minha filha se você quiser vencer você vai ter que estudar, a única coisa que ninguém rouba de você é o conhecimento. Isso não tem como as pessoas roubarem. Você vai encontrar uma, duas, três, quatro, dez portas fechadas, mas uma vai se abrir, mas quando você chegar lá e o outro for cem por cento você tem que ser mil por cento. É muito pesado você viver as vinte quatro horas do dia provando e provando que você é capaz. Agora não me importo, agora eu falo, por que da FLIP pra cá eu tive oportunidade, me chamou eu vou, não quero saber aonde, eu vou e falo pelos nossos antepassados, eu falo por esse pessoal que está por aqui ainda a gente pode mudar, e falo especialmente para juventude negra, pobre, para os indígenas e falo também para os que estão por chegar. Como eles não querem me ouvir, alguém não quer e não é obrigado a concordar comigo, eu fui aprender esse tal de "mimimi" aqui no Rio de Janeiro - esse tal de "mimimi" conhecia por outras palavras - que eles querem que quando um negro tem oportunidade de falar, lá eles não falam "mimimi", lá eles falam assim "olha, quer ser vítima", "viu como é vítima", eu não sou vítima de nada, meu filho, a gente não deve se considerar vítima de nada, o que a gente tem que mostrar - e isso incomoda - é que a gente pode, é que a gente tem possibilidade de crescer na vida com todas as dificuldades, mas que nós temos possibilidade, inteligência e outras coisas mais.

Trecho FLIP - Diva: Eu com todo o preconceito, com todas as coisas, venci e estudo até hoje, aí as pessoas falam "ah, mas por que que você quer" por que eu quero pra minha cabeça, eu quero raciocinar, eu quero saber o que eu to lendo, o que ta acontecendo com meu país, o que ta acontecendo comigo. Obrigado.

Lázaro - Dona Diva, me diga uma coisa, depois daquilo tudo lá muita gente começou a procurar a senhora, o vídeo foi visto por muitas pessoas. A senhora viu quantas vezes?

Diva - Ai eu choro quando eu vejo, por que eu vou lhe dizer a verdade, não era nada daquilo. Eu queria agradecer você e a Joana. E primeiro por você nos representar, e a Joana por ser uma escritora europeia - olhinhos azuis, loirinha e tal - ter coragem de fazer um livro denúncia. O que que você vê escrito de nós na história? O que você vê na literatura, alguém negro. Agora está aparecendo, mas eu não tive essa possibilidade de estudar, eu vou fazer 78 anos e não estudei, passei por todas as fases escolares que tinha que passar. Eu não estudei, não tinha nada, a gente só ouvia que a gente era fujona e aquela história que me dá uma raiva,

sobre escravidão. E aí que entra a parte do estudo, por que a gente vai deixar de ser escrava, eles não vão gostar, mas a gente vai deixar de ser escrava.

Lázaro - O que que aconteceu com a vida da senhora depois daquele dia? Eu sei que nem a mim a senhora quis dar seu telefone, isso eu sei que eu pedi e a senhora disse: eu não quero não, vou dar o de Maria Alice por que toda hora tem alguém me ligando.

Diva - Não, mas não foi por isso. Primeiro: eu sou uma pessoa que meu celular é jurássico, então se alguém ligar no meu celular ninguém vai me encontrar, por que: ou está na gaveta, ou está na bolsa. Odeio barulho de celular, então está sempre no silencioso, então eu nunca escuto. Que está em lugar que não me permite escutar.

Lázaro - Então não é por que não queria ser incomodada não, né?

Diva - E o outro que é o fixo, agora você me achar em casa é difícil. Então agora vou ter que começar a atender, por que eu não posso responsabilizar a Maria Alice pelas coisas, por que as vezes as pessoas ligam, entram em contato com ela e acha que ela não quer passar. Mas eu quero deixar bem claro, eu sou uma pessoa que quem decide por mim sou eu, decidi desde criança. Eu tenho certeza absoluta que eu não vou perder a memória, por que se eu sentir que vou perder, antes de perder eu mesmo já vou ver um local pra ficar. Aliás eu já tenho, já está bem certinho lá onde eu quero ir, pra não incomodar as outras pessoas e o que resta da minha pequena família, que é o pessoal jovem que a gente tem que entender que eles tem que trabalhar pra sobreviver, e eu não quero atrapalhar, mas ninguém manda em mim. Eu decido, não sei se ta certo ou errado, mas eu decido. Eu tinha escolhido até a morte que eu queria ter, eu queria morrer em uma quadra de basquete, mas não deu certo, e eu sei por que não deu certo. Exatamente pelo ódio que eu trouxe assim 72 anos da minha vida, e cada vez que eu me lembrava eu reforçava mais esse ódio, o que não é bom pra ninguém. Se alguém tiver ódio, que se livre desta praga na vida, por que quem vai sofrer é quem tem ódio.

Lázaro - A senhora que decide tudo né? A senhora ja decidiu se vai lançar livro, por que a senhora foi perseguida por várias editoras.

Diva - Primeiro eu não queria fazer livro nenhum, por que eu ia - eu tenho umas ideias malucas - que ganhar em cima do meu sofrimento? Eu não queria. E assim muitas pessoas me

abordam "ta ganhando muito dinheiro" pra fazer o que você está fazendo, eu não estou ganhando nada por que eu não quero saber dessa parte. Eu quero ter oportunidade de falar, o que eu nunca tive, então tá aí em estudos mas sem pressão, por que enquanto eu puder eu vou fazer o que eu queria fazer lá atrás. Falar pelos mais necessitados, por falar por mim mesmo, de falar pelos meus antepassados e de falar para essa moçada que tá por aí que eu ainda tenho a esperança que este país mude, mas que para este país mude eles precisam ter conhecimento. Que então não tenham vergonha de receber cota, aproveita por que a cota lá atrás em 1500/1600 e tantos, já existia para o branco que não tivesse descendência negra e que não tivesse descendência de sangue indígena, é só pesquisar bem lá atrás que tem na história.

Diva - Te amo!

Lázaro - Te amo! Você quer me matar!

Diva - Não morra! Viva para você poder falar mais por nós. Eu estou tendo a oportunidade, mas você tem mais do que eu, está bom? Então fique firme e conte comigo para o que der e vier. Estamos na luta! Estamos na luta!

Lázaro - Tem um negócio que a gente tava fazendo no programa que eu nem fiz com a senhora que é assim "O que é que a senhora quer dizer de novo pelo mundo?" Mas a senhora tem feito tanto que eu acho até injusto perguntar isso pra senhora.

Diva - Eu só quero que o mundo. Especialmente para nós, os tais dos "invisíveis", especialmente para nós. Que - conselho tem aquele ditado que não é bom, então é "experiência de vida" - eu só me salvei pela educação, por que o preconceito e o racismo mata, e a educação salva qualquer pessoa, mas para isso a gente tem que ter conhecimento, para a gente não ficar perpetuando para o resto da vida essa coisa de que "não, tenha paciência, não pode ser assim". Pode ser assim, sim! A arma que mais fere o teu adversário é sabe o que? É você saber mais do que ele, essa é a arma que mais fere ele.